



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Providence Bampoky

**A REPRESENTAÇÃO DA RESISTÊNCIA NO ROMANCE *LES BOUTS DE
BOIS DE DIEU* DE OUSMANE SEMBÈNE**

**São José do Rio Preto
29 de março de 2017**

Providence Bampoky

**A REPRESENTAÇÃO DA RESISTÊNCIA NO ROMANCE *LES BOUTS DE
BOIS DE DIEU* DE OUSMANE SEMBÈNE**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Teoria e Estudos Literários).

Agência financiadora: CNPq

Orientadora: Prof^a. Dra. Flávia Nascimento Falleiros.

**São José do Rio Preto
29 de março de 2017**

Bampoky, Providence.

A representação da resistência no romance Les Bouts De Bois de Dieu De Ousmane Sembène / Providence Bampoky. -- São José do Rio Preto, 2017
154 f.

Orientador: Flávia Nascimento Falleiros

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura africana – História e crítica. 2. Negros – Condições sociais. 3. Sembène, Ousmane. 4. Colonialismo. 5. Resistência. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 896.09

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Providence Bampoky

**A REPRESENTAÇÃO DA RESISTÊNCIA NO ROMANCE *LES BOUTS DE
BOIS DE DIEU* DE OUSMANE SEMBÈNE**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Teoria e Estudos Literários).

Agência financiadora: CNPq

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dra. Flávia Nascimento Falleiros
UNESP - São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Pablo Simpson Kilzer Amorim
UNESP - São José do Rio Preto

Prof^ª. Dra. Guacira Marcondes Machado Leite
UNESP – Araraquara

**São José do Rio Preto
29 de março de 2017**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família, em especial, ao meu Pai, pelo esforço que sempre fez para que nada me faltasse. A você, **Pai**, sou eternamente grata por tudo que sou, por tudo que consegui conquistar e pela felicidade que tenho.

AGRADECIMENTOS

Nesses anos de mestrado, de muito estudo, esforço e empenho, gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Por isso, expresso aqui, através de palavras sinceras, uma amostra da importância que elas tiveram, e ainda têm nesta conquista e a minha sincera gratidão a todas elas.

Primeiramente, agradeço aos meus pais Louis e Germaine; à minha tia e mãe Marie Pauline; às minhas irmãs Francine, Suzane, Filomène, Marceline; ao meu irmão Arnaud Paterne, que apesar da distância sempre acreditaram em minha capacidade. Obrigada por desejarem sempre o melhor para mim, pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar aqui e, principalmente, pelo amor imenso que vocês têm por mim. A vocês, minha família, sou eternamente grata por tudo que sou, por tudo que consegui.

Minha gratidão à Professora Flávia Nascimento Falleiros, minha orientadora, pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação e profissionalismo. Muito obrigada!

Minha eterna gratidão às amigas pelos momentos divididos, especialmente, à Adriana e Júlia que se tornaram verdadeiras amigas e deixaram meu trabalho mais leve. Aos poucos nos tornamos quase irmãs. Obrigada por dividir comigo as angústias e alegrias e ouvirem minhas bobagens. Foi bom poder contar com vocês!

Agradeço muito à Isadora, Mirian, Elisabeth, que estiveram ao meu lado durante esta fase, dando força e apoio. Obrigada pelas suas amigas que tornaram possível a concretização deste trabalho.

Quero agradecer também aos amigos Edson e César, que não pouparam esforços para me ajudar e fazer com que eu me sentisse em casa aqui no Brasil. Sou muito grata a vocês.

Um agradecimento especial à Christine, Grimaldo, Marlene, Marta, a toda a família Amaral em São Paulo por abrir as portas de sua casa para mim.

Agradeço a todos os professores do Curso de Letras, que me acompanharam mais de perto neste momento. Em especial à Professora Cláudia Maria Nigro pelo

carinho e por acreditar em meu potencial de uma forma que eu não creditava ser capaz de corresponder.

Minha gratidão a Professora Maria Cláudia Rodrigues Alves por me possibilitar concretizar o sonho de realizar meu mestrado nesse Instituto tão conceituado - (UNESP/IBILCE).

Aos Professores Pablo Simpson Kilzer Amorim e Guacira Marcondes Machado Leite, membros da Banca Examinadora, por terem atendido ao convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este trabalho.

Queria expressar a minha eterna gratidão aos Professores Madiagne Diallo e Gilbert Ndecky pelos conselhos e incentivo, pela disposição e por terem me ajudado em diversos momentos. Obrigada pelos ensinamentos e pela amizade.

Não podia deixar de agradecer à Embaixada do Brasil no Senegal, pela oportunidade que tive de aprender e aprimorar meus conhecimentos, além da experiência que pude adquirir ao trabalhar com uma equipe maravilhosa e por todo crescimento profissional e pessoal que obtive. Obrigada por estimular em mim o interesse pelos estudos no Brasil, por me permitir conhecer novos horizontes e fazer novas amizades.

Agradeço ainda ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” por todo o apoio acadêmico e infraestrutura disponibilizada, sem os quais o presente trabalho não seria possível.

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil. Agradeço essa Instituição pelo apoio financeiro que pude usufruir durante 24 meses e, principalmente pelo interesse nessa pesquisa.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigada!

Não estou de acordo com aquele que dissesse: “É inútil sublevar-se, tudo permanecerá sempre a mesma coisa”. Não se faz a lei a quem arrisca sua vida diante de um poder. Aquele que se revolta tem ele razão? [...]. Subleva-se, é um fato: e é através disso que a subjetividade (não a dos grandes homens, mas a de qualquer um) se introduz na história e lhe dá seu sopro.

Foucault (2001, p. 793) grifo nosso.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo o estudo do romance *Les bouts de bois de dieu* (1960) de Ousmane Sembène, com o intuito de analisar a representação da resistência, dando ênfase ao movimento revolucionário dos operários negros da ferrovia Dakar-Níger (1947-1948). Para compreender um pouco mais esse cenário de resistência, partimos, em primeiro lugar, de uma retrospectiva da ocupação colonial francesa na África ocidental (especificamente, no Senegal e no Sudão francês) que se iniciou processualmente a partir da última década do século XIX nessa região e cujo processo propiciou o surgimento de uma literatura negro-africana de expressão francesa. Essa perspectiva torna-se relevante na medida em que possibilita levantar, em segundo lugar, uma discussão sobre o surgimento de uma nova consciência do colonizado que decide lutar contra a hegemonia do colonizador no que tange à recuperação da sua dignidade. Esta postura de recusa à subserviência e à exploração desperta no decorrer desta narrativa uma série de confrontos entre negros e brancos, sendo esses últimos os únicos detentores do poder econômico e político. No tratamento desta temática, propomo-nos analisar e discutir, por fim, o modo como a tomada de posição e as ações de resistência protagonizadas pelas mulheres durante a greve dos operários deram um impulso nas manifestações e contribuíram para a aceitação das reivindicações dos grevistas (ajuste salarial, aposentadoria, férias renumeradas, abonos de família, entre outros). Fatos marcantes na descolonização do poder administrativo e da mudança da mentalidade social.

Palavras-chaves: Colonialismo, resistência, exploração, revolta, literatura africana de expressão francesa

ABSTRACT

The purpose of this research on the novel by Ousmane Sembène *Les bouts de bois de dieu* (God's Bits of Wood, 1960) is to try to analyze the resistance representation, focusing on the revolutionary movement of the first we will talk about a retrospective of the french colonial occupation in West Africa, mainly in Senegal and in French Soudan where the process started to the last decade of the XIX century in the region, which gave birth to a french negro-african literature. This perspective seems to us relevant since it will allow us to open a discussion on the emergence of a new consciousness of the people under colonial domination who have decided to fight against the egemony of the colonizer in order to recover their dignity. This will to refuse submission and exploitation generates all this narrative a succession of confrontation between black and white people, the latter being the only holder of the economic and political power. When dealing with this theme, we want to analyze and discuss eventually the position and resistance fights waged by women during the strike of railway workers : how they helped one another along during the demonstrations and at the same time how they contributed to the acceptance of labour demands (wage adjustment, child benefits, retirement pension, paid holidays, among others). They really fought to finally contribute to decolonize administrative power and to change social mentality.

Key words : colonialism, resistance, exploitation, revolt, french african literature

RÉSUMÉ

Ce travail de recherche a pour objectif l'étude du roman *Les bouts de bois de dieu* (1960) de Ousmane Sembène, afin d'analyser la représentation de la résistance, en mettant l'accent sur le mouvement révolutionnaire des cheminots noirs du Dakar-Niger (1947-1948). Pour mieux comprendre ce scénario de résistance, nous partons, en premier lieu, d'une rétrospective de l'occupation coloniale française en Afrique Occidentale (plus précisément au Sénégal et au Soudan français) qui a débuté la procédure vers la dernière décennie du XIX siècle dans cette région et dont le processus a occasionné la naissance d'une littérature négro-africaine d'expression française. Cette perspective s'avère pertinente en ce sens qu'elle permet, en second lieu, d'ouvrir une discussion sur l'émergence d'une nouvelle conscience du colonisé qui décide de se battre contre l'hégémonie du colonisateur dans le but de récupérer sa dignité. Ce refus de soumission et d'exploitation génère tout au long de ce récit, une série d'affrontements entre noirs et blancs; ces derniers étant les seuls détenteurs du pouvoir économique et politique. Dans le traitement de cette thématique, nous nous proposons d'analyser et de discuter, en dernier lieu, les prises de position et les actions de résistance menées par les femmes, lors de la grève des cheminot, comment elles se sont donné des coups de pouce pendant les manifestations et en même temps comment elles ont contribué à l'acceptation des revendications des grévistes (ajustement salarial, allocations familiales, retraite, congés rémunérés, entre autres). Elles ont réellement lutté, et, in fines contribué à la décolonisation du pouvoir administratif et au changement de la mentalité sociale.

Mots-clés: Colonialisme, résistance, exploitation, révolte, littérature africaine d'expression française.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa da Partilha do continente africano	23
Figura 2. Mapa da África Ocidental Francesa (AOF) em 1899.....	26
Figura 3. Mapa dos impérios do Senegal Pre-colonial do séc. XV ao séc. XVIII.....	28

LISTA DE SIGLAS

AOF (África Ocidental Francesa)

AEF (África Equatorial Francesa)

CGT (Confederação Geral do Trabalhador)

PCF (Partido Comunista Francês)

MRAP (Movimento contra o Racismo e para a Amizade entre os Povos)

FLEANF (Federação dos Estudantes da África Negra na França)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – DA OCUPAÇÃO COLONIAL À FORMAÇÃO DA LITERATURA NEGRO-AFRICANA DE EXPRESSÃO FRANCESA.....	20
1.1. Contextualização.....	21
1.2. Expansão e luta imperial: Senegal e Sudão Francês – Estudo de alguns casos...25	
1.3. O Regime do Indigenato e as <i>Quatre Communes</i> do Senegal.....	33
1.4. A literatura negro-africana de expressão francesa: uma nova forma de resistência ao colonialismo.....	41
1.4.1. Ousmane Sembène: um romancista militante.....	50
CAPÍTULO II - <i>LES BOUTS DE BOIS DE DIEU</i>: UM ROMANCE DE RESISTÊNCIA	57
2.1. Apontamentos iniciais do romance	58
2.2. Os elementos da narrativa	60
2.2.1. As personagens	60
2.2.2. O tempo	72
2.2.3. O espaço	77
2.3. A resistência operária diante das tendências oposicionistas.....	83
CAPÍTULO III - A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E O SEU PAPEL NA RESISTÊNCIA.....	101
3.1. Mulher e literatura	102
3.2. A sociedade patriarcal: a mulher na sua representação tradicional	105
3.3. A nova imagem da mulher: transição e resistência	119
3.3.1. O manifesto de uma tomada de consciência	119
3.4. Conflitos e resistência	123
3.4.1. A marcha das mulheres	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	144
ANEXOS.....	152

INTRODUÇÃO

Introdução

Para as potências europeias, colonizar subentendia-se relacionar com povos novos para tirar proveito deles, usufruindo dos seus recursos e de qualquer natureza que seja, em proveito dos interesses das metrópoles, e em contrapartida levar para essas populações “primitivas” as supostas vantagens da cultura intelectual, social, econômica, científica, industrial, tendo em vista que na lógica do colono e no ponto de vista exclusivamente político, esses povos necessitavam dessas vantagens para superarem os seus “atrasos”. Desse modo, tem-se a cultura e o modo de viver do europeu justapondo-se às culturas e modo de vida dos seus colonizados, assim como resume Ferhat Abbas:

A colonização constitui [...] uma verdadeira revolução, que vem transtornar todo o antigo mundo de crenças e ideias, um modo secular de existência. Coloca todo um povo diante de uma súbita mudança. Uma nação inteira, sem estar preparada para isso, vê-se obrigada a se adaptar ou, se não, sucumbir (FERHAT, 1931 p. 9).

A colonização revestia-se de formas variadas de dominação direta e indireta. Sendo que a natureza da dominação de cada povo dependia de uma série de fatores, de acordo com cada colônia, sempre atendendo, em primeiro lugar, às necessidades da metrópole, de modo geral, não respeitando as culturas e as estruturas de poder local.

Fica evidente que esse processo de dominação não se efetuou com total passividade. O confronto com os povos africanos sempre foi um problema enfrentado pelas potências europeias. O descontentamento dos soberanos africanos perante as novas organizações sociais e diante de suas novas condições de vida desencadeou uma série de resistências, dentre as quais: lutas imperiais, táticas de guerrilha, jihad, movimentos messiânicos, além das resistências cotidianas que também eram decisivas. Como ressalta Hernandez (1999), uma importante força de contestação formou-se durante esse período de colonização, com intuito de se libertar do jugo colonial. O papel dos movimentos de resistência à dominação colonial variou segundo os diferentes períodos da história. Na segunda década do século XX, a resistência contra o colonialismo firmou-se através dos movimentos literários que se tornaram um verdadeiro instrumento de luta e de denúncia aos abusos e injustiças coloniais.

A partir de tais considerações se insere o nosso presente trabalho, que tem como foco principal analisar e discutir a representação da resistência com base no romance *Les bouts de bois de Dieu* de Ousmane Sembène, dando enfoque ao movimento de greve dos operários negros da linha ferroviária do Dakar-Níger, em outubro de 1947.

Porém, o interesse por estudar a literatura africana no Brasil vem de uma trajetória profissional ligada à experiência que tive como funcionária na Embaixada brasileira no Senegal. No entanto, no período que trabalhava nessa representação diplomática, tive contato com pessoas que despertaram minha paixão pela literatura e pela língua portuguesa. É lógico deduzir que a minha intimidade com essa língua, a qual eu tinha pouco domínio, aumentou. Sendo assim, solicitei uma bolsa de estudo no Brasil, a qual foi concedida a mim após um longo processo, evidentemente com o apoio da minha orientadora.

Durante as primeiras fases de desenvolvimento da pesquisa, o nosso intuito era fazer a tradução de alguns trechos do romance de Sembène para o português do Brasil. Mas, após reflexão, julgamos essa empreitada bastante restrita para atender de forma mais explícita nosso objetivo, que é dar ao público brasileiro uma visão mais ampla do conteúdo desse, levando em consideração os aspectos culturais da sociedade senegalesa e explicitando o tom da denúncia que prevalecem no universo desse romance nascido de um contexto de dominação e de opressão colonial, o qual aparece como um resgate histórico da colonização francesa. Desde então, fazer um estudo aprofundado do romance, com o propósito de analisar a representação da resistência, tornou-se o foco principal desta pesquisa.

Por que *A representação da resistência* como tema da dissertação?

No nosso caso, trata-se de abranger a realidade colonial na África Ocidental Francesa, especificamente no Senegal e no Sudão francês (Atual Mali), através da leitura do romance *Les bouts de bois de Dieu*. A história da colonização foi abordada por várias escritas, portanto pensamos que o romance de Sembène, enquanto expressão artística, é também algo suscetível de reconstruir, a partir do nosso tema de estudo acima salientado, a memória política e cultural da sociedade senegalesa como também de mostrar o engajamento ideológico do autor, que é a denúncia das atrocidades praticadas pelo sistema colonial francês e suas consequências nefastas sobre as populações colonizadas. Tendo em vista que não há como dissociar o discurso literário das práticas sociais em que ele está inserido. De acordo com Ezra Pound, “a literatura é a linguagem carregada de significado”, e é com este intuito que o escritor utiliza as palavras para evidenciar sua visão de mundo (POUND, 1970). Entende-se, então, que mediante cada obra literária, expõe-se a ideologia, a postura do romancista diante da realidade e das aspirações sociais.

Enquanto militante engajado e operário negro, tendo participado da greve operária de 1947, o romancista senegalês sempre se preocupou com a realidade social do trabalhador, vivenciada tanto no período colonial quanto pós-colonial. Por isso, ele colocou no centro da sua produção literária a questão da exploração que tange desumanizar a classe proletária e do negro em geral. Por conseguinte, o autor a coloca em constante conflito com a classe dominante estruturada por um aparelho opressivo. Talvez seja essa visão conflituosa e patética que gerou a vontade de denunciar os mecanismos repressivos do regime colonial, fazendo com que se encontre uma certa originalidade nas escritas de Sembène. Todavia, é interessante notar que Sembène prioriza nos seus romances o aspecto temático da denúncia da realidade colonial em detrimento à dimensão estética. De certo, esse marco específico dos seus romances atraiu nossa atenção, ressaltando que as primeiras produções literárias negro-africanas de expressão francesa, em sua maioria foi moldada e influenciada pelo pensamento analítico do colonizador, embora, servindo aos interesses do público europeu.

Para Ousmane Sembène, a experiência da colonização traumatizou o negro ao ponto de perder toda sua dignidade. No entanto, para reabilitá-la e recuperar sua liberdade perdida, cabe ao colonizado tomar consciência da sua condição e reagir. É nesse prisma que o romancista propõe a revolta coletiva numa perspectiva marxista, visto que, a libertação só acontece quando o colonizador é capaz de reconhecer a liberdade do colonizado. Essa relação de conflito entre explorador e explorado constitui, de fato, o pano de fundo do presente romance de estudo. Conflito esse que envolve a luta pela conquista dos direitos dos trabalhadores negros – a construção da justiça social e da igualdade entre trabalhadores negros e brancos.

Assim sendo, a nossa pergunta de pesquisa visa a conceber *como se deu a ação da resistência a partir do movimento de greve deflagrado pelos operários negros?* Como objetivos específicos, observamos os seguintes: a) analisar o processo da colonização francesa de forma a retratar os demais mecanismos de defesa das populações africanas, perante a instauração do aparelho de repressão colonial francês; b) analisar o papel do sistema colonial na formação de uma elite intelectual, que se apodera da literatura para substituir o seu próprio discurso por outro hegemônico, sendo veiculado pelo colonizador sobre o colonizado; c) demonstrar como o movimento de greve dos ferroviários negros constituiu um grito de revolta contra a opressão e a desigualdade colonial; d) buscar entender como a consciência de classe consolida as posturas de resistência diante da ideologia do colonizador; e) levantar uma discussão sobre a valiosa

contribuição das personagens femininas na luta pelas mudanças sociais, levando em conta as relações ambíguas decorrentes da sua intromissão num espaço dominado pelo poder masculino e por valores tradicionais.

Sendo assim, o nosso trabalho será estruturado em três capítulos, de forma a discutir a questão acima proposta. No primeiro capítulo, propusemo-nos a fazer uma contextualização do processo colonial, partindo dos primeiros movimentos de resistência local até chegar ao surgimento dos movimentos literários. Porém, é importante destacar que o intuito desta seção não é realizar um estudo pormenorizado do colonialismo, mas discutir como a tentativa de resistência de alguns reinados, nascida com o ímpeto da expansão francesa e apaziguada por mais de cem anos, ressurgiu com os movimentos da literatura negro-africana. Assim, nessa dinâmica, julgamos conveniente fazer uma leitura bibliográfica centrada em Ousmane Sembène, baseando os nossos argumentos exclusivamente nas teorias de Samba Gadjigo, historiador e biógrafo oficial do romancista. Tal empreendimento torna-se relevante à medida que nos permite fazer uma interpretação mais aprofundada do romance objeto de estudo.

No segundo capítulo, objetivamos analisar e compreender o romance propriamente dito, retrazendo os momentos cruciais do movimento grevista. Nessa perspectiva, torna-se relevante discutir, em primeiro lugar, o modo como o narrador serve-se dos elementos da narrativa para descrever as circunstâncias que acarretaram a sublevação dos ferroviários negros da linha do Dakar-Níger. Elementos narrativos que de fato favorecem, ao longo do desdobramento da narrativa, um sentimento gradativo de revolta. Após isso, refletimos a maneira como o nascimento de uma consciência de classe propiciou uma luta de resistência contra as tendências oposicionistas, que se objetivaram a aglutinar as manifestações operárias e os resultados obtidos com essa revolta. Sob essa ótica, são elucidados os conflitos ideológicos pela busca de liberdade, que justificam o desejo dos operários negros oprimidos há muito tempo.

No terceiro e último capítulo procuramos mostrar o percurso das personagens femininas – desde sua representação na sociedade tradicional patriarcal a sua intromissão num universo masculino, de modo a impulsionar a quebra dos preconceitos sociais e a contribuir para acelerar o processo de libertação colonial. Nessa sequência, trata-se, então, de discutir, em primeiro lugar, a imagem da mulher, dando ênfase a sua vida no papel de mãe, dona de casa e suporte essencial da família na sociedade tradicional, isto é, o destino que lhe foi atribuído pelo patriarcalismo. Essa visão nos

permite abordar, em segundo lugar, o modo como a tomada de consciência e as ações de resistência, protagonizadas pelas personagens femininas, foram cruciais para a aceitação das reivindicações dos trabalhadores negros.

Metodologicamente, conciliamos um referencial teórico com um literário, contribuindo para o esclarecimento da nossa análise. No entanto, em virtude do nosso tema de estudo, o qual é voltado à questão da colonização francesa, deparamo-nos com uma falta de documentos escritos em português, recorrendo assim a um número maior de referências bibliográficas francesas. De igual modo, vale a ressalva de que o uso de algumas expressões em francês é proposital ao longo de todo esse trabalho. Dentre elas, citamos: *Indigène*, *Quatre Communes*, *Canton*, *Sujet*, *Statut personnel*, entre outras. A intenção desse procedimento é mostrar como elas se apresentam no discurso colonial francês e demonstrar o quanto esses termos expressam um sistema de discriminação, de exploração e de violência, legalizado pelo colonizador a fim de fazer perdurar um longo processo de dominação dos povos colonizados.

Por se tratar de um romance repleto de elementos culturalmente marcados (palavras, expressões, construções sintáticas e até mesmo elementos fonológicos), julgamos necessário aplicar uma metodologia de perspectiva da tradução enquanto reescritura, obviamente, com a finalidade de facilitar a compreensão do nosso trabalho. Desse modo, as traduções dos trechos em recuo, isto é, as citações de mais de três linhas extraídas do romance objeto de estudo (*Les bout de bois de Dieu*), estão sempre acompanhadas dos trechos originais em francês, no entanto, colocamos nas notas de rodapé as citações de menos de três linhas. Por essas razões, procedemos da mesma forma com comentários e notas sobre algumas expressões e conceitos relativos à cultura senegalesa e suas particularidades na África, sempre que necessário. Afinal essa metodologia nos leva a dizer que a tradução aparece nesse trabalho como um resultado parcial do nosso objetivo inicial que era de fazer a tradução do romance para o português do Brasil.

Ao final deste trabalho, esperamos ter contribuído para uma reflexão crítica da história da colonização no Senegal e no Sudão Francês e também de certa forma para a divulgação da literatura africana de expressão francesa, que ainda é pouco estudada no Brasil, em particular, a divulgação da produção romanesca de Ousmane Sèmbene, que a par da denúncia das atrocidades cometidas pelo sistema colonial francês constitui um marco da riqueza cultural da sociedade senegalesa.

**CAPÍTULO I – DA OCUPAÇÃO COLONIAL À
FORMAÇÃO DA LITERATURA NEGRO-AFRICANA DE
EXPRESSÃO FRANCESA**

CAPÍTULO I – DA OCUPAÇÃO COLONIAL À FORMAÇÃO DA LITERATURA NEGRO-AFRICANA DE EXPRESSÃO FRANCESA

1.1. Contextualização

A dominação colonial encontra o seu principal fundamento nas relações de exploração, opressão e discriminação. Relações inspiradas por pressupostos de inferioridade do colonizado. A lógica da dominação introduziu o discurso da diferença e da inferioridade, com o intuito de legitimar suas ações no continente africano.

Portanto, desde 1415, as potências europeias empreenderam o devassamento do litoral africano – expedições em busca de matérias-primas: marfim, ouro e escravização dos povos africanos – a partir daí, formaram novas rotas de comércio abertas com o continente africano, vinculadas à criação de entrepostos limitados, apenas, nas costas do continente. No entanto, o final do século XIX e a virada do século XX revelaram um novo contorno marcante das relações entre Europa e África:

Na verdade, as mudanças importantes mais espectaculares – e também mais trágicas - ocorreram num lapso de tempo bem mais curto, de 1880-1910, marcado pela conquista e a ocupação de quase todo o continente africano pelas potências imperialistas e, depois pela instauração do sistema colonial. A fase posterior a 1910 caracterizou-se essencialmente pela consolidação e exploração do sistema (BOAHEN, 1985, p. 25).

A causa primeira dessa nova postura foram os novos objetivos que passaram a dominar as viagens e as expedições europeias no continente, que a partir desse momento, dedicavam-se a devassar os interiores do continente negro, projetando um maior reconhecimento das zonas mais recuadas, até então pouco exploradas. Esse interesse foi crescente e decisivo para que os europeus pudessem manter tudo sob controle. Além de que, naquele contexto histórico, a Europa vivia um momento de “concorrência entre economias industrial-capitalistas rivais” (HOBSBAWM, 1988, p.114). Um desafio marcado pela mecanização da indústria têxtil, que começa a amadurecer e encontrar novas oportunidades de negócio, pois os motores a vapor

permitiam maiores ganhos de produtividade. A agricultura também está começando a usar máquinas que reduzem a necessidade de mão de obra. Nesse caso, as grandes plantações da América têm menos necessidade de escravos para trabalhar a terra.

O rumo para a conquista do interior das zonas costeiras foi impulsionado, ainda mais, pela intenção de resolver os problemas impostos pelo desenvolvimento de uma economia capitalista europeia. Motivadas pelos mesmos interesses – permanecer na África e vislumbrar a possibilidade de explorar as riquezas naturais e a mão de obra aí existentes – as potências imperialistas acirram uma grande disputa entre elas mesmas.

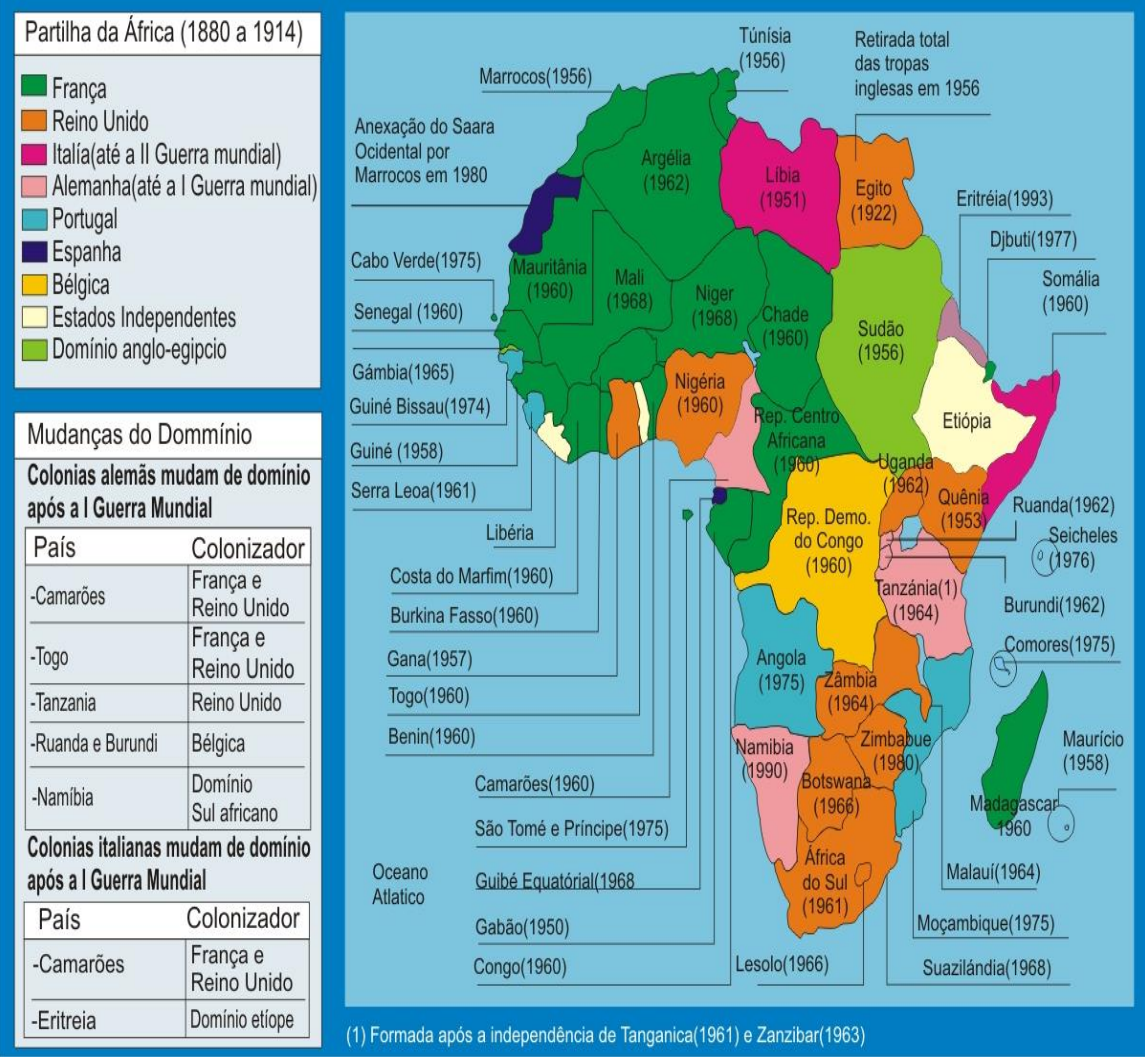
Diante deste jogo de interesse europeu, a África revela-se como o único alvo suscetível a desempenhar um novo papel de fornecedor de matérias-primas e de produtos agrícolas para a metrópole. A busca de um novo mercado e espaço de investimento de capitais, cada vez mais acirrada entre as demais potências na disputa colonial, impunha o uso de uma estratégia equitativa, que oficializaria suas possessões no continente.

O quadro mais nítido de tal argumento consolida-se à imagem da codificação da “Partilha” sistemática do continente na “Conferência de Berlim”¹. Momento em que as potências europeias recortam o mapa da África em várias possessões sobre as quais elas pretendem exercer um controle decisivo no plano militar, político e administrativo, de acordo com seus interesses. Ao longo desse processo, vários tratados são assinados entre as potências europeias definindo fronteiras artificiais e arbitrárias que perduram até os dias de hoje (FERRO, 1996). Assim, assegurava-se na ideologia de direito à ocupação de vastos territórios na África. Essa “Partilha” de fato é um consenso, a ser vista como uma das causas principais dos constantes conflitos armados na região.

¹ Segundo ilustrado por Brunschwig (1974), em África, as potências ocidentais entram em competição para a ocupação de novas terras. A Conferência de Berlim (Novembro de 1884 - fevereiro 1885) estabelece as regras que devem reger a ocupação do continente africano. Ela proclama a liberdade de navegação nos grandes rios africanos, o Níger e Congo, e permite que os Estados europeus, já presentes nas costas africanas, anexem o interior das terras. Essa conquista assume, desde então, duas formas principais: “competições, conflitos e acordos entre as grandes potências europeias e multiplicações de tratados com líderes africanos”. A França constitui um vasto império, desde o Mediterrâneo até África Ocidental, a Inglaterra domina a parte Oriental. Bélgica, Portugal, Espanha, Alemanha e Itália compartilham o resto do continente. Vários confrontos opõem as grandes potências, mas tratados bilaterais permitem fixar as fronteiras.

Figura 1 – Mapa da Partilha do continente africano

No fim do século XIX começa a partilha da África entre as principais potências europeias. A dominação segue até a década de 50, quando têm início os processos de independência (a data da libertação de cada país esta entre parênteses)



Fonte: <<https://washingtoncandido.files.wordpress.com/2011/02/partilha-da-c3a1frica.jpg>>. Acessado em: 31/01/2017.

A partir de 1880, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a França já havia anexado por via militar, quase a totalidade dos territórios do Noroeste, que correspondiam às regiões do atual Marrocos, Tunísia, Mauritânia, Líbia, Argélia e o Saara Ocidental; os territórios da AOF (África Ocidental Francesa) composta por Senegal, Sudão Francês (atual Mali), Guiné Francesa, Alto-Volta (atual Burquina Faso), Costa do Marfim, Daomé (atual Benim), Níger e Mauritânia; da AEF (África Equatorial Ocidental) formada por Congo-Médio (atual Congo), Chade, Gabão, Oubangui-Chari (atual República Centro-Africana).

As populações africanas tradicionais, enquanto puderam, resistiram à perda da soberania e às transformações políticas e econômicas condizentes à exploração dos recursos naturais e domínio efetivo das suas terras pelo imperialismo europeu. Nessa luta de resistência, as populações locais tinham duas alternativas: recorrer à negociação de entendimento com os europeus, a respeito do controle em conjunto sobre os territórios, ou entrar em conflito com a força militar europeia.

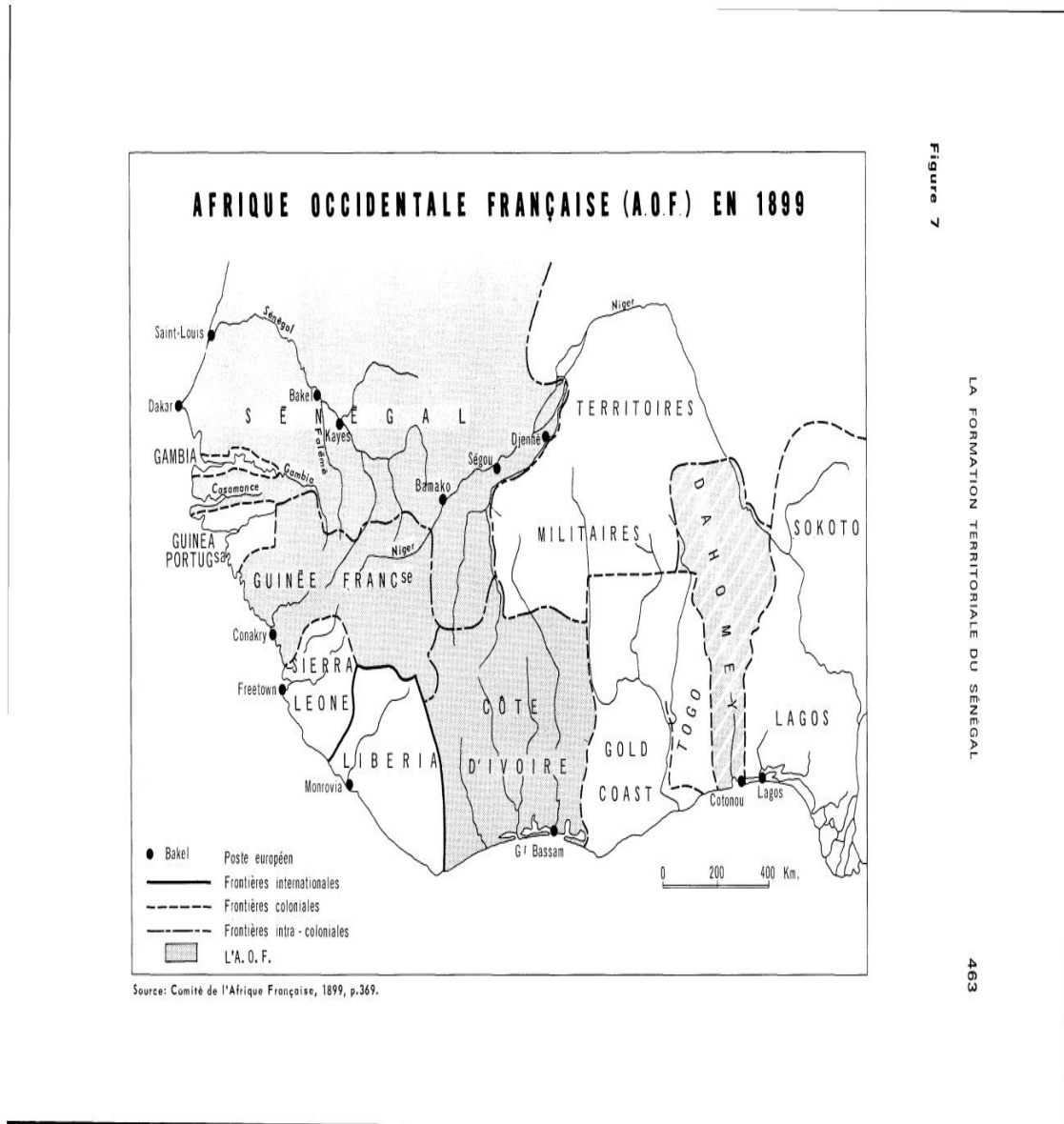
A maior parte do tempo, a segunda alternativa foi utilizada, como afirma Brunschwig: “Importante destacar que a África, para boa parte dos governos europeus, não era da alçada da diplomacia, mas sim dos militares, quase sempre da marinha” (BRUNSCHWIG, 1974, p. 29). O uso da força como mecanismo de ampliar o seu domínio só podia fomentar reações violentas assentas em aspectos culturais. Lembrando que a islamização era muito mais ancorada na parte ocidental do que o resto do continente, entretanto, a imposição de um domínio branco nessa região significava a submissão ao infiel – postura inaceitável para todo bom muçulmano (BOAHEN, 1985). Esse contexto, sem dúvida, abalou a eficiência ideológica do poder tradicional, sendo uma forma de posicionar o Islã como modelo de estrutura social responsável por uma série de movimentos de resistências imperiais. Vemos, nesse sentido, a importância em considerarmos e incluirmos uma retrospectiva do contexto histórico da colonização francesa nesta pesquisa, devido à sua importância na formação dos movimentos da literatura negro-africana de expressão francesa. Cabe ressaltar, que o intuito desta seção não é realizar um estudo pormenorizado do colonialismo em geral, mas discutir como a tentativa de resistência de alguns reinados do Senegal, nascida com o ímpeto da expansão francesa e apaziguada por mais de cem anos, ressurgiu com os movimentos da literatura negro-africana.

1.2. Expansão e luta imperial no Senegal e no Sudão Francês: estudo de alguns casos

Como na maioria, a ocupação francesa da parte ocidental da África ocorre também de forma muito violenta. Criada pelo decreto de junho de 1895, a AOF teve como principal objetivo coordenar a entrada francesa no interior da África e unir as colônias do Senegal, Sudão Francês, Níger até ao Chade, com seus territórios conquistados no Golfo de Guiné, Costa do Marfim e Daomé. Recordando-se que o Sudão Francês era, apenas, uma extensão da colônia senegalesa e tinha Kayes como capital. Essa conjuntura de territórios obteve, naquela época, várias denominações: Meio Níger, Alto Senegal, Senegâmbia e Níger, antes de se tornar, em 1960, a República do Mali com Bamako como capital.

Nessa política de colonização, o Senegal desempenhou um papel muito importante, uma vez que foi uma das colônias mais prestigiosas no âmbito da AOF tendo, em 1895, Dakar como capital. Portanto, todas as atividades administrativas foram transferidas para este local, onde foi estabelecido um governo francês para administrar as colônias conquistadas (WOOTEN, 1993). Desde então, a ação francesa em toda a África Ocidental dependia da administração do Senegal.

Figura 2: Mapa da África Ocidental Francesa em 1899



Fonte: <<http://id.erudit.org/iderudit/021330ar>>. Acessado no dia 23/11/2016²

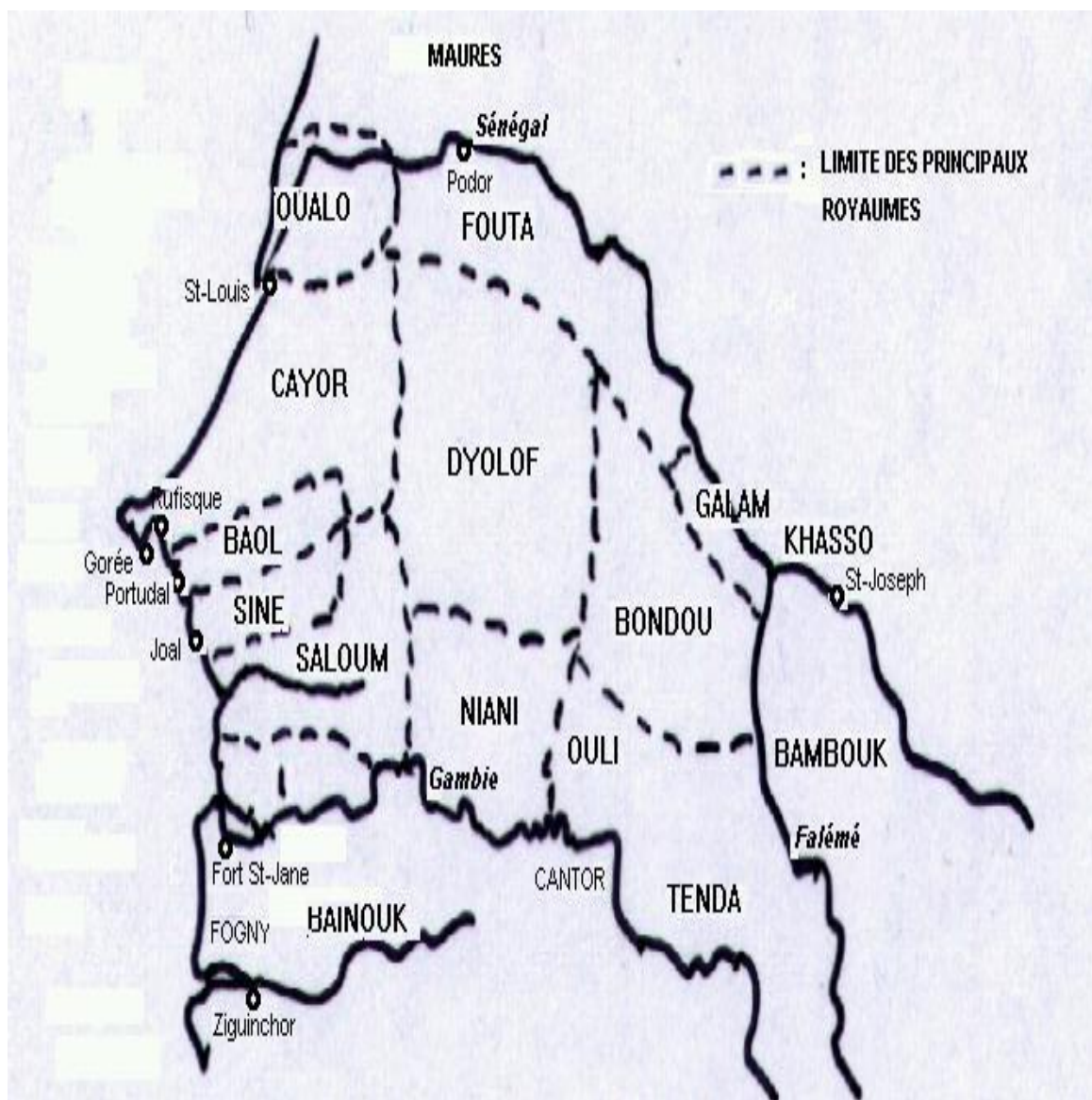
² Por falta de acesso aos mapas legendados em português, incluiremos, nesse trabalho, alguns mapas legendados em francês.

É importante lembrar que, nos anos entre 1453 a 1508, antes da oficialização das possessões territoriais na Conferência de Berlim, o litoral do Senegal, especificamente a ilha de Goré³, foi durante muito tempo um ponto do tráfico negreiro. Ali chegaram, sucessivamente, os primeiros colonos portugueses, holandeses e por último, os colonos franceses que, em 1638, estabeleceram os primeiros entrepostos comerciais localizados na Foz do rio Senegal, precisamente, em Saint-Louis. Esta cidade foi uma das zonas de maior incremento do comércio e porta de entrada para a conquista do interior das terras, antes de se tornar a primeira cidade metropolitana e capital administrativa da AOF.

Pelas suas posições geográficas, a conquista dos reinados do Cayor, do Tekru, do Sine, do Saloum e do Djolof, situados nas costas ocidentais do Senegal, possibilitou um lento processo de infiltração da potência francesa na exploração do continente.

³ Descoberta em 1444, a ilha de Goré foi durante muito tempo o teatro do comércio escravocrato. Ponto de embarque da carga humana para a América, ela é um dos símbolos do sofrimento da raça negra submissa à escravidão. Sob possessão francesa pelo tratado de 41 de maio de 1814, ela já havia conhecido, sucessivamente, a dominação portuguesa, inglesa e holandesa. Considerado desde 1944, como patrimônio mundial pela UNESCO, a ilha de Goré que se estende sobre 3 km ao largo de Dakar, é hoje um dos pontos turísticos mais lucrativos do Senegal.

Figura 3: Mapa dos impérios do Senegal Pré-colonial do séc. XV ao séc. XVIII



Fonte : <http://afroweb.chez.com/sen_his.htm>. Acessado em: 31/01/2017.

Iniciada em 1854, a anexação do reinado de Cayor, localizado na região Oeste, do Baol no Sudoeste, do Walo, no Noroeste, do Tukolor na região Nordeste, especificamente, no Fouta Toro, conforme demonstra o mapa acima, ofereciam, à potência francesa, sólidos pontos de apoio e de imposição do seu sistema de exploração em todos os territórios do Senegal. Mesmo que os recursos que dispunham esses reinados para enfrentar o imperialismo francês revelaram-se escassos, a sua conquista não havia sido alcançada sem dificuldades.

Apesar de ser expulso dos seus territórios em 1864, Lat-Dior, *Damel*⁴ do Cayor, não abandona sua postura de resistência contra o exército francês. Preferindo o confronto à submissão, Lat-Dior consegue impor por um bom tempo o reconhecimento da sua soberania, obrigando a administração francesa a manter, em 1871, relações passivas com o seu império.

Entretanto, a chegada do governador Brière L'Isle da metrópole, em 1879, com um projeto de construção ferroviária, deu uma virada nas relações entre o *Damel* e o governo francês. Esse projeto de construção tinha como objetivo ligar o Norte ao Sul do território: (Saint-Louis - Dakar), sendo para o governo francês uma estratégia de instaurar um plano de colonização agrícola com a produção do amendoim, principal cultura nessa região. Sem dúvida de que a escolha do amendoim não foi apenas uma consequência geográfica, mas sim uma escolha lucrativa bem pensada pelo governo francês para exportação do óleo do amendoim, produto essencial no desenvolvimento industrial daquela época.

Ciente de que o projeto de construção ferroviária ia colocar fim a sua soberania, Lat-Dior ordenou a finalização da cultura do amendoim e mandou repreender severamente qualquer súdito do império que se aliasse à implantação deste projeto, além disso, ele obrigou as populações vizinhas dos entrepostos franceses a migrarem para o interior do Cayor. Em seguida, lançou uma campanha de grande envergadura, mobilizando os guerreiros locais como Albury Ndiaye, rei do império Djolof e Abdul Bokar Kan, do império do Fouta Toro para coordenarem uma luta e impedirem, imediatamente, o avanço dos franceses nos territórios.

Após várias tentativas de lutas, as tropas francesas auxiliadas por soldados africanos na sua empreitada anexaram, em outubro de 1886, os territórios do Cayor. Assim, a morte de Lat-Dior possibilitou a entrada das tropas no resto do país.

⁴ *Damel* é o título dado ao soberano do império do Cayor.

Movimento semelhante foi notado no reinado Tukulor, que se estendia do Fouta Toro à volta do Níger. Por razões de segurança, Ahmadu Tall, sucessor do império do tukulor, optou no início por uma estratégia de aliança e de cooperação com os franceses. Em 1874, ele conseguiu sufocar a rebelião interna do seu império ao aliar-se aos franceses e ajudá-los a conquistar algumas regiões do Senegal e do Níger. Uma aliança que, segundo ele, iria lhe permitir manter o lucro do comércio e abastecer o seu exército em armamento e, ainda mais, autorizar os franceses a construir uma ferrovia para facilitar o comércio e o reconhecimento do seu império como um estado soberano e independente.

Ao contrário do que se esperava, os franceses nunca respeitaram o tratado nem tiveram a intenção de cumpri-lo. Mas sim, começaram em 1881, a invadir o império. Frustrado, Ahmadu dirigiu o conflito para o plano da religião e convidou os muçulmanos a pegarem em armas para se libertarem da invasão francesa e também a empreender a *jihad* (guerra santa) contra os não muçulmanos. Convém ressaltar que foi no império tukulor que houve a maior conversão ao Islamismo.

O soberano conseguiu manter a supremacia do império, entretanto, a tensão constante exercida pelos franceses através da força militar, intensificava o poder dos súditos (Bambaras, Peuls ou Fulas, Mandingas) para combatê-los. O reinado de Ahmadu foi de pouco tempo, pois o exército francês era muito mais estruturado e equipado em armamento. Assim, no dia 23 de dezembro de 1890, o império tukulor foi derrotado pela tropa francesa.

Como no Senegal, a resistência na região do Sudão Francês, especificamente no reinado Mandinga, não foi passiva. Chefiado por um dos guerreiros mais conhecidos da história da resistência colonial, Samory Touré estendia, em 1881, seu império entre a parte Norte da atual Serra Leoa e o rio do Sassandra na Costa do Marfim, optando pelo confronto do que a submissão à política opressiva francesa. O seu poder era reconhecido pelos súditos, os quais tinham profundo respeito pela sua coragem demonstrada nas grandes batalhas. Bem equipado, o exército de Samory Touré era composto de soldados profissionais bem treinados, com uma estrutura militar e administrativa bastante complexa.

Ao contrário do império Tukulor, o exército de Samory Touré estava no ápice do poder quando enfrentou, pela primeira vez, as tropas militares francesas, em 1882. Em fevereiro daquele ano, recebeu a visita do tenente Alakamesa, que lhe comunicou a ordem do comando supremo do Alto Senegal-Níger para que se retirasse de Kenyeran,

importante mercado que barrava Samory Touré ao caminho das áreas mandingas. Como era de se esperar, Samory Touré recusou. Isso provocou um ataque surpresa de Borghis-Desbordes, que teve de bater precipitadamente em retirada.

Desde então, o chefe guerreiro conseguiu aperfeiçoar constantemente o seu armamento, graças ao comércio do marfim e do ouro adquiridos no Sul do país. Em 1890, visto o avanço francês, Samory aplicou novas estratégias de guerra, cuja mais conhecida foi “a técnica da terra arrasada” (FERRO, 1996).⁵ Em ações rápidas, os seus soldados lançavam ataques surpreendentes aos inimigos franceses, inflingindo-lhes pesadas perdas sem que houvesse tempo para defesa.

Em 1892, depois de uma insurreição com a tropa militar liderada pelo General Humbert que inflamou seu reinado, o guerreiro deslocou-se, seguiu o caminho para a zona Leste do país ocupada pelos britânicos, a fim de formar um novo império mais poderoso e mais equipado – o que demonstrava a solidez das estruturas deste Estado. Mas, finalmente, foi cercado em setembro de 1898 pelas tropas britânicas e francesas, sendo capturado e deportado ao Gabão. Seu desaparecimento junto com seu Estado “acabou com a mais longa série de campanhas contra o mesmo adversário em toda a história da conquista do Sudão Francês” (GUEYE; BOAHEN, 1985, p. 145).

De modo geral, podemos afirmar que houve um esforço de resistência dos líderes africanos no final do século XIX, para impedir a ocupação e o domínio efetivo das suas terras. Entretanto, o movimento de resistência local foi fragilizado pelos inúmeros movimentos *jihadistas* que tinham como missão converter ao Islã os pagãos e pelo fato de que, em vários casos, os líderes dos movimentos de resistência aliaram-se aos europeus para se proteger de seus adversários africanos. A ocorrência de inúmeras querelas internas e conflitos de interesses foram os primeiros impactos que esmagaram o movimento de resistência dos impérios africanos.

Cabe reconhecer que, a isto, acrescentou-se também a carência de recursos econômicos, mas, especificamente, de armamento sofisticado para rivalizar com as tropas militares coloniais, que já possuíam uma tecnologia mais avançada. Como explica Memmi: “Se deixaram colonizar, foi precisamente porque não tinham envergadura para lutar, nem militar, nem tecnicamente” (MEMMI, 1977, p. 52). A

⁵ A “técnica da terra arrasada”, termo cunhado por Ferro (1996), consiste basicamente na retirada da tropa de Samory do território em conflito, destruindo com o fogo tudo o que existe no local para que a tropa inimiga que adentrasse nele encontrasse um ambiente hostil. Nesse caso, a estratégia do guerreiro foi bem-sucedida, pois, permitia que sua tropa pudesse se mover com folga para o interior, fazendo com que os invasores franceses tivessem de encarar o calor sem que houvesse abrigo.

perda de hegemonia, bem como a subjugação dos impérios africanos aos europeus foi consequente à disproporção das forças – tecnológicas e militares entre os dois continentes naquele momento, e às necessidades econômicas do capitalismo europeu, que lhe permitiram uma visão mais abrangente, além de suas fronteiras nacionais.

Consequência disso, grande parte dos reinos da África Ocidental desapareceram. O aniquilamento do poder político e administrativo tradicional local foi particularmente para instaurar uma política administrativa colonial e controlar a estrutura da produção agrícola para uma exportação na metrópole.

A conquista territorial e a dominação da África, conseguida durante anos de repressões e massacres em grande contingentes populacionais foi, exclusivamente, trabalho da força militar. A ocupação dos territórios e a sua consequente organização revelava-se assim uma nova situação. O controle das populações tornava-se, desde então, um desafio a ser alcançado, levando em consideração que a ideologia colonial não admitia que os nativos fossem homens livres. Havia, portanto, que reduzir os autóctones a um estatuto especial, que permitisse estabelecer a autoridade dos colonizadores nos territórios conquistados e justificar a sua exploração.

Nesse contexto de fixação do sistema, foi codificado em junho de 1881 a famosa lei política do Código do Indigenato ou Regime do Indigenato. Essa foi aplicada sete anos depois, em 1887, a todas as colônias francesas e instituía um regime de desigualdades econômicas, sociais e jurídicas, negando aos povos colonizados a liberdade política e civil, tal qual veremos na colônia do Senegal.

1.3. O Regime do Indigenato e as *Quatre Communes* do Senegal

Enquanto a abolição da escravidão pretendia colocar fim à condição desumanizante do negro, o colonialismo introduzia dentro dos territórios africanos outras formas de subserviências e de alienação firmemente alicerçadas nos moldes da herança do *Code Noir*⁶, no entanto, com características específicas. Esta mutação progressiva traduzia a aparição de um outro regime calcado nas mesmas ideologias de subjugação e de opressão da raça negra nos territórios da AOF. O Regime do Indigenato ou mais conhecido sob o nome de *Code de l'Indigénat* ou *l'Indigénat* constituía um conjunto de regras e normas disciplinares concebidas nas colônias francesas para o controle e a repressão das populações chamadas *indigènes*. Do latim *indígena* refere-se ao indivíduo que nasceu no país, o lugar em questão e que ali tem suas raízes e esse termo entrou, em 1532, no vocabulário francês (FAUGERE; MERLE, 2010, p. 21-22).

Portanto, nas décadas do século XX, mais especificamente, no período da dominação colonial, a definição da palavra *indigène* passou a adquirir uma série de conotações pejorativas como selvagem, preguiçosa, avesso ao trabalho produtivo e acompanhada, desde então, de ideologias raciais e separatistas com o seguinte sentido: “o indivíduo da raça negra ou dela descendente que, pela sua ilustração e costumes não se identifica do comum daquela raça”. (MENESES, 2010, p.82). A justificativa consistia em introduzir ideias de uma negação de direitos civis para esses indivíduos cujos costumes e religiões os colocavam longe da civilização francesa.

Assim, numa visão geopolítica, o uso do termo *indigène* generaliza-se e a sua definição criava visivelmente, nas colônias francesas, o princípio de uma divisão colonial entre cidadãos e não cidadãos franceses. Isso estabelece, por conseguinte, um

⁶ Promulgado, em 1685, pelo rei da França Luís XIV, o *Code Noir* foi um decreto composto de 60 artigos que definiam as condições escravagistas no império francês e restringiam as atividades de negros, proibindo a prática de qualquer outra religião além do catolicismo romano, lembrando que a Igreja católica era condizente com a legalização do tráfico dos escravos. O *Code Noir* também deu aos colonos extremo poder disciplinar sobre os escravos, incluindo a legitimação da punição corporal – a flagelação até a morte do escravo como um método de manter o controle sobre ele. Em sua análise do significado do *Code Noir*, Louis Sala-Molins (1987) alega que os dois objetivos primários desse regulamento eram afirmar a soberania francesa em suas colônias e assegurar o futuro da economia da plantação de cana-de-açúcar, o principal lucro das potências europeias.

sistema legal distinto, para os *indigènes*. O suposto aspecto racial foi tomado, também, como critério para distinguir o *indigène* do europeu branco (MENESES, 2010, p. 83).

Elaborado entre 1840 e 1880, aplicado, primeiramente na Argélia⁷ pela lei, o Regime do Indigenato estendeu-se, progressivamente por decreto em todas as colônias francesas, designando, então, um conjunto de regulamentos díspares, autorizando a administração colonial a aplicar uma série de sanções disciplinares aos *indigènes*, tais como, penas carcerárias, multas, porém, fora de qualquer controle ou forma de recurso. Uma repressão permanente encarregada de frustrar qualquer tentativa de resistência autóctone.

As penas corporais eram proibidas apenas oficialmente, uma vez que não existia qualquer procedimento judicial. Dito em outras palavras, a autoridade administrativa: governador ou seus intermediários – Comandantes de *Cercle*, chefes *indigènes*, forças militares e tropas nativas podiam infligir ao seu bel-prazer duras sanções judiciárias a qualquer *indigène*, caso ele não respeitasse as leis emanadas do Regime do Indigenato. Ademais, a administração fazia questão de distribuir tropas de etnias diferentes pelas colônias ocupadas para exercer mais pressão e violência no objetivo de manter a sua dominação. Segundo a definição dada por Sala-Molins, no seu livro: *Le Code Noir ou le calvaire de canaan* (1987), o Regime do Indigenato encarna a imagem da exceção jurídica uma vez que se trata: “[...] de um conjunto de leis articulando uma série de direitos e de deveres de exceção ao concerto geral da lei francesa ou, modestamente, aos usos juridicamente adotados na metrópole” (SALA-MOLIN, 1987, p. 73).⁸

Nessa ótica, podemos argumentar que, o Regime do Indigenato era um arsenal jurídico que fazia exceção às normas de direitos que regem a metrópole, entretanto, pensado, essencialmente, com o intuito de custear as necessidades de sobrevivência da metrópole. Tal observação justificava, então, o quanto era necessário impor tal dispositivo bárbaro. Assim, por mais que esse regime seja ilegítimo e contraditório aos preceitos de um Estado que se autoproclama democrata, ele devia continuar adquirindo

⁷ Preferimos não elucidar aqui, apesar da sua importância histórica, a forma como o Regime do Indigenato foi aplicado na Argélia, por um lado, porque a estrutura administrativa e social desse regime, nessa região, sendo bem mais complexa, necessitava um desenvolvimento mais longo e detalhado e, por outro porque na colônia da Argélia, tanto o sistema de administração civil quanto político era diferente da colônia do Senegal. Apesar de ser regida pela mesma ideologia repressiva e brutal, a aplicação do Regime do Indigenato nesse local revelou-se muito mais longa e violenta do que o restante das possessões francesas.

⁸ “[...] d’un ensemble de lois articulant une série de droits et de devoirs d’exception au concert général de la loi française, ou plus modestement, aux usages juridiquement retenus en métropole” (SALA-MOLIN, 1987, p. 73).

certa legalidade para assegurar devidos fins. Dessa maneira, colocados nas mãos da administração, os agentes subalternos encarregaram-se de sancionar os *indigènes* em função de uma lista de infrações estritamente definidas: recusa no pagamento de impostos, de responder às convocações da administração, críticas à política colonial, entre outras.

Contrário aos princípios de um código no sentido jurídico do termo, o Indigenato consistia em forjar uma justiça repressiva especial para reprimir as infrações cometidas pelos *indigènes* – violações ao prestígio e à autoridade da soberania francesa. Infrações que não eram previstas nem punidas pela lei francesa, todavia, moldadas às realidades das colônias de maneira a satisfazer os interesses dos colonos. Formalmente abolido em 1946, com a criação do decreto de 20 de fevereiro, esse regime de repressão continuou fazendo as regras no território da AOF por muito tempo (BIYIDI et al., 2006).

A imposição desse regime aos povos nativos no plano jurídico, que tanto ajudou significativamente na fixação do conceito de *indigène* pelo governo francês, permaneceu ao longo do processo colonial de conquista e de ocupação. Todavia, antes da proclamação da II República, o império francês já havia estabelecido nos territórios do Senegal, por meio do decreto de agosto de 1872, *Communes de plein exercice* ou territórios de “administração direta” nas cidades de Saint-Louis e Gorée, mas, em razão da sua importância econômica e demográfica, a cidade de Rufisque (1880) e de Dakar (1887) foram sucessivamente erigidas também em comunas por decretos, observando assim as mesmas leis da metrópole (DIOUF, 2000, p. 568).

Ressalva-se, nesse sentido que os territórios conquistados eram caracterizados por estatutos administrativos diversificados, isso segundo as concepções políticas das metrópoles ou segundo as relações entre *indigènes* e colonizadores. No Senegal, a administração dos territórios pela potência imperialista francesa era feita de duas formas: uma parte dos territórios era sob “administração direta” e se limitava nas *Quatre Communes* sendo governados diretamente por quadros funcionários oriundos da metrópole (Governadores, Comandantes) e a outra parte dos territórios ficava sob “administração indireta” quer dizer dirigida por soberanos locais, no entanto, sob tutela da administração colonial.

Conhecidas sob o apelido de *Quatre communes du Sénégal*, as cidades de Saint-Louis, Gorée, Rufisque e Dakar eram concebidas como se fossem uma continuidade da metrópole francesa no continente negro e, cujos organização e funcionamento políticos eram instituídos com base nas características próprias de uma sociedade colonial.

Calcadas no modelo das *communes* francesas, as *Quatre Communes* eram administradas por conselhos municipais com direito de mandar um representante ao parlamento de Paris para defender os interesses dos seus habitantes. Daí, nasceram, entre 1915 e 1916, as famosas “leis Blaise Diagne”⁹ que formalizaram e legalizaram o estatuto jurídico de todos os habitantes dessas cidades.

Votadas por deputados franceses numa resolução, essas leis asseguravam que todos os indivíduos que nasciam ou residiam nas *Quatre Communes*, por pelo menos cinco anos, tinham a naturalização francesa. Considerados cidadãos franceses, desde então, contemplando o mesmo estatuto, os mesmos direitos civis e penais, os franceses originários da metrópole, porém, eram submetidos às obrigações militares previstas pela lei de outubro de 1915 (COQUERY-VIDROVITCH, 2001).

No tocante desses remanejamentos territoriais, o Regime do Indigenato introduzia no Senegal uma categorização jurídica complexa e arbitrária da população, sendo uma delas de indivíduos chamados de *sujets indigènes* ou súditos, composta pela maioria da população e outra denominada de “cidadão francês”, na qual os membros eram originários das *Quatre Communes*. Importante salientar que é dentro dessa última camada social que surgirá mais tarde uma pequena elite intelectual *indigène* chamada, segundo (BIYIDI et al., 2006) de *évolués*, de acordo com a terminologia usada naquela época, para se referir aos letrados, assimilados, tendo renunciado ao seu *statut personnel*.

Em oposição aos “cidadãos franceses” ou “evoluídos” que se beneficiavam do “estatuto especial” (direito ao voto, de participar da vida política, administrativa e social da colônia), os *sujets indigènes* não participavam de forma representativa no governo francês ou não exerciam cargos políticos, nem se beneficiavam de direitos civis iguais aos do cidadão da metrópole. Reduzidos à mais ínfima condição e submetidos a leis penais especiais e a regimes de trabalho obrigatório, os *sujets indigènes* conservavam, apenas, no plano civil o seu *Statut personnel*, que lhes concedia o direito de praticar sua religião e seus costumes, embora fossem considerados bárbaros e incompatíveis com os direitos civis franceses (MERLE, 2003, p. 2). Esse *Statut* era também aplicado aos

⁹ Originário da comuna de Goré, Blaise Diagne foi o primeiro deputado negro a ser eleito no parlamento francês. Conhecido como um fervente assimilacionista, o homem político lutou para a concessão do direito à cidadania francesa a todos os moradores dos territórios sob administração direta francesa. Diagne desempenhou, também, um papel decisivo a favor do reconhecimento dos direitos dos jovens africanos alistados nas tropas militares francesas.

originários das comunas e tratado em tribunais muçulmanos, encarregados de resolver os assuntos civis e penais entre eles.

Segundo, o *statut personnel*, os *sujets indigènes* bem como os “originários” das *Quatre Communes* podiam recorrer aos tribunais muçulmanos para tratar de questões familiares tais como: o casamento, a poligamia, a herança, a propriedade privada, entre outras. É inegável que o suposto respeito e o reconhecimento desses direitos locais específicos do culto muçulmano, a favor de uma integração total dos povos colonizados na metrópole eram, com efeito, uma dissimulação indispensável a fim de legitimar um processo de reforma judiciária coerciva que pretendia perdurar na colônia.

Privados de quaisquer direitos políticos, os espaços de “administração indireta” ou colônia de povoamento onde residem os *indigènes* eram organizados em circunscrições administrativas que, por sua vez, eram subdivididas em *cercles*, *cantons* e vilarejos. O *cercle* ficava sob controle de um administrador colonial francês ou Comandante de *Cercle* ajudado por auxiliares militares *indigènes*. Quanto ao *canton* ele era maior que um vilarejo, não respeitando nenhuma divisão étnica, e sempre dirigido por um senegalês. Constituía a parte territorial mais negligenciada da colônia, como o sublinha Marc Ferro em seguintes termos:

A presença estrangeira foi ainda mais violentamente sentida nas chamadas colônias de povoamento, onde a implantação maciça de metropolitanos reforçou a impressão de dependência, embora, no espaço francês, a política oficial se proclamasse assimiladora. (FERRO, 1996, p. 275)

Em cada escada territorial, a autoridade era assistida por conselheiros consultivos e esse sistema hierarquizado desempenhava o papel de intermediador entre o colonizador e a população *indigène*.

De fato, os chefes *indigènes* de *cantons* e de vilarejos escolhidos pela administração, embora fossem detentores de uma autoridade social herdada do tempo da monarquia tradicional, tinham seu poder administrativo apenas simbólico, reduzidos ao silêncio, eles não possuíam nenhuma autoridade sobre os indivíduos, nem sobre os recursos naturais na colônia. No campo político, esses chefes tradicionais passam a ficar a serviço do colonialismo, assegurando a manutenção das ordens recebidas do Comandante de *Cercle*, aliás, executando as tarefas mais árduas da administração colonial, como a cobrança e o recenseamento das populações sujeitas ao pagamento de

impostos, aos trabalhos forçados. Sua participação na sociedade colonial era justificada pelas atividades consideradas inferiores e regidas por um governo tutelar.

Além do mais, essa subdivisão geográfica, no âmbito social, definia as diferentes formas de tratamento da população. A esse respeito, sabemos que o trabalho forçado nunca foi objeto de lei nas colônias francesas, portanto, a lei autorizava que os agentes administrativos contassem com a mão de obra forçada dos trabalhadores *indigènes* para cumprir suas penas na construção de obras de grande infraestrutura, como portos, estradas, especificamente, ferrovias que são o maior exemplo para a exportação das matérias-primas para a metrópole. O princípio da mobilização da mão de obra nas ferrovias, na sua maioria, resultava em abusos e mortes e como alega o historiógrafo maliano, Joseph Ki-Zerbo a ferrovia de Congo-Oceano e a de Thiès-Kayes eram todas juncadas de cemitérios (KI-ZERBO, 1972).

Assim, o *sujet indigène* ficava reduzido a mais ínfima condição, em particular, nas regiões de grandes plantações, onde a mão de obra era insuficiente, e sujeita a uma organização quase militar auxiliada pela colaboração de uma classe *indigène*. Para tal empreitada referimo-nos, em particular, aos chefes religiosos muçulmanos ou *marabus* que, de fato, desempenharam um papel de intermediários incontornáveis entre a administração colonial e as comunidades camponesas.

Deve-se, no entanto, esclarecer que no Senegal, os *marabus* tinham se estabelecido como os principais detentores dos princípios morais da religião islâmica. Valendo-se desse poder, eles exerciam uma forte influência sobre a comunidade muçulmana. Os *marabus* redigiam normas e avisos islâmicos comumente conhecidos sob o nome de *Fatwas*, destinados a convencer os muçulmanos da legitimidade da ocupação francesa em territórios senegaleses e da necessidade de trabalhar, sendo essa última uma forma de “orar a Deus e obter bênçãos” (FALL, 2008). Fica evidente que, esses argumentos não eram para fomentar nenhum tipo de organização suscetível ao favorecimento de ações de revolta da massa contra o poder colonial. A constatação de tais fatos nos leva a notar o quanto a acomodação entre os chefes religiosos e a administração colonial foi crucial na decisão pelo controle da colônia e pela manipulação da massa.

Ao lado dessa subjugação velada, desenvolvia-se uma política de discriminação dentro das *Quatre Communes*. Lembrando que até ao princípio do século XX, a administração mostrou-se reticente à ideia de conceder a cidadania francesa à totalidade dos habitantes das *Quatre Communes*. Nesse sentido, várias leis foram criadas e

extinguidas no transcorrer desse regime para frear a participação massiva dos ‘originários’ nos processos eleitorais. Eles representaram por muito tempo uma pequena minoria dos conselheiros municipais, a maioria era simplesmente excluída dos cargos políticos das comunas.

Os direitos da cidadania, mesmo quando formalmente consagrados não se distribuem de modo uniforme na colônia. Observava-se, uma política discriminatória que concedia mais vantagens aos brancos e mulatos. Entretanto, essa suposta cidadania, que pretendia colocar todos os ‘originários’ das comunas no mesmo patamar político e social dos franceses da metrópole, era uma fachada judicial, pois, por mais que fosse inventada uma série de termos alicerçados em ideologia discriminatória (*sujet, cidadão-francês, évolués*), aos olhos do colonizador, o negro continuava sendo aquele ser de raça inferior, incapaz de desempenhar qualquer cargo digno. Isso aparentemente ilustra que os ‘originários’ das *Quatre Communes* nunca se beneficiaram plenamente dos seus direitos políticos como estipulado pela lei de 1916.

Ao lado das injustiças e da violência que o Regime do Indigenato acarretava na colônia do Senegal, houve a construção das bases de uma educação colonial. O acesso à escola colonial pelos *indigènes* representava uma nova virada do processo de colonização. Emergia das camadas sociais locais, sobretudo, das *Quatre Communes*, uma elite intelectual literária. A administração colonial interessava-se em oferecer uma educação com base num sistema fundamentado, essencialmente, em discriminatórios. O que leva a concluir que o ensino colonial era carregado de dupla intenção, por um lado, impor aos colonizados a cultura francesa e, por outro, continuar formando auxiliares a serviço da administração e do colonizador. Por trás dessa ação benevolente, escondia-se a necessidade de fornecer os subsídios pressupostos apropriados aos *indigènes* para que eles pudessem continuar colaborando efetivamente com o assentamento da administração colonial. Além disso, os *indigènes* que seguiam o ensino colonial, ascedem, apenas, a cargos e posições de subalternos como: auxiliares administrativos, professores *indigènes*. Destacando que, os seus diplomas e suas qualificações profissionais não eram reconhecidas fora dos territórios da AOF.

Convém, entretanto, lembrar que a intenção de escolarizar os povos colonizados já tinha surgido, em 1816, numa das primeiras comunas do Senegal (Saint-Louis), onde foi mandado um professor da metrópole para administrar uma escola destinada a dar às crianças desta comuna um ensino bilíngue: francês e *wolof*, uma das línguas locais mais faladas no Senegal, atualmente codificada (GAUCHER, 1968). Pela primeira vez na

história da colonização dessa região, o ensino dos nativos ia ser feito com uma das línguas locais, no entanto, essa ideia foi logo descartada definitivamente, em 1829, pela administração francesa.

Importante salientar também que, nesse período, o sistema educacional colonial francês não se limitava, somente dentro das *Quatre Communes*, as instituições educacionais espalhavam-se progressivamente em todos os territórios da AOF, considerando que a categoria alvo nesse processo de escolarização era oriunda dos espaços de “administração direta”, considerados como uma continuidade da metrópole.

Todavia, foi após a abolição do Regime do Indigenato, pelo decreto de fevereiro de 1946, que foram feitas reformas no sentido de generalizar o ensino colonial em todos os territórios, sem distinção de classes sociais e equipará-lo ao da metrópole. Esse período coincidia com o final da Segunda Guerra Mundial, momento em que o mito do colonizador caía drasticamente tanto nas colônias quanto na metrópole. Todavia, o período da Segunda Guerra tornava-se o palco de uma nova postura do povo africano em relação ao colonizador. A isso, juntava-se o levante dos *Tirailleurs Sénégalais*¹⁰ que buscavam o reconhecimento pelo esforço de guerra ao ver melhorar suas condições de vida e suas relações com a administração colonial: direito de se envolverem mais na política administrativa das suas comunidades, de serem tratados com mais respeito e dignidade.

¹⁰ É importante lembrar que a lei do Indigenato submetia todos os originários dos territórios conquistados ao alistamento militar. Já na Primeira Guerra Mundial, os africanos haviam combatido pela França em todas as frentes. O recrutamento e o alistamento militar (muitas vezes forçados) aumentaram a partir de 1930, na véspera da Segunda Guerra Mundial, engrossando as fileiras dos *Tirailleurs Sénégalais* (Atiradores Senegaleses). Eles eram comumente chamados de *Tirailleurs Sénégalais* mesmo sendo recrutados em qualquer possessão colonial francesa da AOF.

1.4. A literatura negro-africana de expressão francesa: uma nova forma de resistência ao colonialismo

Foi com esse panorama social e político que surgiu o movimento da literatura africana de expressão francesa nessa região, que aos poucos foi substituindo uma literatura oral¹¹ (contos, provérbios, lendas) que já existia no continente negro. Todavia, é fundamental lembrar que essa literatura africana de expressão francesa, que nasceu sob a influência ocidental, teve suas premissas na primeira década do século XX, no continente americano, especificamente nos Estados Unidos, com as primeiras manifestações lideradas por intelectuais negros que reivindicavam o fim da alienação e da segregação racial.

Neste processo de luta, o movimento Black Harlem Renaissance, também conhecido por New Black desencadeou um amplo movimento de consciência histórica, política e cultural, baseado no reconhecimento do povo negro e na igualdade dos direitos. Assim, foi nessa onda de contestação que apareceu, em 1903, o primeiro livro escrito por um negro, intitulado *The Souls of Black Folk* em que William Edward Burghardt Du Bois, um dos adeptos do movimento de New Black e defensor da causa negra, denuncia as exações feitas aos negros, enaltece a cultura africana e incentiva a emancipação do negro.

A efusão desta obra constituiu por muito tempo um arcabouço teórico para a mobilização de movimentos literários africanos. A partir desse momento são lançadas as bases da literatura negro-africana, em virtude do movimento da Renascença Negra. No decorrer do tempo, essa literatura ganha uma dimensão mais abrangente com a publicação do romance anticolonialista, *Batouala* (1921) de René Maran.

Considerado o precursor da literatura negro-africana, René Maran, de origem guianesa, formou-se em Paris no âmbito do ensino colonial, antes de ser nomeado administrador colonial na África. Dessa experiência surgiu *Batouala* (1921), considerado como “verdadeiro romance negro” (CHEVRIER, 1989) e que viria a receber no mesmo ano o prêmio literário “Goncourt”, apesar de ter suscitado uma indignação profunda, não só no meio dos defensores da literatura colonial, exótica e idílica, como também no das políticas coloniais. No romance, Maran critica com uma

¹¹ “Podemos definir a literatura oral, por um lado, como o uso estético da linguagem não escrita e, por outro, o conjunto dos conhecimentos e das atividades que nela se relacionam” (ENO BELINGA, 1978, p.7).

lógica implacável os abusos e a política de exploração da administração francesa na colônia da Oubangui-Chari (Atual África Central), fustiga, sobretudo, os textos da nova elite intelectual *indigène* mais preocupada em imitar na sua narrativa os cânones estéticos e culturais europeus do que denunciar as realidades sociais que gangrenavam das colônias. Como explica (LEBEL, 1931, p. 87), as temáticas desenvolvidas por esses escritores visavam, em particular, a promover um certo reconhecimento dos seus escritores na metrópole, porém, sua estrutura literária propriamente dita, revelava de forma nítida a intenção desses romancistas de fazerem uma promoção e valorização da sua produção para um público leitor ocidental.

Nessa conjuntura de narrativas romanescas, podemos citar os seguintes romances senegaleses: *Les trois volontés de Malick*, (1920) de Amadou Mapaté Diagne. Esse romance autobiográfico pode ser considerado como “cânone” da literatura senegalesa, pois constitui o primeiro texto romanescos, de expressão francesa, escrito por um *indigène* da colônia do Senegal. Nesse romance, o narrador opta por representar o desejo de Malick, personagem principal, de se formar na escola do homem branco com intuito de romper suas tradições e costumes que ele considera ultrapassados e arcaicos. Na mesma sequência, aparecem *Karim*, (1935) de Ousmane Socé; *Force-bonté*, (1926) de Bakary Diallo. Como indica o título do romance, *Force-bonté* revela a grande admiração, que nutre sua personagem, pelo poder colonial da França, após uma aventura como *Tirailleurs Sénégalais* ao lado do exército francês.

Como a maioria das publicações desta época, o retrato mais incisivo dessa obra literária é o do negro assimilado e moldado à ideologia do colonizador, no sentido de que ele adula e valoriza os símbolos deste, em detrimento da sua cultura de origem. Seduzidos pelo brilho artificial da civilização francesa, esses romances escritos nos moldes metropolitanos participavam da legitimação da dominação e validavam os estereótipos coloniais. Longe de representar uma literatura negro-africana que quebra os paradigmas da civilização europeia e a assimilação cultural, destaca-se nessas escrituras a relevância em adular a “grandeza da França” e promover no espaço tradicional senegalês, o modo de vida ocidental, mas sem falar do contexto de exploração e opressão no qual essa literatura estava inserida (LEBEL, 1931).

Do ponto de vista temático, esses primeiros textos literários, produzidos por intelectuais africanos assimilados, ajudaram, de fato, a reforçar a imagem distorcida feita sobre a civilização africana. Uma produção que (MIDIOHOUAN, 1986) qualificou de “romance colonial negro-africano”, uma vez que, produzida num contexto e espaço

marcado pela política de assimilação e de alienação. Lembrando que naquela altura, as *Quatre Communes* constituíam os espaços literários mais influentes da África Ocidental, entretanto, tornavam-se um dos viveiros dos negros assimilados (FERRO, 1996, p. 276). Isso justifica, sem dúvida, a ideologia assimilacionista e a representação pouco combativo que se destacava nessa literatura. Portanto, observamos que durante todo o período de 1920 a 1930, essa produção literária africana contribuiu especialmente para elogiar o colonizador, descartando qualquer crítica sobre as consequências nefastas do colonialismo.

Em meados de 1930, na véspera da independência, essa tendência de exaltação e adulação vai ser relegada por um tipo de deslize ideológico caracterizado por uma forte produção poética fundamentada na afirmação cultural do negro (KESTELOOT, 1963). Formado nas escolas coloniais, o grupo de estudantes negros que viviam na Europa, especificamente em Paris, revelaram por meio das suas escritas uma nova forma de ver o mundo. O grupo era composto pelo guianês Léon Gontran Damas (1912-1978), pelo martinicano Aimé Césaire (1913-2008), precursor do conceito de negritude e pelo senegalês Léopold Sédar Senghor (1906-2001). Trata-se de uma geração politizada, inserida no processo de libertação dos povos colonizados e engajada na difusão de ideias de negação ao colonialismo.

Preocupados pelos abusos do sistema colonial e pelas experiências vividas na metrópole, o grupo de estudantes começaram a refletirem e a problematizarem seriamente a sua condição enquanto homem negro e colonizado. Dentro deste contexto, eles começaram a buscar formas de combater a máquina repressiva do sistema colonial e de reconquistar a dignidade do negro, dando ênfase à questão racial. A partir disso, foram lançadas as bases de uma literatura aguçada com o intuito de libertação. Como explica Senghor : “O objetivo da Negritude é construir uma sociedade sem raças, onde o homem poderá finalmente aceder à liberdade, à justiça e à paz” (SENGHOR, 1975, p. 22). Com efeito, esse movimento literário visava à construção da personalidade e da consciência negra, além disso, denunciava o pensamento eurocêntrico, criando um sentimento de positividade da cultura do negro.

A história desse movimento literário recebeu um novo alento, principalmente, a partir da publicação, em 1939, do poema *Cahier d'un retour au pays natal*. Nesse poema, Césaire retraça as condições sociais e morais do povo martinicano (Fort-de-France), ao posicionar-se como porta-voz da raça negra humilhada por muito tempo pelo colonizador. Césaire e os seus partidários assumem-se como fiéis defensores de

uma sociedade condenada ao silêncio, mas também de todos os negros da diáspora condenados a ficar mudos. A partir daí, o negro deixa de encarnar o papel de vítima, para assumir o papel de realizador, produtor e ator da sua história e do seu destino. Uma tomada de consciência que Fanon descreve no seu romance intitulado *Pele negra e máscaras brancas* (2008), da seguinte maneira:

O negro [...] se for para a Europa terá de repensar a sua condição. Porque o negro na França, no seu país sentir-se-á diferente dos outros. [...] o negro inferioriza-se. A verdade é que o inferiorizam (FANON, 2008, p. 25).

De acordo com Fanon, a metrópole representa para o escritor um espaço de alienação e de frustração, onde o intelectual negro no seu cotidiano não deixa de parecer um ser inferior. Ora, descobrimos assim, junto à personalidade do negro, um complexo de inferioridade em relação ao branco. Uma situação social que caberá a ele aceitar ou rejeitar.

Através dessa ideologia, consolidou-se uma luta de ruptura com a ordem colonial francesa, mas, sobretudo nasceu o desejo de resgate de uma identidade cultural própria do povo negro. Nesse contexto, para fustigar de maneira explícita a opressão racial e a dominação cultural colonialista, Césaire e Senghor lançaram, em 1934, a revista literária chamada *L'Étudiant Noir* como veículo de denúncia e contestação do movimento da negritude contra o sistema colonial.

Reunindo todos os estudantes negros em Paris e sem distinção de origem, a revista incentivou os escritores a voltarem às suas origens africanas e condenou a imitação ocidental – justificando-se, assim, o sentido do título da revista *L'Étudiant Noir* – uma maneira explícita de exaltar a capacidade criativa do negro, de rejeitar o modelo cultural do colonizador e de colocar o movimento da Negritude a serviço da causa política maior. Assim, vale notar que por meio desta militância, a revista saiu como um instrumento literário indispensável para a libertação do povo africano e facilitou uma larga propaganda da ideologia do movimento literário.

Aliás, é necessário chamar a atenção para o fato de que o movimento da Negritude, ao longo do tempo, ganhou uma dimensão política, aproximando-se da proposta essencial do Pan-africanismo e ensejou uma imensa produção literária repartida em quatro blocos, conforme as diferentes formas de colonização: a literatura negro-africana de expressão francesa, para os países de língua oficial francesa; a literatura negro-africana de expressão inglesa, para os países colonizados pelos

britânicos; a literatura negro-africana de expressão lusófona, para os países de língua oficial portuguesa e a literatura magrebina de expressão francesa, para os países árabes do Magrebe.

Como instrumento de resistência à exploração colonial, esses diferentes tipos de literatura, que se formaram tanto dentro como fora do continente africano, embora, produzidas na língua do colonizador, tiveram importante contribuição política e cultural na emancipação dos povos africanos. Ambos influenciaram, de diferentes formas, o despertar da consciência revolucionária na África. Como explica Bernard Mouralis:

As literaturas africanas produzidas nas línguas europeias nascem a partir do momento em que os escritores manifestam a vontade de substituir seu próprio discurso pelo discurso que o Ocidente mantinha sobre a África e que ele se esforçava a impor como o único que se pode manter legitimamente sobre esse continente e suas sociedades (MOURALIS, 2007, p. 215).¹²

Nessa perspectiva, a literatura negro-africana revela-se como uma negação à literatura e ao pensamento coloniais, tornando-se um espaço de protesto e de reivindicação. A intenção dessa literatura é, de fato, reescrever sua própria história, que não será interpretada como um mero anexo da história ocidental. Assim, desconstruir o discurso colonial é uma maneira de reabilitação do continente africano. Na efetivação dessa empreitada, que corroborava com a luta contra o colonialismo, a literatura negro-africana lançou mão de artifícios que tiveram como principal objetivo ressaltar a africanidade dessas produções.

Nesse período de ascensão do movimento da negritude, mais especificamente, após a Segunda Guerra, foi publicada uma série de romances denunciando as mazelas da colonização. Dentro desse contexto, o romance de expressão francesa conheceu um grande sucesso, que contribuiu para realçar a contestação do aparelho de alienação colonial. Com essa necessidade, a literatura negro-africana de expressão francesa articulou-se em torno de diversas correntes romanescas entre as quais podemos apontar as mais importantes: os romances de contestação ou romances anticolonialistas, os romances históricos, os romances de formação ou romances de viagem e os romances de desencanto, que surgem nos anos pós-independência.

¹² “Les littératures africaines produites dans les langues européennes naissent à partir du moment où les écrivains manifestent la volonté de substituer leur propre discours à celui que l’Occident tenait sur l’Afrique et qu’il s’efforçait d’imposer comme le seul que l’on pût tenir légitimement sur ce continent et ses sociétés” (MOURALIS, 2007, p. 215).

A literatura negro-africana de expressão francesa conquistou um marco poderoso com o surgimento dos romances de contestação. Sendo os mais virulentos no processo da descolonização, esses textos de protesto e de denúncia social testamunham da maturidade dos seus autores pela veemência do tom ou da sutileza que usam para desvelar o sistema de exploração colonial. O caráter incômodo de que se reveste esse corrente literário revela a importância da literatura negro-africana como forma de resistência. A tomada de consciência da sua condição de subalterno libertou esses romancistas que decidiram, por meio das suas personagens, afirmar sua identidade cultural e combater as injustiças da administração francesa. Isso deu-se através da personagem do velho camponês, recompensado por um serviço prestado à administração colonial em *Le Vieux nègre et la médaille* (1956), de Ferdinand Oyono; do jovem rural em busca de uma vida melhor na cidade em *Ville cruelle* (1954), de Eza Boto; do olhar ingênuo de um garoto em *Une vie de boy* (1954), de Ferdinand Oyono, ou ainda, por meio da maturidade de jovens sindicalistas revoltados em *Les bouts de bois de Dieu* (1960), de Ousmane Sembène.

Os romances históricos retratam a memória dos heróis do passado, contemplando a recuperação deste e a revalorização da cultura africana, que fora negada pelo colonizador. Os textos mais representativos dessa corrente literária são: *Crépuscule des temps anciens* (1962), de Nazi Boni; *Soundjata ou l'épopée mandingue* (1960), de Djibril Tamsir Niane.

Os romances de formação, entre os quais se destacam: *Un nègre à Paris* (1959), de Bernard Dadié; *Le Docker noir* (1956), de Ousmane Sembène; *Sous l'orage* (1957) de Seydou Badian; *Kocoumbo, l'étudiant noir* (1960), de Gérard Aké Loba, por sua vez, encenam, na sua narração, uma tomada de consciência das personagens principais após um longo período de ilusões e desilusões, de encontros e desencontros na metrópole, bem como a volta às suas terras natais. Motivadas pela ascensão nas colônias, elas se vêm obrigadas a absorverem muitos dos valores ocidentais, durante as fases da sua formação. Talvez seja *L'Aventure ambiguë* (1961), de Cheikh Hamidou Kane, um dos romances que exemplifica melhor, já pelo título, a questão de conflito cultural, que nasce do contato com a civilização ocidental.

Personagem principal do romance, Samba Diallo, jovem estudante *peulh*, tendo no seu percurso frequentado sucessivamente, a escola corânica e a escola francesa, chamada de *l'école nouvelle* (KANE, 1961), desloca-se para Paris com o intuito de continuar seus estudos em filosofia, os quais causaram um profundo dilema. De volta à

terra natal, a pedido do pai, Samba Diallo enfrenta dificuldades para conciliar as tendências contraditórias das culturas europeia e africana. A estadia fora de sua terra marcou um momento culminante de deterioração da sua educação e dos seus valores muçulmanos. O jovem estudante não consegue enxergar mais com os mesmos olhos sua própria cultura, encontrando-se incapaz de se integrar e de se atentar aos usos e costumes da sua comunidade de origem; sobretudo, de praticar ou assumir suas obrigações religiosas.

Confronta-se com um modo de pensar totalmente oposto. Ao espiritualismo da sua cultura, sobrepõem-se o racionalismo e o materialismo do ocidente, que de fato, deixa-o numa situação ambígua, imerso em um hibridismo cultural. O seu questionamento existencial, embora sofrido, virá traduzir-se no transcorrer da narrativa em sua morte precoce. Com efeito, mesmo se a temática desenvolvida nessa literatura de ficção não responda necessariamente às expectativas do contexto de denúncia ao colonialismo, o romance constrói um discurso relevante que abre uma nova visão da literatura negro-africana, uma vez que, sublima uma mudança nas estruturas sociais – expõe aspectos importantes da educação muçulmana e da cultura *peulh*¹³. Para além disso, convida os leitores africanos a refletirem sobre uma forma de conciliar, de maneira equilibrada, as culturas pelas quais são impregnados.

Com efeito, cabe considerar que no início, o movimento da Negritude desempenhou um papel relevante na tomada de consciência do povo africano, na valorização da sua identidade e na de todos os negros da diáspora. As ideias formuladas pelo movimento da negritude constituíram, de fato, o ponto central da afirmação da identidade africana. Uma conscientização que deu um vigoroso impulso à luta pelo fim da discriminação, da opressão – à luta pela libertação das colônias do jugo europeu. Todavia, logo após a década de 60, uma nova realidade impôs-se às sociedades africanas recém-independentes: como lidar com um mecanismo administrativo capitalista, herdado do sistema colonial, associado a questões de sobrevivência cotidiana.

Os povos recém-independentes esperavam da elite intelectual, em particular da elite do movimento da Negritude, cuja maioria tomara cargos administrativos ou

¹³ Maior grupo étnico da África Ocidental, os peulhs são pastores nômades disseminados sobre o território onde eles formam grupos minoritários e fortemente hierarquizados. Muitos apegados aos valores tradicionais, eles valorizam a probidade, a inteligência e a sabedoria. Essas informações, talvez, justificam, por um lado, a dificuldade do protagonista de introduzir uma cultura ocidental nesse círculo fechado.

presidenciáveis em seus países de origem (caso do Senegal, com Leopold Sédar Senghor), um maior envolvimento nas questões sociais e econômicas dos países que passaram a dirigir. Como ressalta o etnólogo francês Georges Balandier: “a independência conquistada impõe obrigações imediatas: a de construir a nação nova, a de provocar o desenvolvimento econômico” (BALANDIER, 1965, p.139)¹⁴.

A transferência do poder nas mãos do Ocidente para as mãos da elite negra torna essa teoricamente responsável pela vida política e econômica dos seus países. Porém a questão racial e de afirmação da identidade cultural já não constituem um discurso de interesse para o público africano. Esperava-se dos movimentos literários uma mudança de foco tanto no plano literário quanto no político. Mas, como explica Fanon, o paradoxo da elite da negritude é que na sua preocupação de afirmar e de recuperar os valores culturais africanos, ela acaba retomando o discurso colonial da reconstrução identitária e da invenção da África (FANON, 1979).

Começa-se a perceber no novo sistema político africano uma herança do colonialismo – uma continuidade da ideia de alienação e da opressão do negro pelo negro. Assim, para inverter essa situação assistimos, nos anos pós-independência, a emergência de uma importante força de denúncia social, formada por uma geração de romancistas neocoloniais, no sentido de organização política. Esses escritores, que buscam novos rumos e experiências ficcionais, continuam ligados ao fenômeno colonial, mas estando mais centrados nas questões que afetam essas sociedades em plena mutação. Os seus textos deixam de serem veículos de preocupações de cunho puramente cultural para passarem a transmitir as preocupações políticas dos seus autores. O tom de desilusão e de denúncia à violência e à corrupção dos novos dirigentes africanos constituíram as marcas essenciais dessas narrativas. Nesse contexto podemos citar: *Le soleil des indépendances* (1968), de Amadou Kourouma, *Le mandat* (1966), de Ousmane Sembène; *Le Devoir de violence* (1968), de Yambo Ouologuem; *Tribaliques* (1971), de Henri Lopes, romances que põem em evidência as falhas da nova gestão política que ameaçam o equilíbrio dos valores culturais do continente africano ao mesmo tempo em que alertam sobre a formação de uma nova classe burguesa burocrata, maniqueísta, que colabora com a ideologia colonial.

¹⁴ “L’indépendance conquise impose des obligations immédiates: celle de construire la nouvelle nation, celle de provoquer le développement économique” (BALANDIER, 1965, p. 13).

Outro ponto importante a ser destacado nesse sentido é que o sistema educativo colonial promoveu, também, o processo de emancipação da mulher africana. Destaca-se na década de 90, a efervescência de um movimento literário feminista. Esse movimento constituiu, de fato, o primeiro grito francófono de reabilitação dos danos causados à mulher africana. Escrita por mulheres africanas, a literatura feminista introduziu um discurso de denúncia das desigualdades de gênero no universo público quanto privado nas sociedades africanas. Ela trouxe, também, à tona questões ligadas à infertilidade, à poligamia, à mutilação genital, em outras palavras, essa literatura representava a posição da mulher e suas incessantes lutas pela inserção e pelo reconhecimento dos seus direitos nas sociedades africanas.

Esboçando em linhas gerais o desenvolvimento dos nossos argumentos, podemos dizer que, independentemente das suas causas e de outros fins a ela associados, a colonização foi sempre definida como uma ação exercida por um povo civilizado sobre um país de civilização considerada inferior, com finalidade de dominação e de aproveitamento dos seus recursos naturais. Embora, agredidos e oprimidos em diferentes graus, os povos colonizados nunca foram elementos passivos desse processo de exploração; sendo agentes conscientes das mudanças sociais. Dito em outras palavras, eles se posicionaram como autores da sua história, não simplesmente vítimas como possa parecer. Após a resistência armada à ocupação, os movimentos literários revelaram-se como uma forma eficiente de luta e resistência contra o poder colonial.

Nessa perspectiva, a política de assimilação tinha contribuído para o surgimento dessa elite letrada muito coesiva, que ganhou posição de influência na formação de valores e atitudes da população em geral. O surgimento e a consolidação de vozes críticas literárias, oriundas do ensino colonial tanto no interior como no exterior do continente africano, foram determinantes na transição para um conceito mais amplo de luta pela libertação dos povos colonizados, pois contribuiu sem dúvida para o rompimento da hegemonia cultural europeia sobre a África e para a subversão do monopólio da representação. Embora seja recente, a literatura negro-africana continua a ser a via privilegiada para expor o descontentamento das massas, mesmo que muitos dos autores acabem por não se afastar tanto do poder como, inicialmente, pretendiam ou como nós podemos ser induzidos a acreditar.

1.4.1. Ousmane Sembène (1923-2007): um romancista militante

Nascido em 1923, na região de Ziguinchor, precisamente na província da Casamance, Ousmane Sembène era filho de um pescador *Lebu* originário de Dakar. Como já foi destacado previamente, Dakar era uma das *Quatre Communes* do Senegal em que os moradores eram considerados cidadãos franceses, cidadania que Sembène adquire graças ao pai, visto que Casamance, como todas as outras regiões que não se beneficiavam dessa vantagem, era submissa ao *Code de l'indigénat*.

Situada no sudoeste do Senegal, entre o Oceano Atlântico e o rio de que ela herdou o nome, Casamance é conhecida por sua beleza natural e sua forte diversidade étnica e linguística. No entanto, a vida nessa região nem sempre foi tranquila. Devido à sua posição estratégica e às suas riquezas naturais, esse pedaço de terra foi, desde o século XV, alvo de cobiça das potências coloniais como Portugal (primeiro invasor que teve contato com os autóctones da região e que atribui à essa o nome de “Casa de Mansa” em referência ao rei Mansa, da etnia *Bainuk* que ali morava) e a França no século XX. Além de a região atrair um grande número de agricultores e comerciantes das redondezas, os autóctones sempre lutaram por sua autonomia e pela salvaguarda das suas terras – uma independência que até hoje continua sendo alvo de divergência entre o atual governo senegalês e o movimento separatista casamancês, formado na sua maioria pelos *diolas*, grupo étnico majoritário da região, conhecido pelo seu caráter insubordinado e conservacionista (SONKO, 2004).

A escolha de evocar brevemente o contexto histórico desta região tem o intuito de ajudar a entender melhor o clima cultural e político, nos quais Sembène passou os primeiros anos da sua infância e que, sem dúvida, influenciou bastante sua carreira literária, assim como relata Gadjigo nos seguintes termos: “a Casamance é um território cuja seiva fecundou o meu gênio criativo” (GADJIGO, 2013, p. 40).¹⁵ Esta ligação à terra natal apareceu mais tarde nas linhas dos seus dois primeiros romances, *Le docker noir* (1956) e *Ô pays, mon beau peuple!* (1956).

Em 1930, aos 7 anos, Sembène frequenta a escola corânica, em seguida a escola francesa colonial, de onde foi expulso depois de uma alteração com o diretor Paul Peraldini, o qual exigia que todos os alunos cantassem na língua Corsa. Inconformado com o ensino colonial, Sembène teve seus estudos suspensos no primeiro ano do ensino

¹⁵ “La Casamance est un territoire dont la sève a fécondé mon génie créateur” (GADJIGO, 2013, p. 40).

secundário. Começa assim, para ele, em 1936, aos 13 anos de idade, uma nova e longa “escola da vida” que o levaria a experimentar um trabalho após outro.

Ao lado do seu pai Sembène se dedica durante um breve momento à pesca, antes de se matricular na Escola Cerâmica de Marssasoum ao lado do tio paternal, professor de língua francesa e árabe. Sua estadia nesse local marcou profundamente sua vida intelectual, moral e espiritual, pois ali ele descobre “o mundo mágico do saber” (GADJIGO, 2013, p. 34).

Em 1938, Sembène deixa sua região natal e parte para Dakar. Pelo que afirma Gadjigo, essa transferência marcou o fim de uma época e o início de novas e fortes experiências da vida (GADJIGO, 2013), pois em Dakar, Sembène se depara com as realidades da condição operária profundamente marcada por um contexto colonial. Ali, ele trabalha em diversas atividades. Foi assistente de pedreiro, mecânico, ajudante técnico na Companhia *Air France* e teve vários outros empregos temporários. Foi também nessa cidade que Sembène teve seus primeiros contatos com o mundo do cinema¹⁶ e onde ele se torna testemunha ocular dos abusos da segregação racial e de um aparelho opressor colonial. Nesse sentido, essa trajetória influenciou os temas dos seus posteriores romances.

Entre 1943 e 1944, após trabalhar por cinco anos como ajudante na construção civil, Sembène, enquanto cidadão francês, alista-se no corpo dos *Tirailleurs Sénégalais* (Atiradores Senegaleses) e participa da Segunda Guerra Mundial ao lado do exército francês. Com efeito, os motivos que levam os jovens senegaleses a se alistar são fortemente ligados à França, considerada naquele tempo por muitos senegaleses, a “Pátria-Mãe” – propaganda instigada pela política indigenista. Isso justifica o fato de que: “Todos os jovens estavam orgulhosos de serem cidadãos franceses e todos dedicavam uma admiração sem limite à França” (GADJIGO, 2013, p. 105)¹⁷. Esse sentimento de admiração e de lealdade à França é também para os jovens senegaleses um modo de afirmar sua masculinidade, visto que os que não se alistavam são declarados inaptos nos testes de alistamento e tratados, segundo Gadjigo, de *femmelette*.

Durante a sua incorporação no exército francês, Sembène participa da Segunda Guerra Mundial, na qual será profundamente marcado por humilhações e injustiças que

¹⁶ No ano de 1900, o cinema foi introduzido no Senegal pela projeção de “*l’Arroseur arrosé*” dos irmãos Lumière. As salas de cinema, bem como os preços dos ingressos, refletiam um verdadeiro espaço de discriminação racial (GADJIGO, 2013, p. 105).

¹⁷ “Tous les jeunes étaient fiers d’être citoyens français et tous vouaient une admiration sans limite à la France” (GADJIGO, 2013, p. 105).

prevalecem no seio do exército francês (seus colegas negros que se perdiam no deserto eram simplesmente abandonados nas mãos dos abutres). Uma experiência que não tardará a impulsionar nele uma tomada de consciência dos empecilhos do aparelho colonial, como observamos na seguinte fala: “a escola não me ensinou nada da vida, eu devo tudo à guerra” (GADJIGO, 2013, p. 107).¹⁸ Esse sentimento de indignação contra a França nos é representado nas páginas do seu romance, *Le docker noir* (1956) da seguinte forma:

Na batalha [...] estávamos todos presentes [...]. Naquele tempo as peles não tinham essa diferença que elas têm hoje... A gente chamava-se de “irmão”, dormindo juntos, emprestando a colher para comer. E agora, eles nos rejeitam, eles nos tratam de incapazes! Em que momento somos franceses? A união francesa é um desejo e não uma realidade! Devemos voltar para os sindicatos? (SEMBÈNE, 1956, p. 106).¹⁹

É durante a guerra que o romancista aprende o que é o racismo e visualiza, de perto, o mecanismo do sistema colonial, uma experiência que determinou sua concepção de mundo e sua postura perante o sofrimento do povo africano.

Após 18 meses de serviço militar, Sembène retira-se do exército francês. Como a maioria dos atiradores que volta frustrada e revoltada pela falta de reconhecimento do esforço de guerra, Sembène passa a se interessar por política e participa, pela primeira vez, das manifestações sindicais de 1946 e depois da greve dos ferroviários (1947-1948), acontecimentos que constituem o tema do seu terceiro romance, *Les bouts de bois de Dieu* (1960).

Após uma forte conscientização da situação política do seu país, Sembène decide, em 1948, aventurar-se clandestinamente na França, onde ele trabalha durante dez anos no porto de Marselha como “estivador”²⁰. Ali, ele descobre mais uma vez a cruel realidade vivida pelos negros oriundos das colônias francesas – condições de vida

¹⁸ “L’école ne m’a rien appris de l’avie; je dois tout à la guerre” (GADJIGO, 2013, p. 105).

¹⁹ “À la bataille [...] nous étions tous présents [...]. En ce temps les peaux n’avaient pas cette différence qu’elles ont aujourd’hui... On s’appelait «frère», couchant ensemble, se prêtant la cuillère pour manger. Et maintenant on nous rejette, on nous traite d’incapables! A quelle moment sommes-nous des Français? L’union française est un désir, non une réalité! Faut-il nous tourner vers les syndicats?” (SEMBÈNE, 1956, p. 106).

²⁰ “Segundo Gadjigo, o estivador na década de 50 era visto como uma “besta de carga”, um ser “anormal”. Um estivador não era nada: chegava de manhã e era contratado, recebia uma moeda com um número. Descia no porão do navio e nunca sabia a que horas ia sair de lá”.

que se apoiam apenas sobre “a cor da pele”. Combater essas desigualdades sociais e culturais será um fato onipresente em toda sua produção artística.

Em 1950, Sembène adere à CGT (Confederação Geral do Trabalhador), onde mais tarde foi nomeado Secretário Geral dos Trabalhadores negros na França, função que lhe proporciona uma ampla visão da existência da divisão de classes e permite-lhe também observar de perto o desalento do negro no seu cotidiano.

Um ano após sua nomeação, o futuro romancista afilia-se ao PCF (Partido Comunista Francês). Assim, ele se torna “militante ativo” em várias associações progressistas e antirracistas, entre elas podemos citar: o MRAP (Movimento contra o Racismo e para a Amizade entre os Povos); o FLEANF (Federação dos Estudantes da África Negra na França) e milita a favor da descolonização francesa na Argélia e na Indochina. Junto aos seus parceiros paralisa, durante três meses, o Porto de Marselha para impedir o embarque de armamento para a guerra da Indochina.

Contrariamente aos imigrantes africanos, que se deixam derrubar pelo peso da miséria e pelo álcool, Sembène, enquanto militante, manifesta um grande interesse em melhorar seu nível intelectual e cultural. Ele passa a maior parte do seu tempo livre nas bibliotecas sindicais e nas aulas noturnas oferecida no seio do PCF, pois, como ressalta Gadjigo: “Naquela época, a leitura fazia parte da formação sindical” (GADJIGO, 2013, p. 178). Nesse contato, Sembène descobre o mundo da literatura, no qual ele será influenciado por romances como *Martin Eden* (1926), de Jack London, (1933), *La condition humaine* (1933), de André Malraux, *Germinal* (1885), de Émile Zola. Isso obviamente pelo fato de que ambos representam as relações e as péssimas condições de vida que a grande massa trabalhadora levava.

Obrigado a abandonar a função de estivador em 1951, após um acidente de trabalho que o deixou em convalescência durante meses, Sembène lança-se na literatura para expressar seus sentimentos sobre as relações ambíguas entre negros e brancos. Essa postura que podemos caracterizar de militante é, de fato, uma vontade de testemunhar a verdade. A esse respeito ele publica, em 1956, o seu primeiro romance autobiográfico intitulado *Le docker noir*, no qual ele restitui as suas experiências como estivador no Porto de Marselha.

Escrito sob a forma de “notícia” e em tom de denúncia, o narrador descreve as injustiças e a discriminação racial que sofrem os africanos exilados na França, mas, além disso, revela as condições precárias e desumanas de trabalho dos estivadores

negros no porto de Marselha, tendo que conviver com a fome, miséria e a exploração de uma classe dominante.

A mesma temática de exploração e abuso é retomada no romance *Ô pays, mon beau peuple!* (1957). Na narrativa, o autor utiliza como ambiente sua cidade natal Casamance. Situada no meio rural, o narrador flagra as condições de miséria dos agricultores, que por falta de concorrência eram obrigados a vender a maior parte da safra a preço baixo, aos brancos, únicos detentores do monopólio do comércio. Além disso, os agricultores eram obrigados a fazerem empréstimos nas lojas comerciais dos brancos para garantir o pão cotidiano. A esse fato acrescentam-se os impostos que eles deviam pagar a cada fim de safra. Esse é um tema que também aparece no seu filme, *Emitai* (o seu primeiro longa-metragem), mas dessa vez numa dimensão mais conflituosa. Essa representação ficcional, que trata das relações entre agricultores e colonizadores, reflete, em parte, os excessos cometidos pelo poder administrativo do colonizador nas colônias. De acordo com Bensalah, o romancista originalmente pertencia a essa categoria explorada, que ele representa nos seus romances como um depoimento da verdadeira imagem da sociedade senegalesa, seja durante o período colonial ou pós-colonial (BENSALAH, 2009)

Dentro dessa mesma abordagem, Sembène publica, em 1960, *Les bouts de bois de Dieu*. Inspirado em fatos reais, em que ele expõe o espetáculo caótico de protesto contra as condições desumanas da classe operária negra trabalhando na ferrovia do Dakar-Níger. Protesto voltado para igual remuneração do mesmo trabalho, a fim de extinguir a discriminação racial, especificamente, com objetivo de denunciar as condições precárias de vida dos trabalhadores negros. O autor evidencia, também, no romance, o importante papel das personagens femininas diante da contestação do sistema administrativo colonial, mostrando uma transformação da sua posição passiva habitual. Cabe dizer que foi com esse romance que o escritor senegalês ganhou notoriedade no mundo da literatura africana.

Sembène publica *Xala* (1973), em que aborda o fenômeno da poligamia, ao mesmo tempo em que critica de forma velada a corrupção, a ostentação da nova elite política que passou a dirigir o país. Em seguida, ele publica sucessivamente: *Voltaïque*, *La noire de...* (1962), *Le Mandat* (1966), *L'harmattan* (1980). Nesse último, ele denuncia a corrupção da administração durante o “Referendo”²¹ de 1958, que pretendia

²¹ No seu romance intitulado *L'harmattan*, o romancista descreve o caráter ilícito do voto facilitado pela nova elite intelectual negra, durante o famoso Referendo que ocorreu no dia 28 de setembro de 1958, em

determinar o destino de todas as colônias francesas na África. O romancista produz também uma série de novelas e poemas como *Liberté* (1956) publicado na revista *L'Action Politique*. Levando em consideração o conjunto da produção literária do escritor, observamos que sua preocupação maior era voltada, essencialmente, para a questão da exploração, da alienação e dos desafios enfrentados pelas sociedades senegalesas. Essas temáticas aparecem sempre na sua escrita em perspectivas e espaços diferentes.

Não podemos falar da obra completa de Sembène sem mencionar sua produção cinematográfica que, segundo os seus críticos, nasceu da preocupação de que os seus romances não atingissem um público majoritariamente analfabeto, como ele almejava. Na visão do romancista-cineasta, o cinema que ele descreve como *l'école du soir* (Gadjigo, 2013, p.178) é capaz de desempenhar um papel político e cultural constituindo um instrumento de conscientização mais abrangente das sociedades africanas. Segundo explicitado por Nzabatzinda, Sembène lança-se no cinema com os seguintes argumentos:

O que me levou a tentar o cinema é que nos livros, eu me expressava em francês. Ora, 80% do meu povo não fala francês. Entre os 20% que falam a língua de Molière, poucas pessoas tem o hábito de ler. Na África é assim [...]. É evidente constatar que a literatura não leva longe. Mas as pessoas vão ao cinema mais do que elas leem. Pois o cinema é mais acessível a todos. Com essa forma de expressão, tenho certeza de atingir a massa. Para mim, o cinema é a melhor escola da tarde [...] (NZABATSINDA, 1996).²²

O escritor acreditava que seu cinema era uma arma, um modo de alertar e de conscientizar sobre os verdadeiros problemas que enfrentava a sociedade senegalesa, de mostrar como os dirigentes políticos não estavam atendendo às necessidades das periferias senegalesas. Em 1963, surgia então nas telas senegalesas o seu primeiro curta-metragem intitulado *Boroom charrette* (O chareteiro) seguido de uma série de filmes

que os habitantes da AOF e da AEF foram chamados a se pronunciar sobre o projeto de Constituição (a adesão das colônias francesas à comunidade Franco-Africana) apresentado pelo General De Gaulle. Isso significava que os que votassem pelo “Sim” aceitariam o projeto de adesão e os que votassem pelo “Não” seriam a favor da independência imediata das colônias.

²² “Ce qui m’a conduit à tâter du cinéma, c’est que, dans les livres, je m’exprimais en français. Or, 80% de mon peuple ne parlent pas français. Et sur les 20% qui parlent la langue de Molière, peu de gens prennent le temps de lire. En Afrique, c’est comme ça. [...] Force est de constater que la littérature ne mène pas loin. Mais les gens vont au cinéma plus qu’ils ne lisent. Car le cinéma est plus accessible à tout le monde. Avec cette forme d’expression je suis sûr de toucher la masse. Pour moi, le cinéma c’est la meilleure école du soir [...]” (NZABATSINDA, 1996).

cuja maioria foi uma reprodução dos seus romances como *La noire de* ; (1966); *Le mandat* (1966); *Le Camp thiaroye* (1988); *Mooladé* (2004). Sembène busca dar ênfase, nas suas obras, tanto literárias quanto cinematográficas, a um engajamento social e político a favor das camadas exploradas e silenciadas pela classe dominante. Uma produção em que ele se propõe a demistificar não apenas o escândalo de um período colonial, mas também denunciar as ambiguidades dos anos pós-independência por meio de uma militância fortemente inspirada no ideal “marxista” .²³

Consolidando o engajamento do escritor, cabe ressaltar que, após a adesão à independência, em 1960, Sembène instala-se definitivamente no Senegal. Segundo as alegações ele não limita sua luta pela justiça apenas ao seu país, mas percorre o continente com o objetivo de conscientizar as populações sobre a reestruturação e a unificação das sociedades africanas. Prova disso são os cenários dos seus filmes, em que a presença da miscigenação de personagens, representando povos e culturas diferentes, é explícita.

Podemos dizer, resumidamente, que Sembène sempre se preocupou com os problemas enfrentados pelas sociedades africanas em geral, não se restringindo a um determinado povo. Como alega Bensalah, os seus romances e filmes evidenciam as sequelas do colonialismo, desmacaram as novas burguesias, revelam parte do cotidiano do povo africano e as dificuldades que encontram antes e depois da independência, com posicionamentos explicitamente contrários a tudo o que continua a explorar o continente, em que tantas independências foram apenas formais (BENSALAH, 2009).

²³ “O marxismo baseia-se na ideia que a evolução social é determinada pelas relações de produtividade. Essa estrutura econômica da sociedade serviria então de base nas relações jurídicas, políticas e ideológicas. Assim, para o marxismo, a história das sociedades humanas é sempre o resultado da luta de classes. A revolução proletária visa a socializar os meios de produções que estão nas mãos dos capitalistas e fazer desaparecer as classes e o Estado com elas” (Gadjigo, 2013, p. 200-201).

**CAPÍTULO II – *LES BOUTS DE BOIS DE DIEU*: UM
ROMANCE DE RESISTÊNCIA**

CAPÍTULO II – *LES BOUTS DE BOIS DE DIEU*: UM ROMANCE DE RESISTÊNCIA

2.1. Apontamentos iniciais do romance

O romance *Les bouts de bois de Dieu*, de Ousmane Sembène, ou “*Banty Mam Yalla*”, na versão uolof, foi publicado em 1960. Trata-se de um romance de ficção baseado em um fato real: a greve ferroviária do Dacar-Níger, uma ferrovia de 1.500 km, construída com objetivo de ligar o Rio Níger e o porto de Dakar, explorando assim, o espaço conquistado pela França, que visa ao transporte de matérias-primas e produtos agrícolas para a metrópole.

A ferrovia revela-se, no romance, como um instrumento de opressão e de exploração da classe operária negra. Inconformados com o sistema de desigualdade da administração francesa, os operários negros decidem deflagrar uma greve que leva à paralisação das atividades ferroviárias durante meses. A revolta teve início no dia 10 de outubro de 1947 e encerramento no dia 19 de março de 1948. A principal razão dessa revolta foram os baixos salários pagos aos operários negros, em comparação aos que recebiam os operários brancos trabalhando na mesma ferrovia. Além do reajuste salarial, os operários negros reivindicavam abonos de família, férias renumeradas e aposentadoria. Eles exigiam também o fim da discriminação racial e das condições precárias em que viviam.

Os operários negros, que se autodenominam *bouts-de-bois-de-Dieu*²⁴, decidem, então, combater a máquina repressiva do sistema colonial francês. Durante meses, vão ser interrompidas todas as atividades da ferroviária, o único setor de atividade econômico e de sobrevivência da população negra sob o controle da administração colonial. Esse movimento desencadeia na narrativa uma série de conflitos nas relações entre a população nativa e a Direção da Companhia ferroviária. Assolados pela miséria cotidiana, homens, mulheres e crianças iniciam uma campanha de mobilização a favor

²⁴ A expressão *bouts-de-bois-de-Dieu*, que, por sinal, faz parte do título do romance é uma tradução literal da expressão uolof *Banty Mam Yalla*. Do ponto de vista semântico, a expressão *bouts-de-bois-de-Dieu* não exprime em francês todo o sentido atribuído pelos senegaleses. *Banty Mam Yalla* significa os filhos de Deus, criados e protegidos por Deus, crença que, aliás, tem relação com uma superstição cultural da África Ocidental utilizada para contagem das pessoas, pois, acreditava-se que contá-las por números cardinais, encurtava a sua vida ou trazia maldição a essas. Esse aspecto típico à cultura africana faz com que não encontramos seu correspondente em português do Brasil. Por isso decidimos mantê-la tal que ela está escrita em francês quando apareça no romance.

das reivindicações dos grevistas, visando à melhoria de suas condições de vida. Ao lado dessa luta, nota-se, no romance, que um forte sentimento de solidariedade anima a classe operária negra, o que evidencia as relações conflituais entre negros e brancos.

Com intuito de conter o movimento de revolta, a Direção da Companhia ferroviária inicia ações de intimidação e tortura contra a população. A partir desse momento, instaura-se um clima de tensão e resistência. A narrativa caminha para o seu clímax quando as ações são conduzidas pelas mulheres, personagens pertinazes, determinadas e conscientes do interesse coletivo. São elas que encorajam os maridos a não abandonarem a luta. Essa tomada de posição das personagens femininas revela-se incômoda, pois é vista como um desafio à moral religiosa e tradicional.

A luta pela igualdade não se desenrola apenas num espaço finito, mas abrange três espaços narrativos, os quais constituem o centro da revolta. Bamako, cidade onde surgiram as primeiras reivindicações dos operários negros, é marcada pelas lembranças de uma revolta que causou a morte de inúmeros operários. Essas lembranças nos são reveladas pelas personagens idosas: Sounkaré, o velho guarda do entreposto da Direção e a Velha Niakoro, personagem muito ligada à tradição. A cidade de Thiès chamada *la Ville du rail* (a Cidade da ferrovia), centro de controle da ferrovia e logicamente centro de tensão do movimento grevista, torna-se espaço crucial da resistência operária. Dakar, centro administrativo colonial e sindicalista, é a cidade “moderna” que possui intuições-chave da administração colonial francesa. É também o lugar onde se tomam as grandes decisões políticas e administrativas. Será, portanto, o espaço de encerramento da narrativa marcado pela *marche des femmes* (marcha das mulheres) que parte da cidade de Thiès rumo à cidade de Dakar. Trata-se de uma longa marcha de três dias de fome e de repressão que irá obrigar a administração e os seus aliados (chefes religiosos e políticos) a sentarem-se à mesa das negociações para, enfim, atenderem às reivindicações dos grevistas.

2.2. Os elementos da narrativa

Os romances de Sembène são obras representativas das realidades coloniais e pós-coloniais. Trata-se de obras como *Les bouts de bois de Dieu* que denuncia, de maneira exacerbada, a exploração e a subserviência dos povos colonizados, especificamente da sociedade senegalesa que mediante ao movimento de greve dos operários negros do Dakar-Níger, buscam recuperar sua liberdade usurpada desde muito tempo. Nessa perspectiva, pretendemos, na seção seguinte, apresentar e discutir, em primeiro lugar, o modo como o narrador utiliza os elementos da narrativa, tais como as personagens, o tempo e o espaço para evidenciar o sentimento de revolta e de resistência que animam os operários negros. Em segundo lugar, analisar como o nascimento de uma consciência de classe propicia uma luta de resistência contra as tendências oposicionistas, que se objetivam a aglutinar as manifestações operárias.

2.2.1. As personagens

As personagens romanescas são seres fictícios que se responsabilizam pelo desempenho das ações do romance. Seus papéis são construídos por letras que lhes concedem um início e um fim no universo ficcional do gênero, sendo manipuladas por um narrador, que lhes traça o nascimento e um destino final ou que lhe aponta permanências e rupturas. Suas funções constituem, com efeito, uma entidade relevante, pois é pela sua caracterização que é possível conhecer o retrato relativamente definido de cada um dos elementos da narração referentes tanto aos aspectos físicos, morais, sociais, quanto aos aspectos psicológicos que constituem aqui o foco da nossa análise. De acordo com Candido et al.:

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuídos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam (CANDIDO *et al.*, 1964, p. 51).

Conforme ilustrado no trecho acima, podemos dizer que o teórico encena a complementação dos dois elementos narrativos dentro de uma obra ficcional, uma interdependência que faz com que a obra adquira um caráter vivo, isto é, sem personagens não há desdobramento e sem desdobramento não se pode extrair uma visão

da vida dentro do romance, por conseguinte, o mesmo teórico afirma mais adiante: “[...] que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste depende basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor” (CANDIDO *et al.*, 1964, p. 51). Nesse ponto de vista, cabe afirmar, portanto, que a personagem é um dos itens que chama mais atenção no romance, sendo responsável pela construção da história contada.

Considerando esse fato, um aspecto bastante particular na estética romanesca de Sembène chama nossa atenção – a impressionante variedade de personagens e o modo vivo e intenso com que elas atuam no universo textual. A título de exemplo, o romancista expõe, logo no prólogo de *Les bouts de bois de Dieu*, uma lista de personagens-chave, que atuam nos diferentes espaços da narrativa (nas cidades de Bamako, Thiès, Dakar). A presença variada de personagens na obra ressalta, de certo modo, o espírito comunitário e coletivo do romancista senegalês e que segue uma perspectiva de solidarizar e conscientizar os dominados a fim de lutar contra o processo de alienação e de exploração do colonialismo e do neocolonialismo. No quadro da nossa análise, iremos nos limitar a examinar a postura de algumas personagens diante da decisão de paralisação das atividades da ferrovia do Dakar-Níger.

Apesar dos acontecimentos dramáticos representados nessa narrativa, o narrador não perde de vista o panorama pitoresco em que se movem as suas personagens, uma forma simbólica para o autor de intercalar paralelamente os elementos da natureza com a degradação da vida cotidiana das personagens:

Os últimos raios de sol penetravam entre as serrilhas das nuvens. Ao pôr do sol, ondas de vapor evaporavam-se lentamente [...], um raio veio bater com toda força na residência do governador, erigida como pão de açúcar branco no cume do Koulouba. No centro do cinto de colinas, as concessões de barro, os cupinzeiros semelhantes aos obeliscos gigantescos, a erva ainda seca do calor do meio-dia banhavam a água vermelha do pôr do sol. Vindo do Nordeste, um ligeiro vento seco esfriava os rostos. Ainda se podia transpirar um pouco.

Les derniers rayons du soleil filtraient entre les dentelures des nuages. Au couchant, des vagues de vapeurs se délayaient lentement (...) un rayon vint frapper de plein fouet la résidence du gouverneur dressée comme un pain de sucre blanc au sommet du Koulouba. Au centre de la ceinture de collines, les concessions de torchis, les termitières semblables à des obélisques trapus, l'herbe encore sèche de la chaleur du midi, baignaient dans l'eau rouge du soleil couchant. Venu du nord-est, un petit vent sec léchait les visages. On transpirait encore un peu” (SEMBÈNE, 2012, p. 13).

Ao descrever, logo no início do enredo, a localização e os aspectos exteriores da residência do governador em oposição às concessões dos bairros populares, o narrador já começa a delinear o panorama de como é o convívio entre dois universos distintos e dentro dos quais se contrapõe um binarismo político e social. É nessa perspectiva que pretendemos demonstrar de que forma essas ambiguidades vão ocasionar a emergência de uma nova consciência operária. Trata-se, então, de uma análise com ênfase não apenas na estética romanesca do autor, mas na consistência psicológica das personagens, isto é, as suas reações e ações em relação ao movimento da greve, seja contra ou a favor da paralisação das atividades ferroviárias.

- **Os sindicalistas**

Embora a greve dos operários, no romance *Les bouts de bois de Dieu*, encene a ideia de uma luta coletiva e de interesse comum, não podemos descartar a ideia da existência de um herói, uma vez que o narrador polariza nossa atenção para as características de uma personagem central. Sindicalista e “leader” do movimento da greve, Bakayoko é uma personagem determinada a lutar pelos direitos dos trabalhadores negros e a dismantelar a política da hierarquia da Direção da Companhia ferroviária. Inspirado nos pensamentos marxistas e nas suas inúmeras viagens, Bakayoko incentiva seus colegas negros a lutarem por seus direitos.

Todavia, esse herói engajado a lutar para o bem coletivo nos é apresentado nas primeiras páginas por meio das evocações da Velha Niakoro na seguinte forma: “Ah, todo mundo conhece meu filho: Ibrahima para aqui, Ibrahima para lá. Desde a morte do pai, ele não para [...]. E agora eis que ele prega a greve. Porquê?”.²⁵ A figura de Bakayoko aparece em primeiro instante por meio das lembranças da mãe, seguindo nos “dois terços” do romance através de um discurso fragmentado e memorialista.

Se muito do interesse de vários romances é apresentar, logo no início das suas narrativas, características físicas e morais referentes ao protagonista, Sembène recorre a um procedimento estético-literário diferente – deixa o leitor coletar os seus próprios dados para construir o retrato do herói, ou seja, com base nos testemunhos formulados pelas demais personagens, o leitor participa da construção das características que dizem

²⁵ “Ah, mon fils tout le monde le connait: Ibrahima par-ci, Ibrahima par-là. Depuis la mort de son père, il ne tient plus en place [...] le voilà qui prêche la grève. Pourquoi?” (SEMBÈNE, 2012 p.15).

respeito à personalidade da personagem de Bakayoko. Como ilustrado por Bestman: “Sembène não entrega as suas personagens em bloco, mas pouco a pouco. Portanto, o leitor tem a clara impressão de assistir à criação das personagens” (BESTMAN, 1974, p. 399)²⁶. O que percebemos, com efeito, nessa narrativa é a frequência de um discurso disseminado que se constrói no decorrer da intriga.

A descrição intercalada da identidade do herói tanto como de algumas personagens, de certo modo, desacelera a linearidade e o ritmo da narrativa, o que pode ser relacionado à seguinte visão de Lukács citando Goethe:

O romance deve avançar lentamente: as ideias do protagonista devem retardar [...] o desenrolar excessivamente rápido da ação [...]. O herói do romance deve ser passivo ou, pelo menos, não ativo em alto grau (LUKÁCS, 1999, p. 91).

Com a apresentação passiva da personagem de Bakayoko, podemos interpretar que o narrador procura um leitor que cumpra a tarefa de construir a identidade do protagonista, sendo uma forma de envolvê-lo na construção da intriga com a finalidade de criar nele um certo poder imaginativo sobre os acontecimentos que se desenvolvem acerca da personagem.

Observamos que uma das características marcantes, que chama a atenção do leitor nessa narrativa, é o fato de que o protagonista não atua diretamente nos primeiros capítulos da narrativa, mas, mesmo assim, o narrador consegue mantê-lo numa constante ligação com as demais personagens, e isso, pela força das recordações. Embora, ausente da cena narrativa, essa forte presença de Bakayoko nas falas dos grevistas se faz devido a sua coragem, mais particularmente à facilidade que ele tem de resolver os impasses da greve e também de se expressar tanto na língua do colonizador quanto nos demais idiomas locais (o uolof, o bambara, tuculor) para atrair a atenção da população. Essa fluidez linguística faz dele o porta-voz dos grevistas. Portanto, vale ressaltar que além de se expressar muito bem na língua do outro, Bakayoko opõe-se à ideia de que o francês seja a língua intermediária entre os *indigènes* e a administração colonial, sobretudo, nos momentos de grandes decisões como veremos mais adiante no dia do comício.

A sua capacidade de persuasão e de se apoderar da ideologia do movimento da greve, fazem dele a “alma” do movimento operário negro. Como ilustrado na fala de Fa-

²⁶ “Sembène, lui, ne livre pas ses êtres en bloc, mais peu à peu. Par conséquent, le lecteur a la nette impression d’assister à la création des personnages” (BESTMAN, 1974, p. 399).

Keïta, durante a assembleia dos sindicalistas: “O que precisávamos, hoje, é que Ibrahima Bakayoko estivesse conosco. Ele sabe falar-nos e nós todos o escutamos”²⁷. Tal elocução evidencia a importância do seu papel dentro do movimento sindicalista. Como fio condutor da trama, sua entrada em ação, como revelado no penúltimo capítulo: *Le retour de Bakayoko*, constitui uma espécie de aceleração da narrativa, visto que é neste momento que os grevistas iniciam o processo de negociações com a Direção da Companhia ferroviária.

Pouco se sabe sobre o passado de Bakayoko, da sua vida pessoal, a não ser que ele viajava de um lugar para outro com o intuito de coordenar as atividades da greve. Aliás, o seu papel no universo do romance é definido apenas pela causa operária. A falta de detalhes inerentes à vida privada da personagem de Bakayoko faz com que ele escape de uma definição simples e linear. Valendo-se disso, cabe afirmar que o narrador não se importa em revelar detalhes físicos ou morais das suas personagens, mas dar relevância às ações e reações delas na história. Semelhante ao “herói épico” cujas ações refletem as aspirações do povo, Bakayoko não demonstra uma existência individualista no romance. Numa abordagem ética social, tal observação pode ser relacionada ao fato de que o mundo tradicional africano não conhece o “indivíduo”, mas o assimila na “coletividade”, regularizada por valores de uma vida interna (CISSÉ, 1982).

Partindo dessa visão, podemos atestar que o narrador tenta inserir a imagem da personagem de Bakayoko voltada aos interesses da classe operária negra e, de modo geral, reflete os interesses da sua comunidade.

A presença colonial no continente africano é subentendida como um mecanismo de exploração e de dominação do povo negro. Com o objetivo de gerar um término a essa subserviência, Sembène constrói sua narrativa encenando uma tomada de consciência do operário negro da sua condição de colonizado, uma vez que ele resolve combater a hegemonia do colonizador. A revolta da classe operária negra, na ficção de Sembène, não é nada menos que a denúncia dos abusos cotidianos do sistema colonial. Levados ao limite do desespero, os operários negros decidem entrar em greve a fim de reclamar a igualdade de direitos no trabalho. No que diz respeito à votação pela greve por tempo indeterminado, o narrador apresenta diferentes perfis de personagens, com diferentes maneiras de conceber a greve, contribuindo para a emergência de ações de resistência, apesar de divergências de opiniões.

²⁷ “Ce qu’il faudrait aujourd’hui, c’est qu’Ibrahima Bakayoko soit parmi nous. Il sait nous parler et nous l’écoutons tous” (SEMBÈNE, Ousmane. 2012, p.27).

Para ilustrar esse cenário, podemos citar Doudou, secretário-geral, personagem responsável pela coordenação do comitê da greve de Thiès, e informante do processo das negociações. Doudou foi um dos geradores da ideia de formar um sindicato dos trabalhadores negros na cidade de Thiès. Mesmo sendo fortemente marcado pelo caminho sofrido que eles empreenderam para formar o sindicato, Doudou não se deixa intimidar pela Direção, mostrando-se determinado e engajado para levar adiante o movimento da greve.

É com esse mesmo sentimento de engajamento que o narrador apresenta a personagem de Tiémoko. Responsável e relator local da comissão da greve em Bamako, Tiémoko introduz um discurso oratório questionando os direitos dos trabalhadores negros e alerta para a necessidade de tomar uma atitude para enfrentar o sistema de exploração da Direção da Companhia:

Dizem-nos que temos os mesmos direitos, mas isso tudo é mentira, nada mais que mentira! [...]. Não adianta olharmos para nossas folhas de pagamento e dizermos que os nossos salários²⁸ são insuficientes. Se quisermos viver decentemente, nós temos que lutar.

On nous dit que nous avons les mêmes droits, mais ce sont des mensonges! [...] il ne sert à rien de contempler nos feuilles de paie et de dire que nos salaires sont insuffisants. Si nous voulons vivre décemment, il nous faut lutter (SEMBÈNE, 2012, p. 45).

Tratam-se de argumentos pertinentes, pois são reveladores da hipocrisia e do sistema de extorsão da Direção da Companhia ferroviária. Conforme já mencionado no capítulo precedente, apenas por serem considerados como cidadãos franceses, considerava-se que os trabalhadores negros da ferrovia do Dakar-Níger tivessem o mesmo estatuto e os mesmos direitos que os seus colegas brancos, o que na realidade se tratava de uma estratégia política não condizente com a situação de miséria e discriminação com a qual esses trabalhadores conviviam.

Contudo, Tiémoko conseguiu, através do seu discurso, levar a assembleia ao boicote das atividades ferroviárias, buscando por meio das suas leituras, fundamentar-se

²⁸ Em seu livro *O manifesto comunista* (1998), Karl Marx define o salário como sendo a soma dos meios de subsistência indispensável ao trabalhador para conservar a sua vida de operário. De acordo com tal princípio, podemos deduzir que o romancista, através da fala de Tiémoko, alerta os trabalhadores negros sobre a necessidade de lutar para arrancar das mãos do patronato o que lhes é de direito. Essa ideia da personagem reforça a influência do romancista pela ideologia marxista, que forjou grande parte do seu pensamento e a qual nos referimos anteriormente.

nas teorias revolucionárias, tal como *La condition humaine* (1933)²⁹ para consolidar a defesa de seu ponto de vista. Através da figura de Tiémoko, Sembène não lança apenas uma crítica das condições sociais dos trabalhadores negros, mas propõe uma reflexão sobre a importância da aquisição de conhecimentos intelectuais como arma fundamental para enfrentar o inimigo.

Cabe ressaltar, nesse caso, que os operários não duvidam de que para atingir o seu alvo, ou seja, para ter um futuro melhor, eles têm que ficar unidos, como enfatiza Samba N'dougoulou: “Nós temos que ficar fortes, saber por que queremos viver, devemos ficar unidos”.³⁰ Segundo essa concepção, é possível argumentar que Sembène sugere, através da fala de Samba N'dougoulou, que a luta pela liberdade e pelo progresso deve incluir a solidariedade, pois é na união que se quebra a máquina da subserviência. Cabe ressaltar, nesse contexto, que Sembène identifica-se como um “alter ego” das suas personagens, levando em consideração que, durante todo o seu percurso de luta anticolonialista, sempre promoveu a ideia de solidariedade entre os povos como meio inerente à reconstrução social, sobretudo de combate à alienação colonial. Como bem destaca (GADJIGO, 2013, p.182): “O nosso lema é a solidariedade e a fraternidade no combate”³¹. O que nos leva a afirmar que nessa narrativa o narrador encarna-se no autor, uma vez que, as posições do narrador refletem de forma explícita a posição ideológica do autor.

O narrador revela, por meio da maturidade dos argumentos das suas personagens, uma transformação social que vem com a chegada de uma nova geração disposta a vencer o medo do passado, a não ceder à pressão nem às intimidações, como articulam Lahbib e Boubacar, que afirmam que uma geração deve ser construída sob o signo da resistência – determinada a protestar contra a estrutura alienante e a defender o seu ideal. Podemos sustentar que o narrador utiliza as suas personagens como veículo das suas aspirações mais significativas, que se resumem à independência da sociedade senegalesa bem como de todas as sociedades no jugo colonial.

²⁹ Aqui o autor refere-se ao romance *La condition humaine* de André Malraux (1901-1976). Publicado em 1933, o livro relata o percurso de um grupo de revolucionários comunistas chineses, que preparam uma insurreição na cidade de Sanghai contra a invasão francesa. Vale ressaltar que não é por acaso que essa obra aparece nas páginas de *Les bouts de bois de Dieu*. Segundo Gadjigo, Malraux foi um dos escritores que influenciaram o estilo narrativo do romancista senegalês, tendo esse pedido ao escritor francês para revisar o manuscrito do romance antes da sua publicação.

³⁰ “Il faut tenir, il faut savoir pourquoi on veut vivre, il faut se serrer les coudes” (SEMBÈNE, 2012, p.45).

³¹ “Notre devise c’est la solidarité et la fraternité dans le combat” (GADJIGO, 2013, p.182).

Como em toda manifestação há divergência de opiniões, o narrador apresenta personagens engajadas e determinadas a lutar pelo interesse coletivo, da mesma forma que ele expõe personagens pessimistas com comportamentos negativos face às questões em discussão. Para ilustrar esse fato, fazemos referência à Daouda e Diara. Daouda, operário indeciso, sempre duvidou do sucesso do movimento, abandonando o sindicato antes mesmo do fim da greve. Do mesmo modo, Diara, um dos reguladores do trem que tinha votado numa greve indeterminada e, como todos trabalhadores havia recebido o auxílio alimentar, por motivos desconhecidos, regressa ao trabalho às escondidas, obrigando, além disso, as mulheres dos grevistas a desembarcarem do trem.

Ressalva-se a humilhação sofrida por Diara, em público, perante o tribunal dos trabalhadores, tal como descrito pelo narrador no capítulo *Le jugement* devia servir de exemplo a todos os trabalhadores que ousassem furar a greve. Esse episódio provocou uma certa ansiedade e receio entre os jovens sindicalistas, pois: “julgar um homem [perante o tribunal] não fazia parte das suas atribuições, e a novidade do caso mergulhava-os [jovens sindicalistas] numa desconfortável incerteza”.³²

Concomitantemente a essa decisão, podendo colocar em risco a coesão do movimento da greve, aflorava a indignação e o desapontamento dos velhos perante a forma de pensar dos jovens sindicalistas, assim como evidenciado na seguinte fala da Velha Niakoro:

Como! Deixar a honorabilidade de um homem tão sério ser arrastada pela lama, um homem de tão boa linhagem! Eles devem se pegar apenas com os toubabous! Nunca esses jovens terão cabelos brancos, o nosso mundo está se desfazendo.

Comment! Laisser l'honorabilité d'un si brave homme traînée dans la boue, un homme d'une si bonne lignée! Ils n'ont qu'à s'en prendre aux toubabous! Jamais ces jeunes n'auront de cheveux blancs, notre monde se défait (SEMBÈNE, 2012, p. 145).

Embora os jovens sindicalistas mostrem-se determinados em colocar seu plano em marcha (matar ou espancar em público o furador da greve), os velhos não se conformam com a decisão, a qual qualificam de “sacrílego”, já que não condizentes com os valores morais da sociedade, como declara Fa-Keïta:

³² “Juger un homme [devant un tribunal] n'était pas dans leurs attributions et la nouveauté du cas les plongeait dans une inconfortable incertitude” (SEMBÈNE, 2012, p. 146).

Se vocês querem imitar os esbirros dos vossos patrões, vocês se tornarão bárbaros iguais a eles. É um sacrilégio, para homens santos, matar, é um sacrilégio...

Si vous voulez imiter les sbires de vos maîtres, vous deviendrez comme eux, des barbares. C'est un sacrilège de tuer, oui, pour des saints hommes, c'est un sacrilège... (SEMBÈNE, 2012, p.154).

Todavia, pelo fato de a nova geração de sindicalistas optar por tal sentença, o narrador quer alertar, de um lado, sobre o nascimento de um olhar diferente a respeito da ordem das coisas, uma mudança das mentalidades que iniciará um processo de modernização, o qual tentará reformar ideias e, de outro lado, revelar todo o poder da máquina que está provocando uma obliteração das tradições e dos valores morais sobre os quais era fundada essa sociedade.

Em contrapartida, é possível cogitar que independentemente dos olhares distintos das personagens, essa ocorrência atribuiu um caráter relutante à narrativa, uma vez que permitiu assentar a revolta e dar relevância ao movimento da greve.

Porém, ao lado da imagem de Diara, surgem outras personagens recalcitrantes à iniciativa da greve. Essas personagens destacam-se pelo medo incessante das ocorrências do passado. Ao invés de se juntar ao movimento da greve, os velhos do sindicato mantêm um olhar diferente sobre o ato da greve. Um olhar de angústia e de medo profundamente afetado pelas lembranças das represálias violentas de “1938”, época em que os operários negros tentaram, pela primeira vez, levantar-se contra a ordem administrativa colonial. A esse respeito, citamos Fa-Keïta, o docente do sindicato e Sounkaré, o velho guarda do entreposto. Após anos de serviço na linha do Dakar-Níger e, tendo que conviver com um cotidiano miserável, o velho Sounkaré procura a religião como refúgio e aceitação do seu estatuto de colonizado.

Deflagrar uma greve, na concepção do velho operário é ter “a memória curta” sobre um passado muito recente, considerando o primeiro confronto entre os operários negros e a Direção, a de setembro 1938, encerrado em banho de sangue. Tal receio torna-se visível por meio da conversa do velho com o seu amigo Bakary: “Daqui até Koulikoro, tudo lhes [brancos] pertence. Eles podem até dispor das nossas vidas”³³. Percebemos que o medo que permeia a consciência dessa geração de vítimas resignadas faz com que ela prefira um salário irrisório do que se comprometer numa luta pela dignidade, podendo colocar em risco sua vida e de toda a comunidade. O mesmo

³³ “D’ici jusqu’à Koulikoro, tout ce qui roule est à eux [les blancs]. Ils peuvent même disposer de nos vies” (SEMBÈNE, 2012, p.43).

raciocínio e a mesma apreensão são notados na personagem de Fa-Keïta. Até o dia em que ele foi levado injustamente à casa de detenção pela milícia, o velho pregava a tolerância e a ideia de que o ódio e a vingança não devem ser o sustento dessa revolta, pois tendem a aumentar a insurreição. A crueldade e violência que ele descobriu atrás das grades da prisão colonial fizeram-lhe mudar de ideia e tomar consciência de que uma revolução era irreversível para a recuperação da liberdade e para a transformação da situação colonial.

Nesse estudo, cuja ênfase é voltada à psicologia e não aos aspectos físicos das personagens, cabe ressaltar que o empenho e a determinação de algumas personagens femininas tais como Ramatoulaye, Penda e Mame Sofi durante o período da greve não passam despercebidos. Cientes de que só se engajando na luta elas conseguirão melhorar as suas condições sociais, as mulheres vão demonstrar uma forte mobilização e impor ações de resistência contra a tirania da milícia colonial. Ao se juntar com os maridos no protesto, elas contribuem para dar um impulso nas reivindicações do movimento sindicalista e para romper os preconceitos feitos sobre a imagem da mulher na sociedade senegalesa. Dedicaremos, entretanto, o próximo capítulo, ao estudo da representação da mulher e da sua atuação no movimento da greve.

A conclusão a que chegamos é a de que independentemente dos olhares diferentes que esse grupo de personagens tem sobre o movimento da greve, elas partilham um suplício coletivo: o fato de viverem sob o jugo de um sistema repressivo alheio e o fato de terem as mesmas aspirações para um futuro melhor. Entretanto, podemos afirmar que é esta camada social em destaque que interessa o romancista e, de modo geral, constitui o seu povo privilegiado. No entanto, não poderemos destacar a questão da revolta e da resistência presente no romance sem mencionar a classe com que as operárias negras se chocam: o patronato, que usa do seu poder econômico e de uma conjuntura de preconceitos para poder aliená-la.

- **O patronato**

Entendemos por patronato a classe hierárquica do sistema colonial que, de modo geral, é representada pela Direção da Companhia ferroviária e pelos operários brancos. Partindo de um vocabulário pejorativo (*Sauvages; nègres; nègresse; macaques*), o narrador retém a nossa atenção sobre o preconceito que essas personagens têm a respeito dos trabalhadores negros, considerados poucos civilizados e comparáveis às

crianças, na sua impulsividade psicológica. Um juízo preconcebido que observamos ao longo do romance, através dos argumentos de Dejean e dos seus demais colegas brancos, para quem a cor da sua pele justifica a priori a superioridade e a autoridade absoluta sobre os negros.

Durante a greve, Dejean, responsável pela Direção da Companhia ferroviária, recusa-se a colaborar com os dirigentes do movimento da greve, sob a alegação de que eles são polígamos. Após anos na colônia ele alega ter aprendido a lidar com o modo de pensar dos operários negros – que ele qualifica de pueril e imaturo. Como observamos na seguinte alegação: “[...] Eu os conheço, eu lhe garanto, eles são crianças... Vinte anos de colônia, isso dá muita experiência...”³⁴ As mesmas propostas são retomadas várias vezes na narrativa: por Isnard que considera os negros como: “[...] crianças, às vezes difíceis, mas, apesar de tudo, bastante manejáveis”³⁵, tal visão é compartilhada por Victor, adjunto de Dejean, que apoia aquele nos seus planos de procurar estratégias para corromper os dirigentes sindicalistas, com intenção de sufocar as manifestações.

A ideia de que o negro é um ignorante e acima de tudo maleável é evidenciada nas páginas de *Le docker noir* (1956), através das relações entre Diaw Fall, personagem principal do romance e Ginette Tontisane, escritora francesa. Estivador negro, Diaw Fall escreve um manuscrito intitulado: *Le dernier voyage du négrier Sirius*, tendo, no entanto, de enfrentar os preconceitos racistas dos editores brancos para a publicação. Diaw Fall entrega o manuscrito à Ginette na esperança que ela irá achar um editor. Longe do que se podia esperar, a jovem escritora publica o livro em seu próprio nome e se apropria ilicitamente de todos os direitos de autoria, inclusive o prêmio literário. Por conseguinte, ela tenta oferecer, a Diaw Fall, dinheiro para comprar seu silêncio, sob pretexto que um tal romance coroado pela Academia das Letras nunca seria reconhecido se tivesse a autoria de um pobre negro. Além da representação da discriminação, destaca-se também no romance a visão eurocêntrica que dita ser o negro um homem ignorante, desprovido de capacidades intelectuais, não podendo criar obras de grande envergadura nem ficar na mesma escala social que o branco.

Em estreita conexão com o nosso romance *Les bouts de bois de Dieu*, a construção da imagem do negro animalizado ou infantilizado, imagem dissimulada sob

³⁴ “[...] je les connais, je vous assure, ce sont des enfants... Vingt ans de colonie, ça donne de l’expérience...” (SEMBÈNE, 2012, p. 59).

³⁵ “[...] des enfants souvent difficiles mais, somme toute, assez maniables” (SEMBÈNE, 2012, p. 236-237).

pretextos racistas que pressupõem sua inferioridade, reflete-se na fala do diretor do serviço de saneamento dirigida ao comandante da delegacia, que alega que os negros devem ser afastados para as periferias da cidade, pois, formam uma comunidade primitiva, difícil de conviver: “Eu me pergunto por que o serviço de saneamento não afasta essa gente a uns vinte quilômetros, como se faz na África do Sul e no Congo Belga”³⁶. Desvenda-se, com tal discurso, a ideologia colonial que visa, além da exploração, a afundar o colonizado na miséria. A interpretação pejorativa do negro é repetida no romance pelas mulheres brancas. Referimo-nos, nesse contexto, à Béatrice, esposa de Isnard que não esconde seu repúdio em relação à comunidade negra e seus costumes, precisamente, no que diz respeito à questão da poligamia, considerada por ela um dos motivos principais para negar aos operários negros o reajuste salarial e as aposentadorias.

Sendo assim, cabe ressaltar que esses preconceitos racistas, os quais transparecem ao longo da narrativa, são apoiados pela burguesia negra que vive alheia à realidade e aos problemas da comunidade negra. Entre eles citamos: Sérigne N’Dakarou, o chefe religioso da cidade de Dakar e o seu acólito, El hadji Mabigué. Coadjuvantes do sistema administrativo colonial, eles condenam o motivo da greve e apoiam a ideia da hegemonia do branco.

Em contraposição, o narrador revela personagens da comunidade branca que, com suas atitudes, demonstram uma visão diferente sobre os negros – personagens que valorizam o esforço dos operários negros ao considerá-los: “homens íntegros”. Esse é o caso de Leblanc, o “intelectual do Vaticano”, como ele é chamado pelos seus colegas brancos ao se referirem a sua vida fracassada pelo álcool. Contrário a atitude abusiva dos seus colegas brancos, Leblanc mostra-se a favor do movimento sindicalista negro. Durante a greve, ele apoia de forma anônima os sindicalistas, enviando-lhes dinheiro para assegurar o movimento.

Ao lado dele, citamos também Pierrot, o jovem estudante, recém-chegado na colônia. Pierrot sente uma profunda curiosidade em conhecer uma família *indigène* e em descobrir a cultura africana, como evidenciado na sua conversa com a esposa de Isnard: “Você poderia dar-me uma dica. Eu gostaria de conhecer uma verdadeira família

³⁶ “Je me demande pourquoi le service d’hygiène ne refoulent pas ces gens-là à une vingtaine de kilomètres comme ça se fait en Afrique du Sud et au Congo belge” (SEMBÈNE, 2012, p. 185).

africana.”³⁷Vemos, assim, com essas personagens anticolonialistas, a demonstração de uma visão diferente sobre o negro, isto é, uma tentativa de aceitação desse como ele é, expressando a queda do patronato que, de certa forma, simboliza o fim do sistema colonial.

2.2.2. O tempo

Como elementos essenciais na articulação da narrativa, Sembène vincula tempo e espaço para evidenciar as relações ambíguas, geradoras de conflitos entre colonizador e colonizado. O tempo, em *Les bouts de bois de Dieu*, pode ser apresentado em três desdobramentos: o tempo histórico, o tempo do discurso ou da ficção e o tempo psicológico.

A representação ficcional do movimento da greve dos operários, da linha do Dakar-Níger, permite situar alguns fatos no fluxo do tempo histórico. Entendemos por tempo histórico, o tempo que abarca a história narrada. Segundo Gancho (2002), “[O tempo] constitui o pano de fundo do enredo” (p. 20), mas nem sempre esse tempo corresponde ao tempo da publicação do romance. A título de exemplo, o romance, *Les bouts de bois de Dieu* foi publicado em 1960, ano em que a maioria das colônias africanas proclamou sua independência, embora retrate fatos ocorridos no período colonial, mais precisamente entre outubro de 1947 a março de 1948.

Algumas marcações temporais tais como: “dia de 10 de outubro de 1947”; “setembro de 1938”; “a Segunda Guerra Mundial”, relatadas pelo narrador ou pelas personagens ao longo do romance, fazem referência aos acontecimentos autênticos da história do Senegal. A evocação de setembro de 1938 nessa narrativa traz lembranças sobre o episódio da primeira greve dos ferroviários na AOF – greve em massa que foi deflagrada um ano antes da Segunda Guerra Mundial, em uma “manhã de terça-feira de setembro” para protestar contra as condições trágicas dos trabalhadores da linha do Dakar-Níger (MBENGUE, 1975). Devido à falta de coesão no seio dos movimentos sindicais daquela época, a greve resultou em muitas mortes, em um fracasso total, permitindo a administração colonial neutralizar as manifestações. E como explica (MBENGUE, 1975): independentemente do insucesso, esta greve trágica revelou, pelo menos, o surgimento de um sindicalismo de combate, que ainda estava em suas

³⁷ “Vous pourriez me donner un tuyau. J’aimerais connaitre une vraie famille africaine” (SEMBÈNE, 2012, p. 256).

premissas. Entretanto, após anos, no dia 10 de outubro de 1947, o movimento sindicalista dos trabalhadores da mesma linha iria entrar novamente na história, dessa vez com uma determinação maior.

Partindo dessas referências históricas presentes no romance, podemos constatar que além de tentar mostrar ao leitor a verossimilhança, o narrador serve-se dessas marcações temporais para situar o romance, respondendo, portanto, a questão: em que época da história da África se situa os acontecimentos narrados? Trata-se aqui do tempo da exploração colonial, o tempo da luta anticolonial e do surgimento dos primeiros movimentos sindicais na África Ocidental.

Quanto ao tempo do discurso, segundo Reis (1988), ele é a representação narrativa do tempo da história. Entretanto, destacamos que, na construção desta narrativa, ele não segue uma lógica linear devido à alteração da ordem em que os fatos estão narrados. A concepção do tempo do discurso e a sua duração são estreitamente vinculados aos momentos cruciais da revolta operária.

Dessa forma, podemos atestar que o tempo do discurso desempenha uma função psicológica sobre as personagens. Ele tem início com a entrada em greve dos trabalhadores negros e encerramento com sua vitória, uma vez que foram aceitas as reivindicações. Analisando a sucessão dos acontecimentos, podemos dizer que o tempo do discurso estrutura-se em três sequências gradativas, tanto para a consolidação do movimento de resistência pelos operários negros quanto para a tentativa de desmobilização do movimento pela administração colonial. Essas sequências podem ser observadas por meio de fragmentos significativos.

Entre os trabalhadores negros destacamos, em primeiro lugar, um tempo de tomada de consciência das suas condições de trabalho: “Somos nós que fazemos o trabalho [...] e é o mesmo que o dos brancos. Então, por que têm o direito de ganhar mais?”³⁸ Em seguida, um tempo de recusa e de autoafirmação, no qual surgem as ações de resistência contra o aparelho repressivo colonial, porém, entrecruzado por um sentimento de inquietação: “Entre os grevistas, um medo não formulado, um espanto receoso perante esta força que tinham posto em movimento e não sabiam se deviam alimentá-la de esperança ou de resignação”³⁹. Por fim, um momento de superação do sofrimento e de

³⁸ “C’est nous qui faisons le boulot [...] et c’est le même que celui des blancs. Alors pourquoi ont-ils le droit de gagner plus?” (SEMBÈNE, 2012, p. 24).

³⁹ “Chez les grévistes, une peur informulée, un étonnement craintif devant cette force qu’ils avaient mise en branle et dont ils ne s’avaient pas encore s’il fallait la nourrir d’espoir ou de résignation” (SEMBÈNE, 2012, p. 64).

triunfo do movimento operário contra a exploração, que se fecha com a aceitação das reivindicações e com o desmantelamento do patronato: “a greve acabou, mas é preciso que o diretor e Isnard abandonem a cidade.”⁴⁰

A mesma visão do tempo é notada para descrever a tentativa dos operários brancos de desarmar o movimento da greve. Em primeiro lugar, o tempo aparece como uma ilusão, uma vez que a Direção da Companhia ferroviária pensa dominar todas as medidas eficientes para sufocar a greve: “Eu conheço os negros daqui. Dentro de alguns dias, haverá alguns que vão querer retomar o trabalho. Talvez ainda mais cedo”⁴¹. Portanto, essa convicção baseada no seu poder econômico e político não tardará a desembocar num momento de verdadeiro pânico, de mal-estar – de impotência perante a fúria da massa, evidente no seguinte excerto: “Entre os brancos, a preocupação do número. Como sentir-se seguro no meio desta massa escura.”⁴² Enquanto minoria, o sentimento de impotência de segurar a efervescência das manifestações deu lugar a um tempo de derrota da hierarquia, como revela a fala de Edouard dirigindo-se a Isnard: “Vamos, vamos [...] chegou a hora de ir embora [...] eles [os negros] ganharam.”⁴³

Ademais, é importante salientar que o narrador constrói uma narrativa fragmentada e intercalada, embora revele um discurso em prol do movimento dos operários negros e da sua comunidade, que apesar das dificuldades e das opressões, tanto morais quanto físicas, não desistem do seu objetivo, prosseguem com mais afinco a lutar por uma vida melhor.

Observamos, no entanto, que essas ocorrências são narradas de forma intercalada pela frequência de anacronias (analepse e prolepse) por meio das quais o narrador tenta revelar todas as informações que dizem respeito à vivência cotidiana das personagens e suas condições sociais ambíguas, que de fato norteiam o conflito entre operários negros e a Direção da Companhia ferroviária:

A ruptura do fio narrativo traduz bem as situações angustiantes enfrentadas pelas personagens. Os processos de narrativa linear são desorganizados; por conseguinte, os vários modos de temporalidade

⁴⁰ “la grève est finie, mais il faut que le directeur et Isnard quitte la ville” (SEMBÈNE, 2012, p.376).

⁴¹ “Je connais les noirs d’ici. Dans quelques jours, il y’en aura déjà qui voudront reprendre. Peut être même avant” (SEMBÈNE, 2012, p. 60).

⁴² “Chez les blancs, la hantise du nombre. Comment, petite minorité, se sentir en sûreté au milieu de cette masse sombre?” (SEMBÈNE, 2012, p. 64).

⁴³ “Allons, allons [...] il est temps de partir [...]. Ils [les noirs] ont gagné” (SEMBÈNE, 2012, p. 378).

justapõem-se, sobrepõem-se. A conjuntura desordenada parece embaralhar a sucessão cronológica (BESTMAN, 1974, p. 400).⁴⁴

Ao invés de acelerar o ritmo dos acontecimentos, o narrador interrompe o tempo do discurso com o uso de anacronias para dar uma visão global do universo narrativo. Na técnica narrativa de Sembène, o uso desses elementos permite preencher os intervalos e recompor os detalhes fragmentados, como um modo de estender a duração da revolta operária. Essa técnica de recuo e avanço no tempo contribui para romper a monotonia e para variar o ritmo da narrativa, do mesmo modo que permite alongar o tempo de ação do movimento da greve e ajuda a manter uma conexão entre os acontecimentos passados e presentes.

Resumindo, podemos afirmar que o tempo do discurso pode ser visto como um elemento que denota esse clima de instabilidade, de angústia, de pressão e de convicção, pois a construção anacrônica da temporalidade evidencia as diferentes fases de desenvolvimento da revolta operária contra o poder opressivo colonial. Os avanços e recuos da estrutura narrativa refletem também as perdas e ganhos do movimento operário, que favoreceram, ao longo do desdobramento da narração, o desejo gradativo de liberdade e independência.

Ao contrário do tempo do discurso, o tempo psicológico (ou monólogo interior) é o tempo filtrado no imaginário das personagens. Nesse sentido, trata-se de um tempo empregado pelo narrador para ilustrar recordações do passado longínquo de certas personagens ou recordações de alguns eventos do passado, porém, fortemente ligado às personagens idosas. Nessa perspectiva, podemos citar: a Velha Niakoro e Sounkaré, o velho guarda cujas recordações ajudam ao leitor a entender certos detalhes sobre a primeira greve e, possivelmente, entender a sua posição em relação à ideia de fazê-la:

Sounkaré arrepiou de novo, porque desta vez lhe veio ao pensamento a primeira greve de Thiès, a de setembro de 1938. Ele reviu os cadáveres obscenos espalhados pela praça, os charcos de sangue que o vento tinha secado, o chão juncado de babuches, de chinelos, de tênis, de bonés brancos e caqui, de gorros [...]. E agora os filhos desses fazem, por sua vez, greve.

⁴⁴ “La rupture du fil du récit traduit bien les situations angoissantes que vivent les personnages. Les procédés de narration linéaire sont bousculés; par conséquent, les divers modes de temporalité se chevauchent, se superposent. L’enchevêtrement semble brouiller la succession chronologique” (BESTMAN, 1974, p. 400).

Sounkaré frissonna de nouveau, car, cette fois, il venait de penser à la première greve de Thiès, celle de septembre 1938. Il revit les cadavres obscènes éparpillés sur la place, les flaques de sang que le vent avait séchées, le sol jonché de babouches, de sandales, de chaussures de tennis, de casques blancs ou kaki, de fez [...]. Et voici que maintenant les fils de ceux-ci qui font la greve à leur tour (SEMBÈNE, 2012, p. 207).

Nessa cena simbólica, o velho guarda rememora o espetáculo caótico da tentativa de resistência do primeiro movimento operário negro contra a Direção e as consequências drásticas que causaram a comunidade negra. E como testemunha ocular desses acontecimentos traumáticos, o velho guarda ainda carrega lembranças lancinantes desse momento por isso ele teme que a mesma cena cruel volte a se repetir de novo, daí que os grevistas devem desistir da ideia do movimento.

Da mesma forma, podemos igualar a atitude de Sounkaré à da Velha Niakoro. Personagem apática em relação à mudança social, a Velha Niakoro lamenta também a reação dos jovens ferroviários. Comportamento que ela julga ser o resultado da degradação dos valores tradicionais causado pelo advento da máquina. Saudosa, a Velha Niakoro narra a respeito de sua juventude, evocando a moral que regia a sociedade bambara, o respeito que os jovens dedicavam aos mais velhos. Recordações que trazem também informações sobre o modo de como as mulheres eram idealizadas nas sociedades bambara e uolof e o cuidado que elas dedicavam aos seus lares:

Nos tempos remotos, antes mesmo da estrela da manhã desaparecer, aos primeiros clarões da aurora, começava o canto dos pilões. De pátio em pátio, as batedoras devolviam umas às outras o leve ruído do incessante martelamento dos pilões [...]. Mas agora o almofariz estava silencioso e as árvores tristes anunciavam apenas dias sombrios.

Aux temps ancien, avant même que l'étoile du matin eût disparu dans les premières lueurs de l'aube, commençait le chant des pilons. De cour en cour, les pileuses se renvoyaient le bruit léger du martèlement incessant de leurs pilons [...]. Mais maintenant le mortier est silencieux et les arbres tristes n'annoncent plus que de sombres journées (SEMBÈNE, 2012, p. 158).

Essas recordações da Velha Niakoro vêm relativizar um processo avassalador das personagens femininas, que se efetua no cuidado do lar, no seu papel de mãe e dona de casa. Papel esse atribuído a ela e estruturado sob os moldes do patriarcalismo que ditava as normas vigentes dessa sociedade. Entretanto, esse tempo tão idealizado por Niakoro vem se desfazendo com a chegada das máquinas.

2.2.3. O espaço

O romance, como uma das formas artísticas de representação da realidade, constitui um valioso meio para o estudo da reconstrução do espaço real. Reconhece-se que muitas vezes a descrição dos diferentes espaços do romance colonial é reveladora dos aspectos reais das representações, tanto social como política, pelos quais passam a sociedade em questão, como notado em *Les bouts de bois de Dieu*. Segundo as palavras de Bestman:

É evidente, que um romance africano, especificamente, um romance de Sembène que pareça inspirar-se pela estética realista, que se serve dos elementos concretos da vida real, mas, ainda assim, continua a ser uma criação literária, em alguns aspectos pode corresponder com a «realidade» do meio sócio-político, como ele pode também deformar esta «realidade»; dado que o imaginário e o real se misturam, a figuração romanesca não é idêntica em todos os aspetos à realidade [...] (BESTMAN, M., p. 397).⁴⁵

Conforme destacado nesse segmento, o estudioso enfatiza o caráter ficcional da obra literária, mesmo sendo uma criação artística suscetível à reprodução com fidelidade dos elementos concretos de uma época ou de uma sociedade dada, a obra romanesca não deixa de ser uma mera representação ficcional em que o imaginário e o real podem cruzar-se. No reconhecimento dessa verdade, podemos assegurar que a abordagem inerente à questão dos espaços no romance de Sembène revela, também, um pano de fundo no qual o “real” e o “imaginário” confundem-se.

Pelo desdobramento da ação narrativa, delinea-se um panorama histórico-geográfico patente e simbólico, dentro do qual o leitor identifica-se, representado pela linha Dakar-Níger que tem início na cidade de Dakar, passando pelas cidades de Thiès e de Bamako. Uma técnica narrativa cuja ação ultrapassa as fronteiras senegalesas, representadas pelas cidades de Dakar e de Thiès, estendendo-se em um horizonte que abrange a cidade de Bamako, no Sudão francês (atual Mali). Desta maneira, como o tempo, a estrutura desses três espaços referidos não segue uma lógica linear, uma vez, que eles nos são apresentados de forma fragmentada, sendo provavelmente um meio de

⁴⁵ “Il est de fait, qu’un roman africain, singulièrement un roman de Sembène, qui [...] semble s’inspirer de l’esthétique réaliste, qui se sert d’éléments concrets de la vie réelle, mais qui tout de même reste une création littéraire, peut dans certains aspects correspondre à la «réalité» du milieu socio-politique, comme il peut même déformer cette «réalité»; étant donné que l’imaginaire et le réel se trouvent mêlés, la figuration romanesque n’est pas identique em tous points à la réalité [...]” (BESTMAN, 1974, p. 397).

desvelar com mais agudeza, além das mazelas do aparelho colonial, a aflição e o desespero do povo colonizado.

Os espaços em que vivem os negros não são aqueles habitados pelos brancos – situam-se à margem desses. No meio dos escombros, erguem-se os bairros populares *indigènes*, revelando a miséria da comunidade negra que vive em situação precária. O emprego de um vocabulário pungente (*cavernes sombres; courettes empestées; ruelles étranglées*) colabora para mostrar uma imagem infectada e abafada das casas “prontas para deslizar na primeira rajada de vento”. Essas características insalubres desses locais trazem à tona a imagem de um mundo de insegurança e de depravação que Fanon descreve como “[...] um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. [...] É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. Uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada” (FANON, 1979 p. 29).

Apresentadas como espaços débeis, as cidades *indigènes* são lugares onde se destacam a luta constante pela sobrevivência cotidiana, por trás da qual se esconde uma deterioração moral do ser humano. Cena que é nada menos do que o retrato real da face de um poder alienante. Ao lado destes aspectos representativos das realidades coloniais, justapõe-se, de igual modo, o desalento dos frequentadores do mercado popular da cidade de Thiès:

Na Praça de Ali N’Guerd erguiam-se as barracas das vendedoras de comida. Bem-vestidas, elas chamavam os clientes para a frente dos balcões carregados dos mais variados pratos: havia bolinho de chuva, almôndegas de peixe ou de carne, batatas fritas [...] ainda fumegantes e que se consumiam muito quentes. Havia também tubérculos de mandioca assados no borralho ou preparados com molho [...]. E tudo podia comprar-se a crédito, (no final do mês), segundo a expressão habitual. E depois havia os principais frequentadores do mercado: os mendigos e as moscas. Ambos pululavam. Mendigos de todas as idades beiravam a sua miséria; enquanto às moscas de um verde azulado, voavam das feridas que os mendigos tinham na cara ou nos membros para a borda dos recipientes das vendedoras de comida. Se alguém as expulsava com um gesto, elas se deslocavam, simplesmente, para o outro lado em massa.

Sur la Place Ali N’Guerd se dressaient les abris des vendeuses de nourriture. Proprement mises, elles appelaient les clientes devant leurs comptoirs chargés des mets les plus variés: on y trouvait des beignets, des boulettes de poisson ou de viande, des patates douces frites [...] encore fumantes et que l’on consommait toutes chaudes. Il y avait des tibercules de manioc rôtis sous la cendre ou préparés em sauce [...]. Et tout pouvait s’acheter à crédit. «sur le dos du mois», selon l’expression coutumière. Et puis, il y avait les principaux habitués du marché, les mendiants et les mouches. Les uns et les autres pullulaient. Des mendiants, il y avait de tous les âges qui

clamaient leur misère; quant aux mouches, de gros mouches d'un vert bleuté, elles allaient des plaies que les mendiants portaient sur leur visage ou sur leurs membres, au rebord des récipients des marchands de nourriture. Si on les chassait d'un geste, elles allaient simplement ailleurs par essaims entiers (SEMBÈNE, 2012, p. 39).

Essa longa passagem do romance expõe uma característica importante do cotidiano repugnante dos mendigos, uma camada social esquecida que vivia à margem dessa sociedade. Seguindo o olhar parcial do narrador, temos uma descrição animalizada desse grupo de personagens. Dividindo o mesmo canto com as moscas, eles são visto como um todo. O retrato restrito dessas personagens leva-nos a repensar na questão da mendicidade no contexto atual da sociedade senegalesa, em particular, a mendicidade das crianças. Comumente chamadas de *talibés*, essas crianças cuja maioria vem do interior do país ou dos países vizinhos são levadas nas escolas corânicas pelas famílias com o objetivo de aprender os princípios do Alcorão.

E nesse processo de aprendizagem, elas são levadas a mendigar o seu próprio pão cotidiano nas ruas da cidade onde elas venham a sofrer maus tratos, exploração, às vezes, por parte dos responsáveis legais (guias espirituais), prejudicando, assim sua saúde e sua vida a se concretizar. Tendo em vista que a “Declaração dos Direito da criança”⁴⁶ promulgou que esse grupo de indivíduos deve ser “protegido de todas as formas de discriminação e de sanção”, conseqüente as condições as quais elas são inseridas (ALVES, 2001, p.49). Um flagelo, ainda muito difícil de erradicar, pois, é estritamente ligado às práticas e costumes, especificamente, muçulmanos.

Voltando a nossa análise, destacamos através da leitura espacial do mercado negro da cidade de Thiès, que além do pão cotidiano que é uma necessidade escassa, os moradores defrontam-se com outros obstáculos, principalmente os de higiene e de saúde. A situação de vida degradante que o narrador evidencia na cidade de Thiès é

⁴⁶ A Declaração de 1924 e 1959 reconhece que a criança deve ser protegida independentemente de qualquer consideração de raça, nacionalidade ou crença, deve ser auxiliada, respeitando-se a integridade da família e deve ser colocada em condições de desenvolvimento de maneira normal, quer material, quer moral, quer espiritual. Nos termos da Declaração, a criança deve ser alimentada, tratada, auxiliada e reeducada; o órfão e o abandonado devem ser recolhidos. Em tempos de infortúnio, a criança deve ser a primeira a receber socorros. A criança deve ser colocada em condições de, no momento oportuno, ganhar a sua vida, deve ser protegida contra qualquer exploração e deve ser educada no sentimento de que as suas melhores qualidades devem ser postas ao serviço do próximo (ALBUQUERQUE, 2000, p.16).

muito significativa, pois, testemunha os abusos da administração em toda a colônia. Nessa perspectiva, podemos cogitar que a descrição dos bairros *indigènes*, expõe claramente o ponto de vista do narrador que supostamente mostra sua afinidade com o mundo dos *indigènes*, um vínculo que se destaca através do olhar parcial com que ele descreve o espaço desses últimos.

Em contrapartida, percebemos que o espaço residencial que abriga os responsáveis pela Direção da Companhia ferroviária e os operários brancos é formado por um conjunto de casas luxuosas, iluminadas e com suas ruas asfaltadas, como é visível no trecho a seguir:

Todas parecidas com os seus telhados de séries, com os seus gramados verdes bem cuidados, as calçadas raspadas, as varandas cercadas por uma balastrada de cimento, os alojamentos dos empregados brancos da Direção da Companhia alinhavam-se para formar um bairro bem à parte da cidade.

Toutes semblables avec leurs toits de séries, leurs pelouses vertes bien entretenues, leurs allées ratissées, leur perrons que ceinture une balustrade de ciment, les villas des employés de la Régies s'allignaient pour former un quartier bien à part de la ville (SEMBÈNE, 2012, p. 253).

Um conforto separado do “túmulo” e da “podridão” que se prolifera na comunidade *indigène*. Entretanto, esse contraste simbólico da periferia e da área burguesa não se limita ao âmbito do alojamento. A descrição dos lugares de trabalho tais como a caserna dos guardas da linha e da Direção dos operários negros testemunha, também, o caráter discriminatório e exploratório do sistema colonial. Imagem que se justapõe com a descrição do entreposto, lugar de depósito que serve de refúgio de Sounkaré, o velho guarda.

Com a exposição desses aspectos, ressalva-se que além de expor as condições de trabalho dos operários negros, o narrador intercala paralelamente o modo desses com a vida burguesa dos operários brancos, trazendo no romance uma visão mais clara das desigualdades gritantes referentes a esta sociedade colonial.

Levando esses aspectos em consideração, fica evidente que nenhuma relação amigável podia emanar desses dois espaços, à medida que a cor da pele constituía o elemento principal de separação e obstrução entre eles. Desse modo, o espaço ficcional torna-se para Sembène uma reconstituição do sofrimento vivenciado pelo colonizado e de sua condição de alienado. Trata-se de um contraste violento que se manifesta no

conjunto de habitações precárias dos operários, comparando-se à segurança que transparece nas residências luxuosas dos brancos.

A falta de acesso da comunidade negra aos bens essenciais como a comida, mas principalmente, a falta de água que o narrador evidencia na cidade de Dakar, onde a administração mandou fechar o circuito que alimenta a cidade em água, surge como o símbolo mais evidente da opressão e da alienação do colonizado, imagem que se ilustra através da seguinte fala de Ramatoulaye: “Nós somos muito miseráveis, porque a desgraça não é apenas ter fome e sede, a desgraça é saber que há gente que quer que você morra”⁴⁷. Um grito de desespero coletivo ao qual se juntam as tristes súplicas do velho guarda do entreposto:

Senhor – dissera ele, Senhor que me amais, eis-me sozinho a continuar meu caminho. Depois de tanto ter sofrido eis que eu estou ainda no início do meu sofrimento. Eu estarei, pois, amaldiçoado? Ó Deus, que fazeis por me? Você não impedis nem o mau de agir nem o bem de cair esmagado com o peso do seu fardo de miséria e pelos vossos mandamentos vós deteis o braço do justo que se ergue para reparar a ofensa. Existis realmente ou não passais de uma imagem? Em nenhum lugar vejo que vós vos manifestais. Senhor sois o Deus da Providência, concedeste-me a vossa graça, será eu que não cooperarei? Perdoai-me e age, Senhor porque tenho fome, tenho realmente fome. Senhor que me amais, age em meu favor porque mereço o vosso socorro.

Seigneur, avait-il dit, Seigneur qui m'aimez, me voici seul à poursuivre ma route. Après avoir tant souffert, voilà que je ne suis encore qu'au début de ma peine. Suis-je donc damné? O Dieu, que faites-vous pour moi? Vous n'empêchez ni le méchant d'agir ni le bon de s'écrouler sous le poids de son fardeau de misère et par vos commandements. Vous arrêtez le bras du juste qui se lève pour réparer l'offense. Existez-vous vraiment ou n'êtes-vous une image? Nulle part, je ne vous vois vous manifester. Seigneur, vous êtes le Dieu de la Providence, vous m'avez accordé votre grâce, est-ce moi qui n'ai pas coopéré? Pardonnez-moi et agissez, Seigneur, car j'ai faim, j'ai vraiment faim. Seigneur qui m'aimait agit en ma faveur car je mérite votre secours (SEMBÈNE, 2012, p. 206).

Partindo desses postulados constituídos por expressões de conotação negativa tal como: “miseráveis; amaldiçoado; sofrimento; desgraça; morra” observa-se o tamanho da miséria e do sofrimento dos operários negros. Com base na conjunção dessas sequências descritivas, é possível destacar que a partir da tomada de consciência dessa

⁴⁷ “Nous sommes bien misérables, car le malheur, ce n'est pas seulement d'avoir faim et soif, le malheur, c'est de savoir qu'il y a des gens qui veulent que tu meurs de faim” (SEMBÈNE, 2012, p. 94).

situação miserável orquestrada pelo colonizador a revolta torna-se necessário para alterar a ordem social. Miséria que induz o leitor a valorizar a ação da greve, com o intuito de combater a humilhação, as atrocidades praticadas pela administração colonial. Cabe concluir que, por um lado, o narrador tenta conscientizar sobre o sofrimento e o desejo de revolta que animam os trabalhadores negros e, por outro lado, denuncia as diferenças sociais que aguçaram o desejo de liberdade sem condicionalismo e restrições e que mobilizaram os movimentos de resistência dos negros.

Ressalva-se que, além da miséria e a fome representadas, esses espaços urbanos foram também palco de violência e de torturas. Em Bamako, onde se iniciaram as primeiras represálias, o confronto entre os trabalhadores negros e os milicianos coloniais foi encerrado com vários feridos e mortos. Em Bamako, três milicianos fizeram uma irrupção de forma brutal na “concessão”⁴⁸ dos Bakayoko à procura de Fa-Keïta, em que acabaram matando a Velha Niakoro durante a briga. A esse fato, acrescentam-se as cenas de torturas que ocorreram dentro da prisão. Na cidade de Thiès, as mulheres eram reprimidas violentamente na frente da delegacia, o que pode ser exemplificado pela morte de Houdia Mbaye e pelo fato de três crianças terem sido baleadas por um dos responsáveis da Direção, perto da residência dos brancos. A mesma atrocidade espalhou-se também na cidade de Dakar, quando os caminhantes decidiram passar pelas barreiras policiais, causando as mortes de Penda e Samba N’dougoulou, de modo igualmente violento.

Abordando mais do que um ponto de vista da mesma realidade social, esses fatos que aconteceram nesses diferentes espaços ficcionais permitem-nos notar o tamanho da violência e da opressão que prevalecia na colônia. Essa é uma descrição que surge como denominador comum de vários romances da literatura africana daquela época. Em linhas gerais, podemos fechar essa sequência afirmando que, enquanto o elemento tempo permite ao leitor situar a narrativa num contexto histórico, também descreve as diferentes fases psicológicas pelas quais passam as personagens; o espaço encarrega-se de expressar e desvelar a violência praticada pela administração colonial assim como pelos seus agentes. Assim sendo a análise da estrutura narrativa ilustra a

⁴⁸ Nas sociedades tradicionais senegalesas, a “concessão”, enquanto moradia coletiva, representa o espaço formado por um conjunto de casas onde vivem os diferentes membros de uma família, os ascendentes e descendentes da família paterna e materna unidos por laços de sangue ou por laços de adoção. Colocada sob a direção do mais velho dos ascendentes masculinos, o patriarca com quem todos os membros identificam-se, a concessão familiar é marcada pela unidade, pelos mesmos valores e os mesmos caracteres educativos (CISSÉ, 1982).

necessidade de lutar contra o sistema colonial. Luta essa que pode se transformar em revolução.

2.3. A resistência operária diante das tendências oposicionistas

Bosi (2002), mais especificamente no ensaio “Narrativa e resistência”, teoriza sobre o conceito de resistência ligado à narrativa literária como sendo originalmente ético, e não estético. Para o ensaísta, o conceito de resistência no “seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito” (BOSI, 2002, p. 118). Baseando-nos na definição do conceito de resistência que seria o ato de “opor a força própria à força alheia” (BOSI, 2002, p. 118), podemos atestar que o ato de resistência é a recusa à submissão, à subordinação a uma autoridade existente. E para que a resistência se concretize, há de existir oposição, ruptura, descontentamento, que implica em uma relação de poder.

Nessa inflexão, a resistência pode ser definida como o fato de criar, para além das estratégias de poder, um tempo novo. Mediante esta visão, Foucault (1979) define a resistência como sendo uma força móvel e produtiva na luta contra a submissão das subjetividades. Sendo assim, a resistência é uma ação de força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de poder.

De acordo com essa ótica, concebemos que a resistência é um movimento intrínseco à narrativa de Sembène, já que revela tanto o aparato ideológico quanto físico da administração colonial, coagindo e fazendo com que a classe operária se submeta às exigências do seu sistema. Por essa razão, buscaremos, na nossa análise, evidenciar de que forma a resistência manifesta-se através do movimento de revolta operária, que encena uma aspiração de libertação da tutela do sistema colonial, detentor do poder socio-econômico e político. Isto é, como se efetua o movimento da greve diante do poder da Direção da Companhia ferroviária e diante da força de dominação ideológica, tanto das autoridades religiosas quanto das autoridades políticas.

É perceptível, nos discursos de algumas personagens, o questionamento acerca das condições de trabalho impostas pela Direção ferroviária que causam uma conjuntura social de exploração e de miséria da classe operária negra. Essa preocupação perante tal realidade aparece na personagem de Tiémoko ao afirmar que essa situação precisa ser mudada – não deve ser mais aceita passivamente pela classe operária negra:

Somos nós que fazemos o trabalho [...] e é o mesmo que o dos Brancos. Então, por que eles têm o direito de ganhar mais? Por que são Brancos? E quando eles adoecem, por que são tratados e por que nós e nossas famílias temos o “direito” de morrer? Por que somos Negros? Em que é que uma criança branca é superior a um operário negro? Dizem-nos que temos os mesmos direitos, mas isso tudo é mentira, nada mais que mentira! A máquina que nós operamos, ela, sim, nos diz a verdade: ela não conhece nem branco nem negro.

C'est nous qui faisons le boulot, [...] et c'est le même que celui des Blancs. Alors, pourquoi ont-ils le droit de gagner plus ? Parce qu'ils sont des Blancs? et quand ils sont malades, pourquoi sont-ils soignés et pourquoi pas nous? et nos familles avons-nous le droit de crever? Parce que nous sommes Noirs? En quoi un enfant blanc est-il supérieur à un enfant noir? En quoi un ouvrier blanc est-il supérieur à un ouvrier noir? On nous dit que nous avons les mêmes droits, mais ce sont des mensonges, rien que des mensonges! La machine que nous faisons marcher, la marchine, elle, dit la vérité: elles ne connaît ni homme blanc, ni homme noir (SEMBÈNE, 2012, p. 24-25).

A consciência de classe e do estado de inferioridade proporcionou a ideia de greve como o único meio de reaver os seus direitos, os mesmos dos quais se beneficiam os operários brancos trabalhando na mesma ferrovia. Isso posto, durante a assembleia do sindicato, os trabalhadores negros exprimem o seu descontentamento perante os baixos salários que, de certa forma, reflete-se nas suas condições de vida, assim como é ilustrado na fala do velho operário: “Nós temos o nosso trabalho, mas ele não nos dá o que ele deveria nos dar, roubam-nos. Já não há diferença entre nós e os animais, tão os nossos salários são baixos”⁴⁹, uma indignação profunda que se faz sentir por meio do questionamento da sua própria existência enquanto operários e cidadãos franceses.

No ímpeto das exigências por melhores condições de vida, eles não reivindicam nada menos do que igual remuneração por igual trabalho – a revalorização dos salários, a concessão de seguro saúde e de aposentadorias, direitos que foram concedidos aos seus colegas brancos.

Esses argumentos podem ser entendidos como o surgimento de uma nova consciência operária, no momento em que eles decidem levantar-se contra a hegemonia do patronato e enfrentar uma superestrutura alienante para reconquistar os seus direitos confiscados desde muito tempo. Desse modo, o processo dessa luta será decretado pela decisão da greve: “Sim, a greve, a greve! gritou a sala, com punhos erguidos”⁵⁰. A

⁴⁹ “Nous avons notre métier, mais il ne nous rapporte pas ce qu'il devrait, on nous vole. Il n'y a pas de différence entre les bêtes et nous tant nos salaire sont bas” (SEMBÈNE, 2012, p. 24).

⁵⁰ “Oui la grève, la grève! Hurla la salle, poings levés” (SEMBÈNE, 2012, p. 25).

formação da revolta refletida na paralisação das atividades ferroviárias começa a emergir a partir do momento em que os operários negros percebem que eles trabalham mais e, no entanto, cada vez mais se afundam na miséria. Portanto, o nascimento do movimento de protesto contra a injustiça da Direção da Companhia ferroviária vai se revelar no decorrer do romance como um símbolo de luta e de resistência sindicalista, mais especificamente de luta de uma sociedade em busca de uma vida digna, o que o narrador explicita por meio do discurso de Bakayoko: “[...]. O tempo em que podiam nos abater, dividindo-nos acabou. Nós, portanto, manteremos a nossa posição a favor da greve, por tempo indeterminado e isso até a vitória total”⁵¹. É notável, então, a força de vontade e a autodeterminação dos trabalhadores ao se recusarem a ceder às intimidações dos seus patrões.

Paralelamente à revolta dos ferroviários negros, Sembène expõe de igual modo em seu romance *Le docker noir* (1956), a determinação dos estivadores do porto de Marselha ao denunciar as suas condições de trabalho e boicotar as atividades do porto: “Ninguém trabalhará na chuva. Afinal, nós não lhes pertencemos”⁵². A revolta dos trabalhadores é motivada por um interesse coletivo que objetiva a revalorização das condições de trabalho. Enquanto arma sindical, a greve faz-se presente nas obras de Sembène como uma expressão não apenas de indignação que os operários sentem perante as suas condições sociais, mas como um desabafo pelo fato de se subordinarem aos outros.

Sendo assim, a paralisação da ferrovia como postura de resistência e barganha foi a consequência das frustrações vivenciadas em diversas circunstâncias pelos operários negros. Fica evidente que a consciência de serem homens livres, com pleno direito de tomar os seus destinos em suas mãos, revigorou os movimentos sindicalistas que, determinados a reverter a situação social, tencionavam quebrar os preconceitos coloniais, fato que o narrador aponta através da fala de Bakayoko: “O homem que nós éramos está morto e nossa única salvação para uma nova vida está na máquina, na máquina que não tem nem linguagem, nem raça”⁵³.

Assim sendo, compreende-se que na concepção do autor, a greve dos operários negros é mais do que uma denúncia social, é um meio de ruptura com um sistema

⁵¹ “[...] le temps où l’on pouvait nous abatte en nous divisant est bien fini. Nous maintiendrons donc notre mot de greve illimitée et cela jusqu’à la victoire totale” (SEMBÈNE, Ousmane. 2012, p. 288).

⁵² “Personne ne travaillera sous la pluie. Après tout, on ne vous appartient pas” (SEMBÈNE, 1956, p. 144).

⁵³ “L’homme que nous étions est mort et notre seul salut pour une nouvelle vie est dans la machine, la machine qui, elle, n’a ni langage, ni race” (SEMBÈNE, 2012, p.127).

político e econômico, baseado na exploração e nas ideologias racistas, ideologias mais arraigadas no colonialismo e que se manifestam através da personalidade de Dejean, como é notável no trecho a seguir:

Ele, Dejean, não era um empregador, desempenhava uma função baseada em suportes naturais, o direito à autoridade absoluta sobre os seres, cuja cor da pele, fazia deles não sujeitos com quem se pode discutir, amigos dos homens de uma condição inferior, dedicados à obediência sem limites.

Lui, Dejan, n'était pas un employeur, il exerçait une fonction qui reposait sur des bases naturelles, le droit à l'autorité absolue sur des êtres dont la couleur de la peau faisait non des subordonnés avec qui l'on peut discuter, amis des hommes d'une condition inférieure, voués à l'obéissance sans conditions (SEMBÈNE, 2012, p. 274).

Responsável pela Direção ferroviária, Dejean chegou à colônia com o intuito de fazer “fortuna”. A sua relação com os operários negros é puramente assentada em preconceitos culturais e teorias escravagistas. Para ele, os operários negros devem ser tratados como servos e reduzidos a um estatuto de obediência silenciada, pois desprovidos de inteligência e incapazes de administrar os seus bens, entendendo que a aposentadoria e o aumento salarial reivindicados serviriam para: “[...] comprar outras mulheres, o que provocará mais filhos”. Esses traços atribuídos aos colonizados em geral é um modo de subtrair-lhes qualquer tipo de responsabilidade, o que concede ao colonizador o direito de intervenção simultânea nas coisas e na vida do colonizado – um estatuto de benfeitor e de responsável pelo destino desse último. Desse modo, o colonizado apenas deve submeter-se às suas exigências e obedecer sem polemizar.

Essa negação, tanto cultural como racional, justifica o preconceito concebido sobre os costumes do colonizado e, especificamente, sobre a poligamia. Isso explica o fato de que os ferroviários não podem se beneficiar de aumento salarial nem de aposentadoria. Nesse contexto, justifica-se a atitude de Dejean e dos colaboradores que se recusam a satisfazer as necessidades dos proletários negros. Pouco importa as suas condições de vida, o que lhes interessa é eles voltem ao trabalho.

Nesses termos, é importante destacar que o colonizador nunca mostrou interesse em conhecer as culturas das sociedades que ele passou a colonizar. Pelo contrário: ele criou um conjunto de estereótipos para distorcer e abominá-las. Os costumes, as tradições e os mitos do colonizado considerados como uma depravação é, por certo, uma forma de afastar os colonizadores das suas realidades culturais. É evidente notar

que, esse desenraizamento foi possibilitado pelo impulso missionário baseado nas ideias evolucionistas e manifestou-se numa atuação que visava, em particular, a arrancar os povos das trevas do paganismo – uma intenção altruísta de legitimar sua dominação, como argumenta Memmi:

O que realmente é o colonizado pouco importa para o colonizador. Longe de querer conhecer o colonizado na sua realidade, ele [colonizador] está preocupado em impô-lo a essa indispensável transformação (MEMMI, 1967, p. 27).

Um encobrimento dos mecanismos reais de um sistema de exploração que se serviu de embasamento ideológico de caráter hegemônico para legalizar a colonização, conforme representado no romance nas seguintes palavras do Diretor da Companhia Ferroviária, dirigidas aos sindicalistas durante uma reunião de negociação: “Sem a França e o povo francês o que seria de vocês?”⁵⁴ De maneira similar, o autor revela o mesmo raciocínio etnocentrista, por consequência racista em *Ô pays mon beau peuple!* (1957) quando Faye, a personagem principal, relata o sentimento de frustração que ele sentiu ao voltar da guerra, quando um branco lhe disse: “Sem nós o que seria de vocês, o que seriam as colônias?” (SEMBÈNE, 1957, p.117)⁵⁵. O aspecto que o narrador expõe nesses postulados é a imagem hegemônica que o colonizador sempre se esforça para impor ao colonizado, com o intuito de dominá-lo. Uma relação de poder que tende a associar o destino do colonizado a uma mera representação do colonizador, isto é, o colonizado é aquilo que ele é pela “sorte” de coabitar com o colonizador como testamunha a fala de Victor:

Há vinte anos atrás, não havia nada além de uma savana plana. Somos-nos que construímos essa cidade. Agora eles têm hospitais, escolas, trens, mas se por ventura nós formos embora, eles estão condenados, não haverá mais nada, a savana tomará conta de tudo.

Il y a vingt ans, il n’y avait rien qu’une brousse plate. Cette ville c’est nous qui l’avons bâtie. Maintenant, ils ont des hopitaux, des écoles, des trains, mais si jamais nous partons, ils sont foutus, il n’y aura plus rien, la brousse reprendra tout! (SEMBÈNE, 2012, p. 237).

Uma visão egocêntrica que dá a entender que o suposto progresso do colonizado, de fato, seria simplesmente o fruto da presença colonial. Concepção que

⁵⁴ “Sans la France et le peuple français, que seriez-vous?” (SEMBÈNE, 2012, p. 282).

⁵⁵ “sans nous, que seriez-vous devenus, que seraient les colonies?” (SEMBÈNE, 1957, p.117).

Césaire contrapõe em seu ensaio *Discours sur le colonialisme* (1955), em que ele descreve as verdadeiras bases sobre os quais se regulam as relações entre colonizador e colonizado:

Entre o colonizador e o colonizado, só tem espaço para o trabalho, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, o estupro, as culturas obrigatórias, o desprezo [...]. Nenhum contato humano, mas relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizado num peão [...] num instrumento de produção (CÉSAIRE, 1955, p.19).⁵⁶

Assim, fica evidente que a revolta torna-se, para a situação colonial, a única saída para pôr um término à subserviência e à exploração social. Porém, esse levante operário tal como observamos no universo de *Les bouts de bois de Dieu* vai deflagrar uma postura de resistência que objetiva quebrar o arsenal de preceitos sobre o qual se edifica a ideologia da administração colonial.

Nesse contexto, à medida que a ideia da greve vai se espalhando nas diferentes cidades, a Direção da Companhia ferroviária empreende medidas coercivas contra a população, como, por exemplo, tomar a decisão de manter o colonizado com fome por meio do bloqueio dos alimentos de primeira necessidade (arroz, milho, água) e da proibição, as famílias que participavam da greve, do direito de compras nas lojas da colônia. Uma decisão que não tardou a provocar uma cena crônica de confrontos entre a milícia colonial e os chefes religiosos contra a população.

Destaca-se que o enfrentamento contra a administração iniciou-se quando os lares foram afetados. Diante das difíceis condições de vida – falta de alimentos e de água para aprovisionar as concessões, as mulheres decidem enfrentar o inimigo fazendo uso de estratégias rudimentares. A reação espontânea das mulheres, motivada pelas necessidades cotidianas de sobrevivência, terá como fator propulsor do confronto a morte do carneiro de Mabigué, um dos aliados da administração. Partindo desse incidente, o papel ativo das mulheres entra como uma ação de grande envergadura nesta luta contra a injustiça. É importante salientar que, nos romances de Sembène, a revolta e

⁵⁶ “Entre le colonisateur et le colonisé, il n’y a de place que pour la corvée, l’intimidation, la pression, la police, l’impôt, le vol, le viol, les cultures obligatoires, le mépris [...]. Aucun contact humain, mais des rapports de domination et de soumission qui transforment l’homme colonisé en pion [...] en instrument de production” (CÉSAIRE, 1955, p.19).

a resistência não se dissociam, isto é, quanto mais se intensificam as relações de poder para subordinar o dominado, mais se desperta o mecanismo de resistência.

As ações de resistência intensificam-se no romance em função das medidas cruéis empreendidas contra elas. Destaca-se então que uma das primeiras marcas de resistência empreendida pelas personagens femininas é a de recusar que Ramatoulaye comparece na delegacia. No entanto, o comportamento das personagens femininas pode ser entendido como uma negação da tragédia da vida, segundo a qual o colonizado não se limita a cumprir as vontades do colonizador, mas questiona e luta contra elas.

Quando o narrador materializa essa luta, com cenas de violências protagonizadas pelas mulheres, deparamo-nos com figuras femininas que apresentam marcas de um contexto social opressor. Com a figura principal de Ramatoulaye, mulher calma em tempo ordinário, que se revolta diante de uma situação limite, o narrador apresenta, por meio da postura inconformista das mulheres em relação a normas sociais, o quanto a força, a determinação e o poder de decisão feminino pode ser um fator capaz de estimular uma mudança social. Desse modo, Sembène quebra os tabus, considerando-se que em plena década de 40 a imagem da mulher era fortemente estereotipada pelo poder masculino e tradicional.

O comportamento resistente de Ramatoulaye incentiva as demais mulheres a enfrentar, sem medo, a força policial como demonstram as ações de Mame Sofi:

Mame Sofi, que tinha descoberto perto da cabana um policial de tamanho baixo, espancou esse [miliciano] com as suas garrafas de areia, depois, com uma fúria, ela se agarrou nele e lançou de novo a segunda garrafa em sua cara.

Mame Sofi qui avait repéré près de la cabane un policier de petite taille, l'assomma d'un seul coup de ses bouteilles de sable, puis comme une furie, elle se rua sur l'auxiliaire et lui envoya la seconde bouteille en plein visage (SEMBÈNE, 2012, p. 125).

Como veremos adiante, a postura das mulheres da concessão dos N'diayène deu ímpeto a uma forte mobilização das mulheres que, no decorrer dos acontecimentos, dará origem à longa “marcha das mulheres” de Thiès rumo à cidade de Dakar, com a finalidade de quebrar o impasse das reivindicações dos seus maridos.

Observamos que, durante esses momentos de euforia que ocorrem na sua maioria dentro dos bairros negros, as mulheres são apoiadas pelas crianças para se defenderem da polícia e das tropas da milícia, recorrendo às táticas de guerras de alguns

chefes guerreiros da época da luta contra a invasão colonial francesa, como pode ser observado no capítulo intitulado *Mame Sofi*, em que as mulheres utilizam instrumentos rudimentares: “punhado de palha em fogo; pilões ou outros utensílos de cozinha”⁵⁷ para se defenderem e fazer a tropa da milícia recuar durante a noite. Entretanto, esse enfrentamento, que terminou com incêndio de uma boa parte das suas casas, não as desanimou. Elas permaneceram firmes em relação a seu posicionamento de resistência.

Enquanto entram em confronto armado contra a administração colonial, os sindicalistas também procuram medidas para barrar tudo o que pode ameaçar o avanço do movimento da greve. Após ter votado por uma greve indeterminada, os operários lançam expedições para punir rigorosamente os operários que decidem voltar ao trabalho: “Tiémoko recrutava comandos, que não hesitavam a surrar seriamente os furadores, os «renegados»”⁵⁸. O levante contra os operários que “furam a greve”, regressando ao trabalho, constitui um ato que reforça a ideia de que a união torna-se um valor ético fundamental, obrigatório para a consolidação e para a concretização do movimento grevista como já alertou Samba N’dougoulou, no início da greve, através dos seguintes termos: “Nós temos que ficar fortes, saber por que queremos viver, devemos ficar unidos.” Sendo assim, trair o movimento significava desafiar toda uma comunidade negra. Nessa perspectiva, a greve aparece como uma força de resistência coletiva contra o opressor e também almeja estabelecer uma nova ordem comunitária.

Convém esclarecer que, ainda que a obra ofereça cenas de repressão protagonizada pela comunidade negra, essas cenas têm o objetivo de operar mudanças de comportamento e de mentalidade, o que pode ser entendido como uma luta pela aquisição do seu pleito, pois, para resistir, importa atacar, agredir fisicamente ou moralmente o inimigo. A atitude dos grevistas é, com efeito, resultado das humilhações e sofrimentos, aos quais estão submetidos. Além desse clima de tensão que é apresentado ao longo da trama, várias tentativas de negociações foram iniciadas pela Direção, embora sem eficácia, pois essa continuou agarrando-se às suas ideias estereotipadas sobre os operários, o que aguçava o desejo dos grevistas de resistir à pressão moral em busca da legitimidade de seus direitos.

Todavia, enquanto os operários resistem à hegemonia da Direção da Companhia, outros se mostram coniventes com o processo de herança colonial. Para atingir os

⁵⁷ “poignée de brins de paille; pilons ou autres ustensiles de cuisine” (SEMBÈNE, 2012, p. 180).

⁵⁸ “Tiémoko avait recrutait des comandos, et on ne se gênait pas rosser sérieusement les déserteurs, les «renégats»” (SEMBÈNE, 2012, p. 131).

objetivos que levaram a deflagrar a greve, os operários enfrentarão o poder das autoridades locais e, particularmente, o moralismo dos chefes espirituais. A administração colonial percebeu que o poder dessas autoridades locais poderia fornecer um apoio ideológico para legitimar o seu poder e convencer os grevistas a voltarem ao trabalho, o que é evidenciado no discurso, em que o guia espiritual exorta os grevistas a terminar a greve e voltarem ao trabalho. Fato observado nas seguintes alegações do Sérigne N'Dakarou,⁵⁹ instigando os operários a perceberem o progresso que os brancos trouxeram para a comunidade negra, o que significa aceitar simplesmente a natureza das coisas, já que:

Nós não somos capazes de criar, no mínimo, um objeto útil, nem mesmo uma agulha, e queremos opor-nos aos *toubabs* que nos trouxeram tudo? Isto é uma loucura! Vocês farão melhor agradecendo a Deus por ter nos trazido os *toubabs*, que facilitam nossa vida com as suas invenções e seus benefícios.

Nous ne sommes pas capables de créer le moindre objet utile, pas même une aiguille, et nous voulons nous heurter aux toubabs qui nous ont tout apporté? C'est de la démence! Vous feriez mieux de remercier Dieu de nous avoir apporté les toubabs qui adoucissent notre vie par leurs inventions et leurs bienfaits (SEMBÈNE, 2012, p. 318).

Ao analisar esse fragmento, notamos também que além de ser uma arma e um meio de dissuadir a população, é através da religião (mandamentos do Alcorão) que as autoridades religiosas justificam os atos e a presença do poder colonial na sociedade senegalesa. Com mandamentos como: trabalhar é uma das principais recomendações e condições para orar a Deus (FALL, 2008).

Para tanto, valendo-se da sua posição, o guia espiritual de Dakar tenta convencer os grevistas a pararem as manifestações e a obedecerem à vontade de Deus, ao alegar que foi esse quem mandou os *toubabs* para guiar e melhorar suas vidas - uma vontade que cada fiel muçulmano deve aceitar e respeitar. Nesse contexto, insere-se o olhar crítico do narrador contra a política dos chefes espirituais, apropriando-se da religião para subornar os fiéis seguidores muçulmanos, denunciando, sobretudo, a maneira pela qual as leis e as diretivas da administração colonial são interpretadas em mitos religiosos para assujeitar a população.

⁵⁹ Sérigne N'Dakarou é o apelido dado ao chefe religioso da cidade de Dakar.

O que interessa ao autor é revelar o duplo jogo dos chefes religiosos, na tentativa de que os seus seguidores se tornem personagens que cumpram sem questionamento as exigências da administração colonial, levando-as a adotar um comportamento passivo em relação a ela. Passividade essa que fica ancorada na mentalidade de algumas personagens. Desde os primeiros ensinamentos do Alcorão, há a ideia de que um bom muçulmano nunca deve se preocupar com o futuro, pois o futuro é, segundo os preceitos do Alcorão, destinado aos desígnios de Deus.

Esse princípio religioso é evidenciado pelo narrador através da personagem de Sounkaré: “Não que o velho guarda nunca tivesse se preocupado com o futuro, na escola corânica tinham-lhe ensinado a viver no presente e a deixar o futuro nas mãos de Deus”⁶⁰. Tal pensamento, que leva o velho personagem a adotar uma conduta passiva e a aceitar sua condição de miséria, reflete a respeito do fenômeno religioso na vida do ser humano que Marx no seu ensaio: *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, define como um produto do ser humano:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo (MARX, 1843, p. 145).

Marx enxerga a religião como um processo de alienação, no sentido em que ela é forjada pelo homem. O teórico explica que o homem vive num mundo que o oprime e explora, uma vez dentro desse contexto, ele precisa criar um mundo de ilusão e de resignação, por essa razão, procura a religião como “ópio” – como um calmante da sua dor, dos seus sofrimentos, mas, essa busca pela religião pode ser também um protesto contra sua condição de miséria. Essa representação dialética da religião como “ópio e protesto” tem, possivelmente, cabimento nessa análise, considerando que a religião islâmica, como foi dito previamente, foi uma das ideologias que animaram os primeiros movimentos de resistência locais contra a invasão europeia, contudo, na representação ficcional de Sembène, a religião passa a ser concebida como um conjunto de princípios a favor da domesticação do movimento de greve, da alienação e da exploração da comunidade negra, uma vez que ela exige uma submissão cega dos trabalhadores,

⁶⁰ “[...] Non que le vieux gardien se fût jamais soucieux du lendemain, à l’école coranique on lui avait appris à vivre dans le présent et à laisser l’avenir aux mains de Dieu” (SEMBÈNE, 2012, p. 207).

aniquilando qualquer pensamento crítico sobre a administração, como percebemos nos argumentos de Sérigne N´Dakarou e do seu acólito.

Outro ponto importante que o narrador salienta é o posicionamento social e econômico dessas autoridades religiosas, dentro da comunidade, ostentando uma vida luxuosa e abastada:

[...] Sérigne N´Dakarou fez a sua aparição. Sua alta figura realçada por um turbante colorido, a sua silhueta majestosa envolvida num enorme vestido branco em que se espalhava uma linha de decoração, ele era tão impressionante que a multidão afastou-se de seu caminho. Ele também estava acompanhado por El Hadji Mabigué, coberto de medalhas⁶¹, e por dois fiéis).

[...] le Sérigne N´Dakarou fit son apparition. Sa haute taille réhaussée d'un turban, sa silhouette majestueuse drapée dans un immense boubou blanc sur lequel s'étalait une rangée de décoration, il était impressionnant que la foule s'écarta sur son passage. Il était flanqué d'El Hadj Mabigué lui aussi enturbanné et couvert de médailles et de deux fidèles (SEMBÈNE, 2012, p. 195).

A descrição do guia supremo e do seu fiel acólito, El Hadji Mabigué, demonstra um desinteresse desses últimos pelas reivindicações do povo. Uma falta de consciência moral representada pelos seus comportamentos. Ao invés de denunciar os abusos da Direção da Companhia, as duas personagens mostram-se mais preocupadas com suas aparências, com seus interesses próprios, como levar a administração a reconhecer o poder religioso e, também, exibir no meio da comunidade negra sua opulência, que o narrador faz questão de descrever através dos seus vestuários exagerados. Tudo isso, em um momento em que a população está vivendo abaixo do que Candido nomeia, em *Literatura e sociedade*: “o mínimo vital e mínimo social”, uma vez que a Direção da Companhia suspendeu todos os abastecimentos alimentares (CANDIDO, 1973, p. 53).

Ressalva-se no romance, que a Direção da Companhia procura reajustar a sua política administrativa com intenção dupla – assegurar que os guias espirituais mantivessem o seu papel de controle da população, legalizando a autoridade desses

⁶¹ Aqui, Ousmane Sembène refere-se às medalhas da “legião de honra” que a administração colonial entregava aos atiradores senegaleses como homenagem e suposto reconhecimento da lealdade dos povos africanos ao governo francês. Evocado duas vezes no romance (na página 198 e 338), Sembène expressa, através da representação das medalhas, todo o desprezo do colonizador em relação ao esforço de guerra dos atiradores africanos. Lembrando que, em dezembro de 1944, no subúrbio de Dakar, especificamente no Campo de Thiaroye, a administração colonial exterminou centenas de soldados oriundos da AOF que reclamavam sua indenização. Esse acontecimento trágico foi representado em um dos seus filmes intitulado “Camp Thiaroye”.

últimos, que se tornam credores de mediação entre a população e a administração, sobretudo, em período de agitação.

Todavia, salientamos que este papel intermediário e manipulador sobre a população não obtém resultado. O movimento sindicalista torna-se mais forte e decisivo. Os trabalhadores perceberam toda a força que possuíam ao parar o funcionamento da “fumaça”⁶²:

Quando o fumo parou de flutuar sobre a savana, eles [os grevistas] entenderam que uma época tinha passado, o tempo de que lhe falavam os mais velhos, em que a África era um pomar. [...]. Parando sua marcha sobre mais de mil quinhentos quilômetros, ficaram conscientes da sua força [...]. Na verdade, a máquina estava os tornando novos homens.

Lorsque la fumée s'arrêta de flotter sur la savane, ils comprirent qu'un temps était révolu, le temps dont leur parlaient les anciens, le temps où l'Afrique était un potager. [...]. En arrêtant sa marche sur plus de quinze cent kilomètres, ils prirent conscience de leur force [...]. En vérité, la machine était en train de faire d'eux des hommes nouveaux (SEMBÈNE, 2012, p. 63).

Nesse fragmento, é possível observar a tomada de consciência de uma geração, que não aceita mais passivamente as condições impostas pelos seus empregadores e descobre que tudo tem de mudar. Nesse viés, podemos afirmar que o narrador tenta salientar a importância da formação de uma consciência de classe, em que os operários negros, além de descobrir que os seus interesses são diferentes dos interesses da administração colonial, percebem que detêm o poder da decisão e controle da situação, como explicitado no tom irônico de Lahbib replicando a ofensa do Diretor:

A poligamia é talvez um assunto que nos diz respeito, mas isso não impediu que vocês se servissem de nós quando precisaram! Por exemplo, quando se trata de incorporar os nossos jovens, vocês não lhes perguntam se nasceram de pai bigamo! E esta linha foi construída pelas mãos dos filhos de concubinas...

La poligamie est peut-être une question qui nous regarde, mais cela ne vous a pas empêchés de vous servir de nous quand vous en avez eu besoin! Par exemple, lorsqu'il s'agit d'incorporer nos jeunes gens, vous ne leur demandez pas s'ils sont nés d'un père bigame! Et cette ligne a été construite par les mains de fils de concubines...(SEMBÈNE, 2012, p. 280).

⁶² O trem em diversas vezes é definido como ‘fumaça’, em sentido metafórico.

É pertinente enfatizar que a questão da poligamia é sempre levantada nas reuniões de negociações, pois serve como pretexto para negar as aposentadorias e o aumento salarial.

A resposta de Lahbib levanta uma outra questão, a do alistamento militar dos jovens senegaleses no combate ao lado da França. Como nós sabemos, o alistamento faz-se na sua maioria na colônia do Senegal, no entanto, o que fustiga o sindicalista é que a questão da poligamia não constitui um obstáculo no momento de servir aos interesses da administração, mas, sim quando se trata de melhorar a condição de vida desses jovens, cuja maioria foi incorporada contra vontade própria. Entretanto, vale esboçar que, embora condizente com as realidades europeias, a poligamia é uma prática que Sembène questiona no romance, como tentaremos explicitar nas passagens a seguir.

Levando isso em consideração, convém afirmar que, a geração que acreditava cegamente nos discursos das autoridades locais e no sistema administrativo colonial, dissolveu-se para dar origem a uma nova geração de grevistas prestes a ter seu próprio destino nas mãos. Assim, a paralisação do único meio de sobrevivência fazia nascer neles um outro tipo de homem, ao mesmo tempo que lhes fazia enxergar o tamanho da sua força, sendo essa impulsionada pela máquina. E mediante tais fatos, podemos alegar que assistimos, aqui, ao que Luciano Gruppi referindo-se a Gramsci chama de “a realização da hegemonia do proletariado” (GRUPPI, 1978, p. 2), que simboliza a transformação da sociedade, a construção de uma nova ordem econômica e política, uma transformação que não abrange, apenas, a estrutura econômica e política, mas impacta, estreitamente, o terreno ideológico, representando a ascensão do proletariado que traz consigo uma mudança no modo de pensar da classe operária, inclusive no seu “modo de conhecer” (GRUPPI, 1978, p. 3). Esta ideia pode ser explicitada no discurso de Bakayoko durante o “Comício”:

Parece que nós não somos capazes de criar nada, mas somos levados a pensar que precisamos de nós, visto que, desde que estamos parados nada roda.

Il paraît aussi que nous ne pouvons rien créer, mais il faut croire que l'on a pourtant besoin de nous puisque depuis que nous avons arrêté plus rien ne roule ((SEMBÈNE, 2012, p. 337).

A lucidez crescente do seu poder manifesta-se ao longo da ficção através das suas ações ponderadas e através dos argumentos que eles formulam durante as

assembleias sindicais, durante as reuniões de negociações com a Direção da Companhia, especificamente, durante o “Comício” feito em Dakar.

Perante a administração e as autoridades políticas e religiosas, Bakayoko, porta-voz dos grevistas, denuncia a hipocrisia das autoridades, coloca em dúvida suas fortunas, ainda critica o seu desinteresse pela situação do povo, desinteresse que se manifesta nos seus discursos pronunciados em francês, uma língua que a maioria não entende, como observado na indagação da velha Fatou Wade: “Por que ele não se expressa em uolof como todo o mundo?”⁶³

É importante ressaltar que a pergunta da velha personagem leva a refletir, nessa narrativa, sobre a questão sociolinguística, ou seja, o uso da língua do colonizador, falada por uma pequena minoria em relação às línguas locais ou línguas *indigènes* faladas pela maioria das personagens. Todavia, dependendo do contexto, essa relação pode ser interpretada nessa ficção como a tomada de posição de algumas personagens.

Para a minoria branca, o francês é a língua por excelência, que deve ser o principal meio de comunicação. O francês ou o *toubabou*, como chamado por algumas personagens, define os diferentes postos de trabalho que prevalecem dentro da Direção da Companhia ferroviária. O conhecimento dessa língua torna-se primordial para a inserção na vida social: obter um emprego e um salário remunerado, por isso: “(...) É do interesse dos negros aprender a língua da administração, se eles querem participar da vida política” (SEMBÈNE, 1980, p. 39).⁶⁴ Isso faz com que o francês torne-se uma língua privilegiada em detrimento das línguas locais. A indiferença da administração em relação às línguas locais é evidenciada através da reação de Eduard, o inspetor de trabalho que defende Bakayoko ao se expressar em uolof durante uma reunião de negociação: “Nós usaremos o francês.” Desse modo, a negação das línguas locais vem incentivar o domínio e a valorização dessas com o objetivo de alienar o patronato.

A consciência do desprezo que os brancos têm pelas suas línguas maternas faz com que os operários resolvam, então, comunicar-se em francês, com a Direção, apenas em situações excepcionais e para colocarem em posição de igualdade com seus patrões, porém, atribuindo pouca importância à forma em que ele é usado, observamos nos argumentos de Bakayoko dirigindo-se aos patrões:

⁶³ “Pourquoi ne parle-t-il pas en oulof comme tout le monde?” (SEMBÈNE, Ousmane. 2012, p. 334).

⁶⁴ “[...] il est dans l’interêt des noirs d’apprendre la langue administrative, s’ils souhaitent participer à la vie politique” (SEMBÈNE, 1980, p. 39).

Não estou sozinho nesta greve, mas como sua ignorância de pelo menos uma das nossas línguas é uma desvantagem para vocês, nós utilizaremos o francês. É uma questão de delicadeza. Mas trata-se de uma delicadeza que não vai durar.

Je ne suis pas seul dans cette grève mais, étant donné que votre ignorance d'au moins une de nos langues est un handicap pour vous, nous emploierons le français, c'est une question de politesse. Mais c'est une politesse qui n'aura qu'un temps (SEMBÈNE, 2012, p. 277).

As línguas maternas constituem uma vantagem, à medida que os operários se servem delas, em várias ocasiões, para dizer em voz alta aquilo que eles pensam sobre os brancos, ou para excluí-los, sobretudo para fomentar seus planos. Prova disso é Pierrot tentando entender, durante a reunião, o que os grevistas estão conspirando quando, de repente, eles começam a falar numa língua que lhe é desconhecida, e Balla, um dos grevistas, replica:

Se nós contentes, nós falar francês e você entender, mas se nós não contentes, você não entender [...] reunindo todo o seu melhor francês e todo feliz com sua réplica.

Si nous contents, nous parler français et toi comprendre, mais si nous pas contents, toi pas comprendre [...] en rassemblant tout son meilleur français et heureux de sa réplique (SEMBÈNE, 2012, p. 279).

Desse modo, as línguas locais constituem um veículo de transmissão das suas mensagens subversivas em expressão de resistência, um poder coletivo contra a alienação da Direção da Companhia. Entretanto, observamos também, que o autor apresenta uma literatura escrita em língua francesa, mas com o uso simultâneo de expressões, construções sintáticas até mesmo elementos fonológicos de um “francês senegalês”, isto é um francês informal proferido pelo povo no seu cotidiano, como observamos no seguinte excerto em que Ramtoulaye recusa de entregar à polícia a carne da ovelha que ela matou:

Sinho, tu partir! Aqui casa de nós, não casa de brancos! Vendredi comer arroz crianças, eu cortar peçoço Vendredi, crianças ter comida, está pago!...

Missé, toi pâti! Ici, maison pour nous, pas maison pour blancs! Vendredi manzé riz enfants, moi coupé cou Vendredi, enfants gnagné manzé, c'est quitte!... (SEMBÈNE, 2012, p.25).

Uma das características do uolof, bem como de tantas outras línguas africanas presente no romance (bambara, árabe), é o fato de seu verbo não apresentar flexão

número-pessoal nem modo-temporal. Essas informações são dadas, principalmente, por meio de pronomes e advérbios ou pelo contexto. Outro traço notável dessa forma de expressão é que o adjetivo não é ligado ao substantivo por um verbo. Quanto ao seu sistema fonológico, o uolof caracteriza-se pela ausência das fricativas [š] e [ž]. Nos dois fragmentos acima, observa-se que nenhum verbo foi flexionado e que todos estão na forma que em francês padrão corresponderia a um infinitivo: *partir; manger; couper*. A pessoa e o número são indicados por pronomes (que, aliás, são os pronomes tônicos – *moi, toi* – e não os pronomes sujeitos, como em francês padrão – *je, tu*). O tempo e o modo são depreendidos, nos dois casos, do contexto. Na primeira citação, o adjetivo não se liga ao sujeito através de verbos: *Si nous contents...* As fricativas francesas [ž] aparecem na segunda citação sob as formas [z], como em *manzé* em vez de *manger*.

É importante destacar que o francês que Sembène manipula não é o francês padrão. Trata-se de um “francês senegalês”, profundamente influenciado pelas culturas africanas em todos os níveis de análise. No discurso direto, o autor reproduz fielmente a fala de personagens que têm conhecimentos muito limitados do francês. Em outras palavras, Sembène reúne as características do escritor descrito por Casanova (2002), o revolucionário que subverte a lei literária para alcançar sua liberdade como escritor e criador de novas formas de expressão.

Nesse viés, pensando um pouco a abordagem do conceito de resistência “como forma imanente da escrita” (BOSI, 2002, p.129), podemos ressaltar que o uso de expressões populares, ou seja, a diversidade do campo lexical em *Les bouts de bois de Dieu* instaura-se como uma forma de engajamento, pois objetiva evidenciar, além do poder criativo do romancista, o seu posicionamento, mas serve também para evidenciar a realidade linguística daquele período e o espaço narrado no romance,

Contudo, após anos de imposição da língua francesa, cabe dizer que o uso das línguas locais, particularmente, o uolof continua a ser a língua mais influente no Senegal e sendo para alguns romancistas um importante instrumento de expressão da sua posição e de conquista da liberdade de expressão. Além de constituir uma arma contra a colonização e de coerção ao povo dominado, podemos atestar que a presença das línguas locais no universo romanesco de Sembène confere, por um lado, um caráter original as suas escritas e, por outro lado, ilustra o domínio do contexto social narrado, um contexto vivenciado por ele.

Nessa perspectiva, além do uso de vocabulário e expressões no romance, o caráter da resistência torna-se mais gradativo quando as mulheres de Thiès decidem

empreender uma longa marcha rumo à cidade administrativa onde foi realizado o “Comício Geral”, durante o qual Bakayoko faz um levantamento dos problemas que gangrenam a comunidade negra e expõe a lista das reivindicações. O discurso pronunciado diante da administração e da delegação das autoridades religiosas e políticas locais, resumindo a situação de alienação e de exploração da comunidade negra, bastou para levar todos os setores de atividade a deflagrarem uma greve geral que obriga a Direção a abrir novo processo de negociações com os operários e a aceitar as reivindicações.

Paralelamente ao contexto histórico, a historiógrafa francesa, Coquery-Vidrovitch em seu livro: *Afrique noire. Permanences et ruptures*, em que faz um levantamento dos problemas que encontram as sociedades africanas na sua busca pela modernidade, descreve a greve dos operários de 1947-1948 no Senegal como sendo:

[...]. Um vasto movimento de recusa da discriminação racial [...] amplamente apoiado pela população em geral [...]. O maior e mais geral. Fato sem precedente na história social africana, ele se prolongou mais de cinco meses, a partir de 10 de outubro de 1947 a 19 de março de 1948. A reivindicação social era clara; o nível de vida tinha se deteriorado terrivelmente: ao congelamento dos salários durante a guerra, tinha-se juntado o aumento excessivo dos preços, como consequências da restauração dos contatos com a Europa (Coquery-Vidrovitch, 1992, p. 336-337).⁶⁵

Com esse fragmento histórico, Coquery-Vidrovitch traz uma visão da verdadeira face do movimento da greve dos ferroviários da linha do Dakar-Níger. Ressaltando o caráter particular desse movimento, a historiógrafa enfatiza o teor da greve operária na sociedade senegalesa e as consequências que ela ocasionou no plano econômico bem como social, ganhando uma proporção universal à medida que conseguiu criar “um sistema de alianças de classe” (GRUPPI, 1978). Esse permitiu uma mobilização contra o aparelho colonial. Contudo, mesmo se na realidade a greve operária não foi bem-sucedida como deixa a entender Sembène no seu romance, e isso, por causa de uma falta de “aliança entre as forças sociais e as forças das classes políticas”, o amadurecimento do sindicalismo introduziu no continente negro as bases de uma

⁶⁵ “[...] un vaste mouvement de refus de la discrimination raciale était [...] largement soutenu par l’ensemble de la population[...]. La plus longue et la plus générale. Fait sans précédent dans l’histoire sociale africaine, elle se prolongea plus de cinq mois, du 10 octobre 1947 au 19 mars 1948. La revendication sociale était claire; le niveau de vie s’était terriblement détérioré: au blocage des salaires pendant la guerre s’était ajoutée la hausse vertigineuse des prix consécutive au rétablissement des contacts avec l’Europe” (COQUERY VIDROVITCH, 1992, p. 336-337).

mudança social a caminho das independências (Coquery-Vidrovitch, 1992, p. 337). Assim, apoiado pela maioria da população, a repressão colonial não podia continuar sobrevivendo diante de movimentos de resistência tão profundos e coletivos, posto que, a conquista da liberdade e da mudança é sempre o resultado de lutas sociais empreendidas por movimentos populares.

Assim, voltando a nossa análise, podemos enfatizar, em linhas gerais, que a união sindicalista, representada por Ousmane Sembène em *Les bouts de bois de Dieu*, revela-se fundamental na luta pelos direitos dos operários negros e pelo fim dos preconceitos herdados pela colonização. Sendo que a luta sindical não se dirige apenas contra a administração colonial, mas clama pela mudança da mentalidade da sociedade senegalesa. Além disso, um dos enfoques constantes de Sembene, nesse romance, é ultrapassar as barreiras artificiais que sufocam a sociedade senegalesa, para construir um futuro melhor no plano político e socioeconômico. Porém, se uma resistência armada não teve muito efeito no romance, com as ações dos operários, pois havia privilegiado o diálogo e as negociações por meio das reuniões e assembleias, o caráter pacífico desse será interrompido através da intervenção inesperada das mulheres, como veremos no capítulo a seguir.

**CAPÍTULO III – A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E O
SEU PAPEL NA RESISTÊNCIA**

CAPÍTULO III – A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E O SEU PAPEL NA RESISTÊNCIA

3.1. Mulher e literatura

De acordo com Mouralis (2007), a situação colonial das primeiras décadas do século XX promoveu a eclosão de uma literatura negro-africana com o intuito de denunciar a exploração e a opressão infligidas pelo colonizador. Para além da denúncia colonial, essa literatura veio se interessar pelos estereótipos de gênero, especificamente, pela representação da mulher nas sociedades africanas. Desde então, a personagem feminina passa ter uma posição relevante nas narrativas africanas.

Tendo em vista que o único lugar que lhe era concedido na vida real como na literatura, em particular nas sociedades muçulmanas, foi o espaço da casa: cuidar dos filhos e manter-se submetida e devota ao marido, pois segundo as interpretações do Alcorão e da tradição muçulmana, a mulher só obtém benção e lugar no paraíso pela satisfação do marido, como representado em *Le mandat* (1966), de Sembène. O preconceito à mulher é evidenciado pelo casamento dentro do qual o silenciamento dessa leva à exclusão social. Ahmadou Kourouma, em seu romance *Monnè, outrages et défis* (1990), aborda essa questão no sentido em que a mulher casada é ainda mais presa às leis e a moral da tradição, embora, sem voz e sem direito de se expressar como demonstra a seguinte citação: “Nesse mundo os motes das mulheres são três e têm o mesmo significado: resignação, silêncio, submissão” (KOUROUMA, 1990, p.29).⁶⁶ Um processo avassalador, de dominação em três dimensões que sustenta a condição de inferioridade da mulher, atribuindo ao homem o poder de manter a mulher sob seu controle. Assim como já dizia Foucault, em seu livro *Vigiar e punir*: “Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1998, p.132). Ao analisar tal argumento, dá para imaginar o quanto a mulher senegalesa vivendo no período colonial era submetida a uma sociedade patriarcal caracterizada pelas relações de mando e autoridade.

⁶⁶ “Dans ce monde les lots des femmes sont trois qui ont la même signification: résignation, silence, soumission” (KOUROUMA, 1990, p.29).

Segundo Mbow (2001), a esta alienação soma-se o fenômeno crescente da poligamia. Posto que a maioria das sociedades africanas, em particular a senegalesa, é baseada no matrimônio, as leis do alcorão permitem aos homens se casar até com quatro mulheres. Assim, neste cenário de poder masculino, a figura feminina encontra-se violentada duas vezes pelos regulamentos sociais, isto é, pelo poder da religião e pelo poder patriarcal. Esses temas de subserviência e de violência física e moral são bem ilustrados em alguns romances como *C'est le soleil qui m'a brulé* (1987), de Calixthe Bayala e *Le baobab fou* (1984), de Ken Bugul.

Todavia, podemos notar que Ousmane Sembène, nas suas obras romanescas, não se limita apenas a representar a mulher na sua condição de vítima, de oprimida, pelo contrário, ele aborda um espaço narrativo mais relevante para o conjunto da ação das suas personagens femininas. A mulher passa a desempenhar papéis de protagonista, a ter perspectivas emancipatórias. Trata-se de uma representação em que a mulher participa plenamente da reconstrução social e política da sua sociedade, a mulher revoltada que decide combater a injustiça e mudar as mentalidades sociais, como aparece em *L'harmatta* (1980) e *Les bouts de bois de Dieu* (1960), do mesmo autor.

Representações ficcionais em que a mulher assume o papel de chefe de família; o encargo do marido torna-se pouco a pouco invisível, sendo substituído pela dinâmica da esposa que carrega nos ombros a sobrevivência da família (marido e filhos). A mulher, ao mesmo tempo torna-se mãe, pai e protetora da família. Às vezes, ela ocupa o lugar patriarcal por conta da ausência ou falecimento do marido, governando os bens familiares e cuidando da educação dos filhos, como evidenciado pelo narrador de *Ville cruelle* (1971), romance de Eza Boto:

Com a morte de meu pai, eu estava só com alguns anos de idade. Então, minha mãe empreendeu na minha criação. Ela trouxe nela uma solidão extrema. Ela fez tudo, você me entende? Tudo o que ela achava que tinha de fazer para o meu bem (BOTO, E., 1971, p. 10-11).⁶⁷

De ingênua e submissa, a mulher passa a ser representada como uma personagem ativa, consciente do seu papel social e mantendo sua característica principal de suporte e símbolo de proteção da família. Sob esta ótica, destacamos que o contexto

⁶⁷ “À la mort de mon père, j'étais âgé de quelques années seulement. Ma mère entreprit donc de m'élever. Elle y a apporté une sollicitude extrême. Elle a fait tout, m'entends-tu? Tout ce qu'elle croyait devoir faire pour mon bien” (BOTO, 1971, p. 10-11).

colonial impulsionou o argumento de mudança, de triunfo da mulher, desconstruindo os padrões de subserviência e de fragilidade dessa, de tal modo que a mulher se dispôs a participar da configuração da sociedade, passando a levá-la em consideração. Consciente do seu papel na sociedade, a mulher torna-se a figura incentivadora de transformação social e política pelo seu engajamento ativo na perspectiva da luta pela independência colonial. Aparece uma nova imagem da mulher – a mulher que decide romper as barreiras da subserviência e dos tabus para uma mudança da sociedade, tal como destaca Essangui:

Na África negra, a mulher é considerada o símbolo da vida, no sentido pleno do termo. A literatura que é a expressão de uma cultura traduz os diferentes rostos da mulher nas sociedades africanas de hoje. Símbolo de vida e pilar da sociedade, a mulher é também o principal vetor da economia, bem como a inspiradora de muitas revoltas populares (ESSANGUI, 2003).⁶⁸

Lembrando, também, que o sistema gradativo do ensino proporcionou, na década de 70, o nascimento de uma forte literatura feminista, dessa vez, escrita por mulheres para denunciar as suas condições de vida social, isto é, os abusos físicos e morais de que elas são vítimas. Nesse dinamismo, insere-se *Une si longue lettre* (1979), de Mariama Bâ e *De Tilène au plateau: une enfance dakarois* (1976), de Nafissatou Diallo. As romancistas apresentam personagens femininas empenhadas em sensibilizar a sociedade para a causa da mulher. Como disse Coquery-Vidrovitch, para essa geração de romancistas, a literatura não constitui apenas um instrumento de recuperação da palavra confiscada, mas um meio de contestar o poder masculino (Coquery-Vidrovitch, 1992).

É no âmbito desta ótica geral que se delimita essa seção, objetivando mostrar no percurso da mulher africana, em particular senegalesa, sua representação na sociedade tradicional e sua intromissão num universo masculino, de modo a impulsionar a quebra dos preconceitos sociais e a contribuir para acelerar o processo de libertação colonial.

⁶⁸ “En Afrique noire, la femme est considérée comme le symbole de la vie au sens plein du terme. La littérature qui est l’expression d’une culture traduit les différents visages de la femme dans les sociétés africaines d’aujourd’hui. Symbole de vie et pilier de la société, la femme est aussi le principal vecteur de l’économie ainsi que l’inspiratrice des maints soulèvements populaires” (ESSANGUI, 2003).

3.2. A sociedade patriarcal: a mulher na sua representação tradicional

Na sua produção literária bem como cinematográfica, Ousmane Sembène sempre procurou apresentar reflexões sobre o papel e a condição da mulher em diversos períodos e segmentos das sociedades africanas. Para o romancista senegalês, não se pode falar de desenvolvimento social sem inserir a mulher, considerando-a um fator essencial de transformação social. Inúmeros obstáculos impediram por muito tempo a maioria das mulheres africanas de se colocarem em posição de igualdade de direitos com os homens, com o intuito de participar da transformação das suas sociedades (GADJIGO; NIANG, 2010).

Durante toda a sua trajetória artística, Ousmane Sembène tentou realçar a posição da mulher na sociedade patriarcal senegalesa, testemunhando sua lealdade e sua complementaridade, colocando-a, em sua ficção narrativa, no papel de protagonista, como exemplificado em *Les bouts de bois de Dieu*, em que a mulher é representada em várias dimensões. Porém, é bom lembrar que, do ponto de vista da temática, o romance tem como foco principal descrever a greve dos operários da linha do Dakar-Níger – relatando as condições de trabalho e as circunstâncias que ocasionaram a revolta dos operários negros. Todavia, mesmo que as mulheres apareçam de forma secundária, elas desempenham um papel muito interessante na aceitação das reivindicações e no triunfo do movimento grevista.

Pelo olhar do narrador, o autor apresenta a mulher como uma personagem em plena mutação e em permanente conflito com as tradições e com as instituições sociais em busca de liberdade. Nesse contexto, o objetivo analítico deste capítulo é abordar a representação da mulher no romance, tendo como fim específico retratar o percurso da dela na sua representação social tradicional e analisar o seu engajamento e sua resistência frente ao poder administrativo colonial.

Para tanto, abordaremos em primeiro lugar a imagem da mulher, dando ênfase a sua vida no papel de mãe, esposa, dona de casa e suporte essencial da família na sociedade tradicional, sendo esse o destino que lhe foi atribuído. Em segundo lugar, refletiremos sobre como a tomada de consciência e as ações de resistência coletivas conduzidas pelas mulheres, durante a greve dos operários negros, deram impulso às manifestações e contribuíram para a aceitação das reivindicações dos grevistas (aumento salarial, aposentadoria, férias renumeradas, abonos de família, para não citar todas). São

fatos que marcaram um ponto decisivo na descolonização do poder administrativo e, ao mesmo tempo, tiveram parte na mudança da mentalidade social.

A discussão sobre o papel e o lugar da mulher na sociedade tradicional não é um assunto novo e vem sendo tratado por vários pesquisadores. Nas sociedades tradicionais senegalesas, o papel da mulher limitava-se à ocupação do lar, à procriação, às tarefas domésticas, ao cuidado da família e à total submissão às exigências dos costumes e das demandas do marido.

Em *Les bouts de bois de Dieu*, os afazeres domésticos são percebidos como atividades de responsabilidade das personagens femininas e como parte do processo de sua formação e inserção social, como pode ser notado no seguinte postulado: “Como de costume naquela hora, os moradores de Bakayoko reuniram-se no pátio. Só havia mulheres. Ocupadas com seus afazeres domésticos.”⁶⁹ O uso da expressão “ Como de costume” ilustra o quanto o trabalho doméstico é concebido como algo intrínseco à natureza da mulher. Condição que ela mesma acaba por idealizar e aceitar como fazendo parte do seu viver, como observamos no cotidiano da Velha Niakoro: “Niakoro, a velha não podia ficar uma tarde inativa. Ora costurava, ora reparava alguma coisa, ora decorava as cabaças.”⁷⁰ Entretanto, todas tarefas relativas ao lar como: procura água, lavar lousa, costurar eram especificamente destinadas as mulheres.

Vítima de preconceitos, desde a sua tenra idade, a mulher é preparada para se ocupar da casa. A sua condição como ser realiza-se nos trabalhos domésticos e, com essa função, ela assume o seu papel social. Em suma, esse retrato das personagens femininas vivendo na concessão dos Bakayoko traz um panorama da existência monótona e da condição alienante vivenciada por elas em seu cotidiano.

Em algumas sociedades africanas, como a senegalesa, na qual o matrimônio é sacralizado, a mulher é considerada um ser realizado e integrado na família com a maternidade. A mulher é, antes de tudo, mãe. E essa é uma das razões que faz com que ela seja considerada e respeitada pelo marido e pela sociedade. O nascimento de uma criança concede à mulher um lugar e uma posição privilegiados na sociedade. Desse modo, sem filhos fica difícil, para a mulher, manter um casamento feliz. (MBOW, 2001)

⁶⁹ “Comme de coutume à pareille heure, les habitants de Bakayoko-so s’étaient réunis dans la cour. Rien que des femmes. Tout en s’affairant à leurs travaux ménagers” (SEMBÈNE, Ousmane. 2012, p.13).

⁷⁰ “Niakoro la vieille ne pouvait pas passer un après-midi inactive. Tantôt, elle ravaudait, tantôt, elle repassait ou ornait des calebasses” (SEMBÈNE, 2012, p.17).

Portanto, como será representado no trecho seguinte, a procriação torna-se o elemento que dá sustentação para a mulher senegalesa:

[...] Houdia Mbaye, a mãe de Anta, amarrava sua canga, enquanto, na cama de ferro, *Grève*, o seu recém-nascido, pedalava no ar com as mãos e os pés. [...] Ela [Houdia M'Baye] atravessou o quarto, passou em frente da cortina que dava para o quarto de Ramatoulaye e instalou-se na varanda. As suas sucessivas gravidezes tinham-na engordado. Não tinha ela sozinha trazido ao mundo nove *bouts-de-bois-de-Dieu*? E agora ela estava viúva: Badiane, o seu marido, fora morto logo nas primeiras escaramuças da greve. As outras mulheres voltaram às suas respectivas famílias, mas ela, que tanto gostaria de voltar à sua aldeia, não pudera empreender a viagem por causa da iminência do parto.

[...] Houdia M'Baye, la mère de Anta, nouant son pagne tandis que sur le lit de fer, "Grève", son dernier-né, pédalant dans le vide des mains et des pieds [...] Elle [Houdia M'Baye] traversa la pièce, passa devant la tenture qui menait à la chambre de Ramatoulaye et s'installa sur la véranda. Ses grossesses successives l'avaient alourdie. N'avait-elle pas, à elle seule, mis au monde neuf Bouts-de-bois-de-Dieu? Et maintenant, elle était veuve: Badiane, son mari, avait été tué lors des toutes premières echauffourées de la grève. Ses autres femmes étaient rentrées dans leurs familles, mais elle qui pourtant aurait tant aimé retourner à son village, n'avait pu entreprendre le voyage à cause de l'imminence de l'accouchement" (SEMBÈNE, 2012, p. 91).

No trecho acima, o narrador revela a importância da maternidade para as personagens femininas. Observamos que, ao longo da história, a maternidade foi essencial à condição feminina. Reconhe-se, então, que no retrato da sociedade uolof e bambara ter uma forte descendência é de importância capital para garantir a continuidade da linhagem, constituindo a visão positiva do casamento. Por isso, quanto mais elevado o número de filhos dentro de um casamento, mais a mulher tece laços indissolúveis com a família e se sente realizada aos olhos da sociedade.

É importante frisar que, ao lado desta relação matrimonial, coloca-se a questão da propriedade e da herança que, segunda a tradição e a lei muçulmana, dá mais privilégio ao sexo masculino. Como ilustrado em Mbow (2001), no processo de herança, as filhas e as mulheres nascidas na família são consideradas como membros temporários, pois depois do casamento, passam a fazer parte da família do marido. Aceitar que elas possuam parte da herança, significa que quando elas se casam os bens da família são transferidos as suas novas famílias. Por isso, tradicionalmente, a herança é passada exclusivamente pela linhagem masculina. Entretanto, vale lembrar que, diante

dessa desigualdade de gênero, a mulher sente-se rejeitada pela sociedade quando ela dá a luz ao sexo feminino e lisonjeada quando o sexo é masculino.

A educação das crianças foi, desde sempre, um papel atribuído à mulher. A mãe prepara seus filhos para a integração na vida social e, a educação deles é a prova do seu sucesso, pois, portadora de bom ou mau “grão”, a mulher-mãe é responsável pela honra dos filhos e pelo julgamento que a sociedade faz deles. Como diz um famoso ditado uolof: *ligey you ndey agnoup dom* (a criança colhe apenas os frutos do trabalho da sua mãe), uma crença que reforça a obediência da mulher ao marido. Além do acompanhamento materno, a iniciação das filhas na vida casamenteira e sua inserção social diferem de uma etnia para a outra.

Em algumas etnias tradicionais, como a dos Bambaras ou dos Diolas (a qual pertence Ousmane Sembène), a entrada da mulher no casamento implica na passagem obrigatória pelo ritual da excisão genital, que consiste na mutilação do clitóris e dos lábios menores das meninas, na crença de que esse ato irá purificá-la, como destaca Dias:

Acredita-se nessas comunidades que o ser humano nasce sexualmente neutro e híbrido, isto é, que o homem é também mulher enquanto conservar o prepúcio e a mulher é também homem enquanto mantiver o clitóris. Para adquirir um gênero determinado e as funções sociais correspondentes, cada um tem de ser sujeito a uma incisão genital (DIAS, 1996).

A finalidade dessa prática, que ocorre, em sua maior parte, nos bosques sagrados, além de uma forma de identificar o gênero como evidencia o segmento acima, é também ser uma prova física, moral, necessária para a educação das crianças. Numa visão psicosssexual, essa prática de purificação tem como objetivo preservar a virgindade das meninas antes do casamento, além disso, aumentar o desejo sexual do cônjuge. A mutilação genital pode ser vista como uma forma de extrema violência feita à mulher, visto que pode ser fatal à sua saúde (podendo causar infecções, perda de sensibilidade e infertilidade). Entretanto, apesar de não ser um tema evocado no presente romance, do referido autor, a prática da mutilação genital continua sendo um tema criticado nas obras cinematográficas de Ousmane Sembène. Nesse ínterim, fazemos referência ao seu último filme “Mooladé” que tem como cenário o movimento de resistência de um grupo de mulheres, que decide dar proteção às meninas que fogem do ritual da mutilação genital.

A questão de gênero, especialmente a da desigualdade entre homem e mulher, torna-se visível nessa narrativa através do discurso de algumas personagens. Seguindo o olhar do narrador, constatamos que as mulheres não são feitas para a vida fora de casa, mas preparada para a gerência do matrimônio como se revela na atitude da Velha Niakoro, reprovando a neta de não saber cozinhar, sendo sempre intrometida nos assuntos dos homens:

Você não sabe nem mesmo preparar o *bassi*⁷¹. É o que acontece quando se passa todo o tempo agarrada às calças dos homens em vez de se agarrar à tanga da mãe!

Tu ne sais même pas prepares le bassi. Voilà ce que c'est d'être fourrée plus souvent dans les pantalons des hommes que sous le pagne de ta mère (SEMBÈNE, 2012, p.19).

Deste modo, imcube à mãe o dever de acompanhar a filha no cuidado das tarefas domésticas e incultir nela os valores morais da sociedade, isto é, saber cozinhar, servir as refeições e respeitar a tradição. Essa representação social do “ser mulher” é revelada pelo narrador através do itinerário cotidiano de Assitan.

Casada com o seu cunhado Bakayoko, depois da morte do marido, Assitan, aos olhos da sogra, a Velha Niakoro, encarna a mulher ideal, submissa e consagrada ao cuidado da casa, do marido e à educação da filha. Na relação com a filha Ad'jibid'ji, como toda mãe, Assitan demonstra uma profunda admiração e orgulho. “Ela [Assitan] adorava Ad'jibid'ji, como, aliás, todas as vizinhas. Nunca tivera o que reclamar dela, nem em relação aos afazeres de casa nem em relação a algum mandado.”⁷² Apresentada como uma menina inteligente e educada, Ad'bijid'ji, independentemente da sua tenra idade, revela maturidade de espírito. Tal personalidade proporciona à menina um destaque por parte do narrador. No entanto, ao colocar logo no início do enredo a personagem de Ad'bijid'ji ao lado da Velha Niakoro, o narrador coloca o leitor perante uma narrativa que encena o cruzamento de dois mundos diferentes:

Entre ela e a avó, duas gerações as separavam, mas Ad'jibid'ji não era desrespeitosa, nem atrevida. Pelo contrário, sua maturidade, sua espontaneidade e sua lucidez surpreendiam todo mundo, até a própria Niakoro.

⁷¹ O “bassi” é um prato feito à base de milho, e típico da cultura bambara.

⁷² “Elle [Assitan] adorait Ad'jibid'ji, comme d'ailleurs le faisaient toutes ses voisines. Jamais elle n'avait à se plaindre d'elle, ni pour les travaux de la maison, ni pour les commissions” (SEMBÈNE, 2012, p. 21).

Entre sa grand-mère et elle, il y avait deux générations, mais Ad'bijid'ji n'était ni irrespectueuse, ni effrontée. Au contraire sa maturité et sa spontanéité, sa lucidité stupéfiaient tout le monde et d'abord Niakoro elle-même (SEMBÈNE, 2012, p.19).

Nesse paradoxo surgem as barreiras ideológicas que separam as duas personagens. Por um lado, a Velha Niakoro apresentada como protetora e defensora dos valores morais da tradição, garantindo que eles sejam perpetrados e, por outro, Ad'bijid'ji, produto de uma sociedade em plena mutação, sendo uma mulher que tenta romper os preconceitos e os tabus do patriarcalismo.

Sempre no meio das desavenças ideológicas, aparece o papel da mãe educadora e mediadora que tenta orientar a filha para se comportar bem com os mais velhos, mostrando, assim, o seu dever de mãe perante as exigências morais da sociedade tradicional patriarcal e representada no romance pela personagem da Velha Niakoro: “Ad'bijid'ji, disse-lhe [Assitan], não se deve perguntar às pessoas adultas coisas que elas ignoram. Não é educado.”⁷³ Como explica a fala de Assitan, constatamos que, para além da submissão, uma criança bem-educada não deve questionar os mais velhos por medo de lhes colocar numa situação de inconveniência.

Como mãe, Assitan sonha ver a filha feliz, longe dos preconceitos sociais. Partindo dessa relação entre mãe e filha, o narrador auspicia implicitamente o declínio do poder tradicional patriarcal, assentado na submissão, e observa o surgimento de uma nova geração de mulheres dispostas a transitar com liberdade no espaço público, reservado aos homens, como profetiza a pequena Ad'bijid'ji no seguinte argumento: “Paizinho diz que amanhã mulheres e homens serão todos iguais.”⁷⁴

Ao abordar a questão da mulher no seu papel de esposa, referimo-nos, basicamente, à concepção do casamento nas sociedades africanas. O casamento é concebido na sociedade conservadora patriarcal senegalesa como um vínculo necessário que unia a preservação da honra da mulher e os negócios das famílias. Sob este ângulo, Mbow (2001) explica que o casamento era visto como uma união “arranjada” entre os pais do noivo e da noiva e, na maior parte, sem consentimento dos dois cônjuges. Esse tipo de união “forçada” tinha como objetivo reforçar os laços e o patrimônio familiar, o que concedia aos pais o direito e o poder de se intrometer no casamento dos filhos, caso houvesse algum problema. Nessa perspectiva, Spivak ao refletir no seu livro *Pode o*

⁷³ “Ad'bijid'ji, dit elle [Assitan], il ne faut pas demander aux grandes personnes des choses qu'elles ignorent, ce n'est pas poli” (SEMBÈNE, 2012, p.172).

⁷⁴ “Petit père dit que demain femmes et hommes seront tous pareils” (SEMBÈNE, 2012, p. 157).

subalterno falar? sobre a questão da submissão das mulheres na Índia durante o período pós-colonial, ressalta que a mulher como subalterna, não pode “falar” nem se autorrepresentar fora do contexto patriarcal e quando tenta fazê-lo, não encontra os meios de se fazer ouvir (SPIVAK, 2014, p. 17-18). Nesse sentido, a escritora aponta uma possibilidade de a mulher encontrar um terreno de se expressar, isto é, a mulher até consegue falar e se fazer ouvir se ficasse dentro do universo que lhe é traçado pela sociedade patrilial. Uma ínfima autorrepresentatividade que a nosso ver efetua-se, apenas, nas funções estritamente femininas: a educação dos filhos ou o cuidado da casa (únicos instantes em que ela consegue talvez fazer as coisas do seu jeito e ter poder de mando com os filhos). Entretanto, fora desse contexto, a sua condição enquanto mulher/mãe fica ainda mais sujeita ao patriarcalismo.

A discriminação de gênero nas sociedades patriarcais contribuíram para a criação de barreiras entre marido e esposa. De fato, a submissão às normas sociais ocasionou a marginalização da mulher, pois essa não era solicitada nos momentos de tomada de decisões, postura que relegou o seu estatuto de mulher à posição de subalterna. Entendendo por “subalterno” àquele que é excluído e subordinado a uma hegemonia, sem poder de fala e sem nenhuma arma de luta contra esse poder hegemônico (GRAMSCI, 1987). É nessa ótica, que concebemos a representação da imagem da mulher no universo patriarcal descrita por Sembène.

Todavia, os papéis que ambos os sexos devem realizar na sociedade e no lar eram bem estabelecidos, sendo o marido a autoridade da família e provedor do sustento de todos, e a mulher, como todas as pessoas, vivendo sob tutela do marido lhe devendo respeito e não contestando suas decisões. Desta forma, a vontade da família se traduzia na vontade do marido, que se transformava na vontade da entidade familiar. Essa dominação masculina é flagrada no universo feminino de *Le mandat* (2000), a qual pode ser observada nos seguintes postulados:

A mulher estava no seu papel de ouvinte. Nunca lhe davam – a não serem os trabalhos domésticos – a ocasião de formular o seu ponto de vista, de emitir a sua opinião. Ela devia ouvir, aplicar o que o seu marido dizia (SEMBÈNE, 1966, p. 31).⁷⁵

⁷⁵“La femme s’en trouvait dans le rôle d’auditrice. On ne lui donnait jamais – hormis les travaux domestiques – l’occasion de formuler son point de vu, d’émettre son opinion. Elle devait écouter, appliquer ce que son mari disait.” (SEMBÈNE, 2000. p.31).

O posicionamento da mulher perante o marido, tal como ditado pelo patriarcalismo, revela de fato a objetivação da mulher, isto é, a mulher que aparece como um objeto dentro do lar, sem voz nem direito de escolher. Uma concepção cenarizada também pelos dois casamentos de Assitan:

Assitan era uma esposa perfeita, segundo as antigas tradições africanas: dócil, submissa, trabalhadora, ela nunca dizia uma palavra mais alta que o outro. Ela ignorava todas as atividades do marido ou pelo menos fingia esquecê-las. Nove anos atrás, tinham-na casado com o mais velho dos Bakayoko. Sem mesmo a consultar, os seus pais tinham se ocupado de tudo. Uma noite, o seu pai informou-a de que o seu marido se chamava Sadibou Bakayoko, e dois meses depois entregava-na a um homem que ela nunca tinha visto.

Assitan était une épouse parfaite selon les anciennes traditions africaines: docile, soumise, travailleuse, elle ne disait jamais un mot plus haut que l'autre. Elle ignorait tout des activités de son mari ou du moins faisait semblant de les oublier. Neuf ans auparavant, on l'avait marié à l'aîné des Bakayoko. Sans même la consulter, ses parents s'étaient occupés de tout. Un soir, son père lui apprit que son mari se nommait Sadibou Bakayoko et deux mois après on la livrait à un homme qu'elle n'avait jamais vu (SEMBÈNE, 2012, p.170).

Examinando o comportamento passivo de Assitan, vale afirmar que ela é da geração de mulheres que aprenderam com suas mães como deveriam comportar-se para garantir o casamento, o lugar de uma “boa” esposa e “boa” mãe sendo sempre submissa aos costumes e tradições.

É interessante notar também que, tanto nas sociedades tradicionais uolof como bambaras era muito comum que a mulher viúva fosse casada com o irmão do seu falecido marido, como uma forma de manter os laços e o patrimônio familiar. Portanto, esse compromisso sem amor era aceito pela maioria das mulheres, visto que era uma prática corrente nessa sociedade há várias gerações: uma forma de manutenção da tradição, também de homenagem as suas mães que passaram pela mesma situação.

Tal subordinação e aceitação, que parecem ser o destino da mulher, são evidenciadas também no romance *Xala* (1971), especificamente, na conversa de Awa com a sua filha Rama na seguinte expressão: “Você deve ter em mente que o homem não é igual à mulher. O homem é o mestre. Você deve estar disponível. Você não deve elevar a sua voz. Deve ser submissa” (SEMBÈNE, 1971, p.56).⁷⁶

⁷⁶ “Tu dois avoir dans l'esprit que l'homme n'est pas l'égal de la femme. L'homme est le maître. Tu dois être disponible. Tu ne dois pas élever ta voix. Il faut être soumise” (SEMBÈNE, 1973, p. 56).

Nessa ótica ficcional, que se aproxima dos padrões sociais senegaleses, cabe atestar que a figura da mulher forjada pelo imaginário social reflete mais o protótipo “perfeito” de dona de casa, de boa mãe e esposa virtuosa quando em seu cotidiano ela vivencia a “liberdade apenas da submissão a um homem” (BEAUVOIR, 1990, p. 294).

Aliado a essa submissão, raros ou inexistentes são os momentos de intimidades e de diálogos entre os casais.

Ele [Bakayoko] partia por dias, ele ficava ausente meses, afrontava perigos, era o seu destino de homem e de mestre. O destino dela, o seu destino de mulher, era aceitar e calar-se, como lhe tinham ensinado.

Il [Bakayoko] partait pour des jours, il restait absent des mois, il bravait des dangers, c'était son lot d'homme de maître. Son lot à elle, son lot de femme était d'accepter et de se taire, ainsi qu'on le lui avait enseigné (SEMBÈNE, 2012, p. 170-171).

Interditada pela moral social, Assitan vive à margem da vida do seu marido Bakayoko, a quem as atividades sindicais levam a se ausentar de casa durante muito tempo. Resignada, ela é obrigada a aceitar a vida boêmia do marido, mesmo sabendo das suas infidelidades, das suas aventuras amorosas. Todavia, o olhar do narrador não incide unicamente sobre as condições do casamento que impõem um silêncio total da mulher, mas ele aponta também a inexistência de sentimento de amor e de um casamento “feliz”, um fato que se nota na maioria da produção literária africana do período colonial e pós-colonial. Portanto, diante do impasse da experiência de serem personagens afetadas pelas ausências dos maridos, as mulheres não podem manifestar os seus desejos sexuais, pois são percebidos pela sociedade como um ato vergonhoso e pecaminoso e, ainda assim, elas são incumbidas de adivinharem os desejos dos maridos.

Esse discurso social é ilustrado no romance com o comportamento da jovem Oulaye, que se sente embaraçada e constrangida ao desejar, por um instante, o corpo nu do seu marido:

Oulaye voltou a deitar-se e puxou a coberta multicolor [...]. Ela olhava para o marido, que não se mexia. Sem dúvida que ele já não era muito bonito e a testa estava enrugada [...]. E agora, de repente olhando para o marido sentado ao lado dele, ela teve vontade de beijá-lo também. Nervosamente, com uma agilidade de animal, ela se virou na cama [...] fingiu dormir, ela sentia vergonha de si própria, vergonha deste desejo anormal, perverso, incompreensível.

Oulaye se recoucha et ramena sur elle sa couverture multicolore [...]. Elle regardait son mari qui ne bougeait pas. Certes il n'était plus trop beau et son front était tout plissé de rides [...]. Et voici que soudain en regardant son mari assis près d'elle, l'envie lui vint de l'embrasser aussi. Nerveusement, avec une souplesse d'animal, elle se tourna dans le lit [...] fit semblant de dormir, elle avait honte d'elle-même, honte de ce desir anormal, pervers, incompréhensible (SEMBÈNE, 2012, p. 227-228).

Partindo desse fragmento, o narrador demonstra uma grande preocupação perante os preconceitos que abafam a sexualidade da mulher, e que a impedem de exercer uma vida afetiva e erótica harmoniosa e satisfatória. Esses pensamentos parecem enraizados há muito tempo na mente dessa sociedade, o que deve ser fruto de antigas crenças que ao longo do tempo se tornaram muito forte, fazendo com que a maioria das mulheres tenha preconceitos contra sua própria condição. Assim, como disse Vernizi, o patriarcado sempre teve êxito diante de seu objetivo maior que consiste em moldar os costumes e valores, especificamente, no que concerne ao desejo amoroso, ao prazer erótico. De acordo com o autor, essa repressão efetuou-se de maneira muito mais violenta em relação à mulher (VERNIZI, 2006).

Nessa ótica, é importante discutir a imagem da mulher dentro do fenômeno da poligamia, isto é, como ela é representada dentro das famílias polígamas. Segundo Mbow (2001), em termos de cultura, a poligamia é aceita por várias sociedades africanas, particularmente, pela religião islâmica, pois mencionada nas leis do alcorão como um direito para todo homem muçulmano no seguinte postulado: “Casai, como vocês quiserem, com duas, três ou quatro mulheres.”⁷⁷ A poligamia é autorizada pelas leis islâmicas de acordo com determinadas circunstâncias. Ela não é uma necessidade que interfere na moral da religião ou na fé do praticante, mas constitui uma autorização condicional. Isso significa que o homem pode ter até no máximo quatro esposas, desde que ele tenha condições de sustentá-las e de oferecer a elas direitos e privilégios iguais.

A religião islâmica explica que é mais honesto e digno para um bom muçulmano casar-se com várias mulheres do que ter amantes. No entanto, é bom salientar que a religião não permite relações sexuais fora do casamento e também proíbe o sexo extraconjugal.

Em relação à produtividade, mencionamos que na organização social das famílias senegalesas, vivendo em meio rural e tendo a agricultura como principal meio de sobrevivência, o uso da terra cria as bases da família como instituição e os laços de

⁷⁷ “Epousez, comme il vous plaira, deux, trois ou quatre femmes”. Surad, 4:3.

parentesco como ideologia (uma organização baseada no poder patriarcal). A dinâmica de garantir as condições econômicas de sobrevivência dessas famílias, alargadas e dirigidas por um patriarca, impunha a existência de uma forte mão de obra. Diante de tal sistema, a procriação das mulheres torna-se necessária para manter a produtividade agrícola da família.

Em paralelo ao romance, cujos fatos ocorrem num espaço urbano, a poligamia ocorre como uma simples satisfação dos instintos libidinais e sexuais dos homens. Ela aparece também como um meio de evitar uma longa abstinência durante a gravidez ou o parto da mulher. Assim, em respeito às normas sociais e religiosas vigentes, as mulheres são obrigadas a aceitar a partilha do esposo com outras mulheres. Frustrada, a maioria delas se sente rejeitada e desprezada dentro da casa.

Entretanto, de acordo com o ponto de vista de algumas personagens femininas, a poligamia ajuda a amenizar a carga do trabalho doméstico. Assim, a segunda mulher, em geral mais nova do que a primeira, substitui a primeira no cuidado com o marido, nas tarefas domésticas e assim por diante. Por isso, tal fato pode justificar a razão que leva essas personagens femininas a aceitarem que os próprios maridos procurem outras esposas. O narrador exemplifica esse argumento com o seguinte diálogo entre Tiémoko e Assitan:

-Eh, mulher, o que você está preparando esta noite? Perguntou-lhe Tiémoko, com a familiaridade de um frequentador da casa.

-Eh, homem, são restos de ontem. Eu te convido.

-Ao te ver trabalhar, não há perigo que Bakayoko arranje uma segunda esposa, confia em mim!

-Ah, homem, eu até gostaria de ter uma "rival" para poder descansar um pouco... e, além disso, eu estou envelhecendo. Todas as vezes que ele [Bakayoko] parte, eu faço votos para que ele traga uma segunda esposa, mais nova...

-Hé, femme, qu'est ce que tu prépares pour ce soir? Demanda Tiémoko, avec la familiarité d'un habitué de la maison.

-Hé, homme, ce sont des restes d'hier. Je vous invite.

À te voir travailler, il n'y a pas de danger que Bakayoko prenne une seconde épouse, fais moi confiance!

-Ah, homme, je ne demanderai pas plus d'avoir une "rivale", je pourrai au moins me reposer... et puis, je me fais vieille. Chaque fois qu'il [Bakayoko] part, je fais des vœux pour qu'il ramène une deuxième femme plus jeune... (SEMBÈNE, 2012, p. 171).

Nessa conversa, a poligamia que, segundo Assitan é uma forma de descanso e de descargo do peso doméstico, no raciocínio de Tiémoko se revela como uma maneira de

castigar ou corrigir o comportamento da esposa quando ela não sabe agradar o marido, criando astúcias para mantê-lo, assim como explicita Novais:

A esposa, a boa dona de casa, conhece perfeitamente os gostos de seu marido, seus pratos preferidos e a maneira segundo a qual os quer arranjando. Ela sabe tudo: o lugar que o marido gosta mais de estar, a cadeira escolhida, o descanso para pôr os pés [...] quando o marido lê não o interrompe, nem deixa perturbá-lo sem motivos. Mas se ele lhe fala do que a leitura sugere, a esposa mostra-se interessada – ou procura interessar-se pelo assunto – porque em tudo quer ser agradável para o marido, e isso agrada-lhe sem dúvida [...] (NOVAIS, 1998, p. 371).

Esse fragmento descrito define bem o estereótipo da mulher ideal no universo social tradicional, e comparado à atenção e ao cuidado dispensado aos homens, é bem menor do que eles concedem às mulheres. Uma questão que o narrador evidencia também mediante à atitude de Fatoumata, uma das esposas do velho Fa-Keita. Depois de servir o jantar: “Fatoumata instalou-se atrás do marido e assim permaneceu durante toda a refeição, como prova de cortesia.”⁷⁸ Um comportamento que coloca em evidência uma das características dos costumes africanas em que homens e mulheres não tomam as refeições juntos.

Entretanto, a convivência entre as “rivais” (coesposas) não é sempre passiva e harmoniosa como descrita nas primeiras páginas de *Les bouts de bois de Dieu*. Nota-se que em muitos lares polígamos, reina no cotidiano um sentimento de rivalidade entre as esposas, isto é, o ciúme, as brigas e feitiçaria entre elas (MBOW, 2001). Ao contrário da monogamia, a poligamia representa a violência no sentido em que ela pode destruir o equilíbrio da família. Uma violência no cotidiano que, às vezes, acontece devido à atitude de desigualdade do marido, preferindo ou demonstrando mais carinho e afeição a uma esposa em particular. Assim sendo, as crianças também participam dessa desavença defendendo os interesses da mãe – uma situação que enfraquece os laços da família ou abala as relações entre esposa e marido, como pode ser observado durante a distribuição dos auxílios alimentares às famílias dos grevistas.

- [...]. É verdade que nós temos muitas companheiras, mas não é verdade que a greve seja responsável pelos nossos problemas conjugais. Trata-se de cada um de nós de se ocupar das suas histórias

⁷⁸ “Fatoumata s’installe derrière son mari et resta ainsi durant tout le repas en signe de politesse” (SEMBÈNE, Ousmane. 2012, p. 29).

de família, ao invés de vir aqui para dizer: «Fulana não quer mais transar comigo porque eu não lhe dei a minha porção alimentar».

- [...]. *Il est vrai que nous avons plusieurs compagnes mais il n'est pas vrai que la grève soit responsable de nos déboires conjugaux. C'est à chacun de nous de s'occuper de ses histoires de familles au lieu de venir ici pour dire : Une telle ne veut plus coucher avec moi parce que je ne lui ai pas donné ma ration alimentaire* (SEMBÈNE, 2012, p. 231).

Ao lado desses conflitos e violências conjugais, o autor apresenta perfis de mulheres contra a prática da poligamia. Nesse sentido, referimo-nos à jovem N'Dèye Touti. Mulher bonita e inteligente, influenciada pela cultura ocidental através dos filmes e livros. N'Dèye Touti, aluna da “Escola Normal” cresceu numa família polígama, mas não hesita em demonstrar, durante uma conversa com Daouda, a sua antipatia contra a prática da poligamia: “Tem uma coisa de que eu estou certa: é que eu não partilharei o meu marido com nenhuma mulher!”⁷⁹ A poligamia, considerada como um costume “feudal”, no olhar da jovem personagem, é o principal obstáculo que afeta a felicidade da mulher. Nós percebemos as mesmas observações com a personagem de Agnès, no romance *Ô pays, mon beau peuple!* (1956), de Sembène. Mulher instruída, porta-voz da juventude feminina, Agnès exprime claramente a sua posição contra a poligamia:

A poligamia existiu em todas as nações. Mas vocês (os africanos), enquanto não considerarem a mulher como ser humano e não como um instrumento de suas vis paixões, irão sucumbir. As mulheres constituem a maioria da população. Não existe mais poderoso obstáculo, em relação à evolução, do que a poligamia (SEMBÈNE, 1957, p. 98).⁸⁰

É possível notar que a questão da poligamia aparece nos romances de Ousmane Sembène como um equívoco. Para algumas personagens femininas, a poligamia aparece como uma prática alienante que freia a emancipação da mulher. Contudo, esse pensamento é, sobretudo, motivado pela idade e o nível de instrução delas. De acordo com o olhar da administração colonial, a poligamia constitui também a principal causa de miséria dos operários negros, sendo vista como uma prática bárbara e retrógrada. Desse modo, podemos afirmar que Sembène norteia a sua opinião sobre a poligamia a

⁷⁹«(...) Il y a une chose dont je suis sûre, c'est que je ne partagerai pas mon mari avec aucune autre femme!» (SEMBÈNE, 2012, p. 106).

⁸⁰«La polygamie a existé dans toutes les nations. Mais vous (les africains), tant que vous ne considérez pas la femme comme un être humain et non comme un instrument de vos viles passions, vous piétinerez. Les femmes constituent la majeure partie du peuple. Il n'y a pas de plus puissant obstacle que la polygamie en ce qui concerne l'évolution. (SEMBÈNE, 1957, p.98).

partir desses julgamentos, na medida em que ela dificulta o progresso econômico das sociedades africanas e impede a libertação da mulher.

Outra crítica, que aparece também nas ficções desse autor, é a representação do corpo da mulher, exposto como um objeto de desejo e de cobiça dos homens. Na visão do autor, o corpo feminino torna-se vítima de abusos e de ostracismo do poder masculino, como ilustrado através da personagem de Maïmouna. Cega, Maïmouna é mãe de dois gêmeos de pai desconhecido. Abandonada desde a gravidez, ela teve que cuidar sozinha da sobrevivência desses, trabalhando como vendedora nas ruas onde ela perdeu um deles, durante os primeiros confrontos entre os operários negros e a milícia colonial. Contudo, apesar das inúmeras perguntas de Penda, Maïmouna nunca quis revelar a identidade do pai dos seus filhos para não o cobrir de vergonha e de humilhação. Levando em consideração o contexto de criação do romance, Ousmane Sembène descreve as injustiças de uma sociedade domesticada a partir da cultura popular: tabus e superstições, segundo os quais, casar-se com um deficiente era sinônimo de desgraça e de maldição.

Analisando tais fatos, podemos constatar que, de modo geral, a mulher senegalesa representa a vida graças ao seu papel preponderante na sociedade. Todavia, o julgamento tradicional e patriarcal retardou muito a sua inserção social, pois considerando-na um objeto de manipulação, o homem pode se servir dela para a produção de filhos e transformá-la numa escrava a serviço dos seus desejos. Ou seja, transformá-la em uma mulher cuja essência limita-se ao lar: cuidar dos filhos e submeter-se às exigências do marido, de forma calada.

Se por um lado, o discurso de mulher assujeitada pelo poder patriarcal e pelas leis da tradição está presente nas obras ficcionais de Ousmane Sembène, por outro, o mesmo discurso se desfaz para dar lugar a uma nova geração de personagens femininas – a mulher consciente do seu papel social e que decide romper com as convenções e os preconceitos e empreender um caminho de valorização da sua condição, enfim, um caminho para a sua emancipação. Nesse sentido, o romancista constrói uma ficção que justapõe o processo de vitimização da mulher, colocando em destaque as suas ações de resistência dentro de um universo que sempre foi reservado aos homens.

3.3. A nova imagem da mulher: transição e resistência

Levando em consideração o que foi dito acima, podemos atestar que a abordagem do percurso feminino, no universo tradicional, tem como objetivo facilitar para os leitores o entendimento da relevância do engajamento e da influência das ações de resistência dessas, na luta pela libertação colonial.

Tanto no seu papel tradicional como no seu papel moderno, sendo agente motivadora da greve dos operários negros e da mudança da mentalidade social, valorizar e realçar a imagem da mulher nas sociedades africanas foi sempre o alvo principal do romancista senegalês.

Assim, nesta sequência, examinaremos, em primeiro lugar, como a representação ficcional do movimento da greve despertou uma tomada de consciência das personagens femininas, isto é, como diante da incapacidade dos homens de garantir a sobrevivência cotidiana, as mulheres decidiram tomar a dianteira. Em seguida, analisaremos qual foi o impacto cultural e sociopolítico do engajamento das mulheres na greve dos operários negros e como ele marcou o ponto decisivo da descolonização do poder administrativo.

3.3.1. O manifesto de uma tomada de consciência

De acordo com o psicólogo francês Jean Piaget, a tomada de consciência pode ser definida como uma “percepção interior” que surge depois que o indivíduo, por muito tempo, enganado por diversos fatores limitantes do seu conhecimento, amadurece e impõe ações que lhe permitem estabelecer um quadro favorável, visando à libertação. Sob esta dinâmica, o psicólogo resume a tomada de consciência como uma reconstituição conceitual da ação, que só tende para um alvo e é satisfeita quando este é atingido (PIAGET, 1977).

Em *Les bouts de bois Dieu*, a tomada da consciência feminina impulsionou um desejo maior de justiça e libertação, sendo consequência de um longo caminho de sofrimento e de subjugação. Animado pelo mesmo sentimento de fazer justiça, Ousmane Sembène cria personagens femininas, segundo a imagem que ele tem da sociedade senegalesa do período colonial. Isso significa um contexto escandalizado pela

desigualdade social, no qual a mulher é colonizada duplamente: por normas de uma sociedade hierarquizada pela tradição e pelas leis de uma instituição alheia (sistema colonial).

Desse modo, as personagens femininas, em seu percurso, enfrentam batalhas sobre duas frentes – a primeira batalha concedida no lar, ao qual elas sempre se dedicaram com carisma e responsabilidade e uma segunda batalha, desta vez, dirigida à máquina opressiva colonial. De fato, esse último pano de fundo histórico e social propiciou a emergência de uma nova categoria de personagens femininas, que se dispõem a participar plenamente e positivamente da reconstrução da sua própria sociedade.

A consciência lúcida do estado de desumanização, que o sistema administrativo colonial impôs à classe operária negra, suscitou um engajamento social e político das mulheres. Porém, tal raciocínio despertou uma série de protestos e reivindicações que tiveram como objetivo melhorar as condições de vida na colônia: “a trabalho igual, salário igual”⁸¹ para todos os trabalhadores da ferrovia do Dakar-Níger – igualdade de direitos entre os operários negros e os operários brancos.

Como dito no capítulo anterior, a administração empreendeu intimidações e torturas contra a comunidade negra, com o intuito de sufocar as manifestações. Aquela decidiu manter a fome, cortando todos os abastecimentos de alimento e água, proibindo às famílias que participassem da greve, o direito de compras nas lojas da colônia. Uma postura que não tardou a afetar o dia a dia das casas e das concessões.

A alimentação tornou-se uma forte preocupação para as mulheres que já começavam a procurar medidas para contornar a fome que se alastrava em todos os lares, vendendo suas joias e suas roupas para garantir o pão de cada dia. Assim, dia após dia: “Veio a fome; homens, mulheres e crianças começaram a emagrecer. Mas aguentava-se.”⁸² Nos bairros e nos lugares públicos, as relações entre colonizadores e colonizados permaneciam muito tensas. As mulheres brancas não iam ao mercado sem se fazer acompanhar por um policial; as mulheres dos grevistas recusavam-se a lhes vender os seus produtos. Foi nessa relação tensa, que se jogava toda a força e a determinação das mulheres. Portanto, os homens não demoraram a entender que um outro tempo sinalizava-se no horizonte.

⁸¹ “à travail égal, salaire égal” (SEMBÈNE, 2012, p. 24).

⁸² “la faim s’installe; hommes, femmes, enfants commencèrent à maigrir. Mais on tenait bon” (SEMBÈNE, 2012, p.63).

Quando um homem voltava de um comício, de cabeça baixa, bolsos vazios, o que ele via em primeiro lugar era a cozinha apagada, os almofarizes derrubados, as tigelas e as cabaças empilhadas, vazias. Então ele corria nos braços de uma esposa, fosse a primeira ou a terceira! E as esposas diante destes ombros quebrados e estes passos arrastados, tomavam consciência de que alguma coisa estava mudando para elas também.

Lorsqu'un homme rentrait d'un meeting, la tête basse, les poches vides, ce qu'il voyait d'abord c'était la cuisine éteinte, les mortiers culbités, les bols et les calebasses empilés, vides. Alors il allait dans les bras d'une épouse, que ce fût la première ou la troisième! Et les épouses devant ces épaules cassées, ces pas traînants, prenaient conscience que quelque chose était en train de changer aussi pour elles (SEMBÈNE, 2012, p. 64).

Essa mudança foi ocasionada pelo fato de que os homens, chefes de família, estavam numa situação que os incapacitava de garantir a sobrevivência familiar. Já que eles não trabalhavam, não traziam comida para casa, portanto, encontravam-se reduzidos a uma situação incondizente àquela estabelecida pelas leis da tradição. Foi nessa posição de perda de poder econômico e de desemprego forçado, que o narrador aproveitou para dar voz às personagens femininas para evidenciar o poder delas, à medida que decidiram entrar em ação para tomar o destino coletivo em mãos.

Enfatizando esta perspectiva, assistimos a um deslocamento do foco da narração para a cidade de Dakar (cidade onde se reúnem a neoburguesia, o poder religioso e político, assim como todas as instituições coloniais), mais precisamente na concessão dos *N'Diayène*. Como observamos a presença de “flash-back” ou analepse é muito recorrente no romance, devido ao fato de que a narrativa romanesca se desenvolve em três cidades diferentes (Bamako-Dakar-Thiès); uma técnica que o narrador utiliza para sincronizar o espaço físico com os elementos narrativos.

Para sistematizar o metamorfismo psicológico da mulher, o narrador lança o nosso olhar sobre a personagem Ramatoulaye que, nos primeiros instantes da narração, aparece-nos de forma anônima nos seguintes termos: “Uma manhã, uma mulher levantou-se, enrolou com força a tanga em volta das ancas e disse: – Hoje vou trazer-lhes de comer.”⁸³ Partindo dessas variações temporais ou expressões circunstanciais: “uma manhã”, “hoje”, podemos comentar que o narrador sinaliza o advento de fatos, cujo teor irá marcar para sempre a memória coletiva, além disso, ele anuncia uma cisão

⁸³“Un matin, une femme se leva, elle serra fortement son pagne autour de sa taille e dit: - Aujourd'hui, je vous apporterai à manger” (SEMBÈNE, 2012, p. 65).

entre o passado e o presente ao ilustrar os argumentos do nascimento de uma força feminina, em uma sociedade marcada pela luta por liberdade.

Perante essa tomada de consciência social, visto que ela contribui com o dinamismo das ações que se desenrolaram na cidade de Dakar, viúva e irmã mais velha da concessão dos *N'Diayène*, Ramatoulaye encarna, em *Les bouts de bois de Dieu*, o drama do engajamento e da luta contra os colonizadores e os seus aliados. Em relação aos aliados, referimo-nos às personagens corrompidas, que servem de “bode expiatório” para a administração colonial e são condizentes com a exploração e a alienação da população.

Arrastada pelo sofrimento de ver as mulheres e os filhos da sua concessão sucumbir na fome e na miséria, Ramatoulaye resolve emprestar alguns quilos de arroz para o comerciante do bairro que, nas suas alegações, diz estar interdito pela administração de fazer qualquer empréstimo para alimentar grevistas e seus familiares. Desamparada, Ramatoulaye sai andando sem destino com o peso de não poder voltar na concessão com as mãos vazias. De repente, ela depara com o irmão mais velho, El Hadji Mabigué acompanhado do *Vendredi*, o animal de estimação que ele cria à custa das concessões.

Depois de um cumprimento cortês, Ramatoulaye anuncia ao irmão a sua preocupação nos seguintes termos: “Ontem não comemos e, para hoje, ainda não posso dizer nada.”⁸⁴ Respondendo de forma irônica, Mabigué declara que ele e sua família passam por momentos difíceis por causa da greve. Irritada pela resposta do irmão, Ramatoulaye não hesita em demonstrar a antipatia que sempre sentia por ele:

Você está aliado a eles [os brancos], Mabigué e, além disso, você é um fornicador! [...]. Você também é um ladrão, Mabigué! Desde que você roubou os lotes [de terreno], dizendo que eu era filha ilegítima, nós já mais tivemos laço de parentesco!

Tu es de mèches avec eux [les blancs], Mabigué, et de plus tu n'es qu'un fornicateur! [...]. Tu es aussi un voleur, Mabigué ! Depuis que tu as volé le lotissement en disant que j'étais une fille illégitime, nous n'avons plus de lien de parenté! (SEMBÈNE, 2012, p.83).

Um litígio que fragilizou a sua relação com o irmão desde que este resolveu usurpar-lhe a sua parte da herança familiar. Entretanto, visto que Mabigué não era

⁸⁴ “Nous n'avons pas manger hier et, pour aujourd'hui, je ne peux encore rien dire” (SEMBÈNE, Ousmane. 2012, p. 81).

envolvido na greve, a sua resposta refletia simplesmente a sua posição contra o movimento da greve. Para Mabigué, apoiar a greve significava opôr-se à vontade de Deus, pois o poder e a presença dos brancos na colônia eram de vontade divina.

Após uma longa desavença verbal com o irmão, Ramatoulaye rompeu os laços de sangue que a unia a ele e afirmou que ela não precisava mais dele, que não teria necessidade dele comparecer ao seu enterro; além disso, ameaçou matar o *Vendredi* se ele voltasse a entrar na sua concessão.

Podemos pensar que esta cena de encontro entre Ramtoulaye e Mabigué parece banal, mas teve sua parcela no desenvolvimento da ficção, pois esse episódio constitui o que podemos chamar de “a gota que vai derramar o vaso”. Além de constituir um dos pontos cruciais da obra, essa cena marca o início dos confrontos e resistência entre colonizadores e colonizados.

Outro elemento que o narrador põe em destaque, nessa cena, é o contraste físico e psicológico entre a personagem de Mabigué, acompanhada do seu animal, com o cotidiano desesperado de Ramatoulaye, o que pode ser destacado nas seguintes expressões: “[Mabigué] vestido para uma cerimônia com dois grandes bubu, um por cima do outro”; “os seus chinelos cor de limão”; “a sua mão gorda e mole como a de uma mulher”; “Ele [Vendredi] mostrava magníficos chifres em espiral, e passeava exibindo a sua importante massa.”⁸⁵ – um retrato irônico para denunciar e desmascarar a ostentação e imoralidade das autoridades senegalesas, que vivem às custas da população e que representam negativamente sua raça.

3.4. Conflitos e resistência

Historicamente, as desigualdades econômicas e sociais foram sempre definidas como elementos causadores de conflito e de resistência. De fato, esses termos têm sido usados na literatura africana para descrever as relações antagônicas entre colonizador e colonizado. Esse caráter de contrariedade entre as duas partes (branco e negro) constituiu o elemento provocador de mudança e reorganização de várias sociedades africanas.

⁸⁵ “[Mabigué] Habillé comme pour une cérémonie de deux grands boubous enfilés l’un sur l’autre”; “ses babouches couleur citron”; “sa main potelée et molle comme celle d’une femme”; “il [vendredi] avait de magnifiques cornes en spirales et promenait partout sa masse imposante” (SEMBÈNE, 2012, p.81-82).

Acusada por ter matado o carneiro do irmão, que comeu o pouco de comida que tinha sobrado na concessão, Ramatoulaye encontrou-se no centro de um virulento confronto que opunha mulheres e milícias; uma postura através da qual o narrador demonstra um esquema de réplica de um grupo de mulheres decidido a enfrentar o inimigo para pôr um termo às condições intoleráveis e alienantes impostas pelo aparelho repressivo. Ramatoulaye, apoiada pelas mulheres quando desafiou a milícia colonial que quis levá-la à delegacia, revelou uma força interior que até então era desconhecida pelos seus familiares:

Cada um perguntava a si próprio onde Ramatoulaye teria encontrado esta vontade nova [...]. De onde viera essa força nova, onde ficava a fonte dessa energia que, de repente, se alastrava? [...], a resposta era simples como ela era própria: nas cozinhas de lares apagados.

Chacun se demandait où Ramatoulaye avait bien pu puiser cette volonté nouvelle [...]. D'où lui était donc venu cette force neuve, où était la source de cette force qui se déchaînait soudain ? [...], la réponse était simple comme elle l'était elle-même: dans les cuisines aux foyers éteints" (SEMBÈNE, 2012, p. 124).

Como disse Foucault, não se sabe do que o homem é capaz “enquanto ser vivo”, como conjunto de forças que resistem (FOUCAULT, 1979). Nesse postulado, o filósofo enfatiza a força que pode emanar do ser para se defender contra um poder que quer geri-lo. Dito em outras palavras, o homem levado no limite é capaz de criar possibilidades de existência, a partir de forças inéditas, para se proteger. Forças impulsionadas aqui pelo desejo de mudança. Partindo desse metamorfismo, o narrador demonstra de forma implícita que a força que anima a sua heroína (nos referimos aqui à violenta cena de luta para matar o carneiro e a cena de irrupção da polícia na concessão de Ramatoulaye) não foi nada menos do que a expressão e o desabafo de um sentimento de angústia e de sofrimento, engolidos por muito tempo pelas mulheres nas sociedades africanas.

A atitude de Ramatoulaye que impulsionou, de forma espontânea, uma série de confrontos e de resistências, levou a polícia e a milícia colonial a recuarem várias vezes diante do bloco formado por mulheres. Essa reação inesperada da mulher, que se revolta após um longo tempo de submissão e de sofrimento, aparece na maioria dos romances de Sembène, como por exemplo, em *Niiwam* (1987), através da descrição da personagem de Yaye Dabo. Mulher casada e dedicada ao marido, Yaye Dabo sofre maus tratos praticados por ele. Inconformada com a sua condição de esposa humilhada e

violentada no cotidiano, ela decide um dia enfrentar o marido para lhe exigir respeito e mudar a ordem das coisas, assim com ilustra (GADJIGO; NIANG, 2010):

A mulher [nas obras de Sembène] apresenta-se como uma força revolucionária pronta, no momento oportuno, de se libertar para capturar o essencial da vida econômica e social (GADJIGO; NIANG, 2010, p. 237).⁸⁶

Todavia, vale ser ressaltado que, nesse episódio de “vai e vem” no campo feminino, o narrador idealiza o surgimento de um sentimento de solidariedade, representado pela metonímia da parte pelo todo, o indivíduo representando a comunidade.

A solidariedade aparece no romance como o elemento essencial para coesão e equilíbrio da comunidade negra e as suas personagens encenam experiências do grupo em busca de justiça, indo de encontro ao colonialismo. Podemos destacar, para exemplificar tal afirmação, as armadilhas utilizadas por Mame Sofi contra o vendedor de água, para provisionar a concessão. Assim, a tomada de consciência acompanhada do desejo de fazer justiça, em primeiro instante, foi focalizada na personagem de Ramatoulaye e tornou-se o objetivo principal de todas as mulheres ao longo dos confrontos.

Entusiasmada pelos acontecimentos, Mame Sofi tinha sob seu comando um grupo de mulheres com quem ela patrulhava os bairros. Elas resolveram lançar uma expedição na casa de Mabigué, na qual roubaram toda a reserva de milho que elas partilhavam. Mame Sofi se mostrou mais determinada quando lançou um desafio ao marido nos seguintes termos: “Se você voltar ao trabalho sem os outros, eu te corto a coisa!”⁸⁷ Assim, todos os meios foram necessários para dar continuidade à luta, até mesmo exercer ameaças sob o prestígio do sexo. Portanto, através dos postulados de Mame Sofi, dirigido ao marido, podemos afirmar que Sembène revela de maneira explícita as premissas de um rompimento dos tabus que envolviam o universo sexual dos cônjuges. Contrariamente à mulher submissa, essa nova geração de mulheres passou a exercer um certo poder sobre a sexualidade dos maridos.

⁸⁶ “La femme [les ouvres de Sembène] se présente comme une force révolutionnaire prête, le moment venu, à se libérer pour capter l’essentiel de la vie économique et sociale.” (GADJIGO; NIANG, 2010, p. 87).

⁸⁷ “Si tu reprends le travail sans les autres, je te coupe le machin!” (SEMBÈNE, 2012, p.76).

Com efeito, se na sua premissa a literatura negro-africana representava a mulher como uma personagem passiva, nas obras de Sembène, ela adquire uma dupla identidade. De passiva à ativa, a mulher passa a guardar em si uma dupla representatividade. Com a morte do *Vendredi*, Ramatoulaye passa a simbolizar o poder transformador da fome e da miséria, através da personagem modificadora da condição feminina. O nascimento do sentimento de solidariedade constituía, naqueles momentos, a única força que unia essas mulheres engajadas. Mesmo sabendo que essa primeira vitória não se igualava à força da milícia colonial, a morte de *Vendredi* simbolizava o triunfo dos oprimidos sobre os opressores, visto que o animal tornou-se o substituto de Mabigué que, por analogia, é representante da máquina repressiva na sua totalidade.

Outro aspecto importante, que julgamos interessante destacar, é o significado do nome dado ao animal: *Vendredi*, que é o quinto dia da semana (sexta-feira). Na religião muçulmana, é um dia sagrado. Como o domingo cristão, a sexta-feira equivale a um dia de sacrifício e de oferenda para todo bom muçulmano. O que dá todo o sentido ao ato de Ramatoulaye imolar o animal com o objetivo de acalmar a fome que se tornava uma preocupação cotidiana. Sob esta ótica, podemos afirmar que Ousmane Sembène descreve as mulheres africanas como seres capazes de desempenhar ações decisivas e de grande envergadura, que contribuíram para revelar a imagem positiva da cultura africana.

Destaca-se que as mulheres continuaram a iniciar as brigas na ausência dos maridos. Elas se colocaram na vanguarda para confrontar polícias e milícias. A título de exemplo, referimo-nos a algumas sequências que mostram a primeira mobilização feita em frente à delegacia, quando Ramatoulaye foi levada pela polícia.

As mulheres estavam sentadas na calçada ou mesmo na estrada, impedindo toda a circulação. [...]. Num grande abano de cangas, de braços erguidos, as mulheres levantaram-se, e empurrando os milicianos, cercaram a delegacia, causando uma grande confusão.

Les femmes s'étaient assises sur le trottoir ou à même la chaussée, empêchant toute circulation. [...]. Dans un grand remuement de pagnes retroussés, de bras levés, les femmes se dressèrent et bousculèrent les miliciens au passage, cenèrent la maison, menant grand tapage (SEMBÈNE, 2012, p. 191).

Mais uma vez, o narrador salienta, através da participação autônoma das mulheres na greve dos operários, o símbolo de um futuro promissor para a condição da mulher, e também para todos os povos vítimas de opressão e de exploração colonial.

Enquanto observamos as injustiças inerentes ao sistema colonial, o narrador nos leva para um universo feminino em plena transição.

Pela primeira vez, as mulheres se posicionaram na frente dos acontecimentos e em decorrência de suas posturas, foram chamadas em público e, perante uma assembleia de homens, para testemunharem as injustiças das quais foram vítimas, como evidenciado durante o julgamento de Diarra: “Era a primeira vez que ela tomava a palavra numa assembleia de homens [...]. Falava depressa com voz firme.”⁸⁸ Essa segurança muito significativa vai se firmando ao longo do desenvolvimento do romance.

Aliás, a resistência feminina não tem como único obstáculo o aparelho da milícia colonial, mas também se choca com uma forte ideologia religiosa. Com efeito, o Islamismo constitui a doutrina predominante no Senegal. A sociedade senegalesa é formada por leis e por conceitos morais profundamente religiosos, por isso, o poder das autoridades religiosas foi sempre um assunto tabu. Os *Sérignes* ou *marabus* mantiveram, de maneira duradoura, uma forte influência espiritual e cultural sobre a comunidade muçulmana, em particular, sobre as mulheres, a ponto que: “[...] ninguém pode duvidar das palavras dessa gente.”⁸⁹

Em virtude das suas leis e tradições, o Islamismo, como representado no romance, forneceu um conceito muito obstruído da mulher senegalesa. Ele confinou a liberdade da mulher num círculo de servilismo e, desde o nascimento, a essência dessa limita-se ao lar – aos afazeres domésticos e à submissão aos costumes e ao marido. Assim sendo, podemos induzir que o narrador tenta mostrar que, a regra geral da vida política e social senegalesa, naquela época, é a não participação da mulher nas questões públicas; a mulher não tem direito de falar em público nem de manifestar suas opiniões. Isso se faz sentir na postura de Sérigne N’Dakarou, ao exigir que as mulheres voltem para suas casas onde é o lugar delas.

[...]. Há algum tempo vocês se comportam como ateias. Não só incendeiam as casas de pessoas pacíficas, mas dificultam a aplicação da lei. [...]. Vocês responderão perante o Senhor. Vocês são sem-vergonha, vocês abandonam as suas casas e os seus filhos para correr pelas ruas como meninas perversas.

⁸⁸ “C’était la première fois qu’elle prenait la parole dans une assemblée d’hommes [...]. Elle parlait vite d’un ton assuré.” (SEMBÈNE, 2012, p. 151).

⁸⁹ “[...] personne ne peut mettre en doute les paroles de ces personnes” (SEMBÈNE, 2012, p. 336).

[...] Depuis quelque temps vous vous comportez comme des athées. Non seulement vous incendiez les demeures des gens paisibles, mais vous entravez la marche de la loi. [...]. Vous en répondrez devant le seigneur. Vous êtes sans honte et sans vergogne, vous abandonnez vos foyers et vos enfants pour courrir les rues telles des filles perverses (SEMBÈNE, 2012, p. 195.

Ao analisarmos tais pensamentos, fica evidente que a atuação das mulheres na greve dos operários expressa um desafio aos princípios da religião e às autoridades muçulmanas; ficando claro o papel da religião de reforçar seus dogmas para conter a fúria das mulheres.

Na tentativa de desmascarar a elite religiosa, o autor coloca personagens femininas conscientes da legitimidade das suas reivindicações e que não cedem às intimidações de um poder religioso corrompido, que se diz protetor da moral da sociedade. Essa crítica de demistificação, fundamenta-se através dos postulados de Ramatoulaye, dirigidos a Sérigne N´Dakarou e a Mabigué na delegacia: “essa gente não é parente, nem amiga, a gente sabe que ela está pronta a lambar o traseiro dos toubabouts para obter medalhas, isso todo mundo sabe.”⁹⁰ A flagrante insensibilidade dos chefes religiosos, diante do sofrimento da população, deu maior força à resistência feminina.

Com efeito, a partir do momento em que as mulheres resolvem entrar em ação, a narrativa acelera-se e ganha uma relevância gradativa, mas é necessário salientar que, o desejo da mulher para participar da luta contra a injustiça social, não acontece somente com a atitude de Ramatoulaye e das demais mulheres. Podemos observar, ao retroceder na narrativa, que o narrador já demonstrou a intenção da mulher de se libertar, através do comportamento de algumas jovens personagens.

Sob esta perspectiva, é interessante notar que, apesar de o alvo ser o mesmo (o desejo de se libertar da opressão e da exploração colonial), o elemento motivador da resistência se revela diferente. Referimo-nos aqui aos impactos e às consequências da escola na vida dos colonizados, especialmente no comportamento das personagens femininas.

A transmissão dos valores ancestrais e sua continuidade, nas gerações seguintes, foram sempre a preocupação maior das sociedades tradicionais, criando um receio acentuado com o surgimento da escola colonial. A inserção da mulher na escola

⁹⁰ “Ces gens-là ne sont ni des parents, ni des amis, ils sont prêts à lécher le derrière des toubabs pour avoir des médailles, tout le monde le sait” (SEMBÈNE, 2012, p.198).

representava, nas sociedades tradicionais, uma ameaça à preservação da tradição e dos bons costumes. No romance *Les bouts de bois de Dieu*, podemos dizer que a escolarização da mulher vira um assunto polêmico, pois era visto por um lado como causa principal de destruição dos valores tradicionais e morais e, por outro, como uma arma de luta e de resistência contra a subjugação e a opressão colonial. Essa ambiguidade ideológica aparece no romance através do comportamento de Ad'bidji'bi e de N'Dèye Touti.

Aluna da “Escola Normal”, N'Dèye Touti, a “escritora pública” do bairro, não se preocupava muito com as realidades sociais que afetavam a sua comunidade e não demonstrava também nenhum interesse em relação à greve dos operários negros:

Antes da greve ela frequentava a Escola Normal feminina, o que lhe dera nítida superioridade sobre os meninos, mas ao mesmo tempo, fazia dela a escritora do bairro. Ao redigir as cartas de amor ou os requerimentos, ao preencher as folhas de impostos, ela se sentia cada vez mais afastada de todos os que a rodeavam. Vivia como que a margem deles; suas leituras, os filmes que via lhe mantinham num universo onde os seus já não tinham lugar, tal como ela já não tinha lugar no deles.

Avant la grève, elle fréquentait l'École Normale de jeunes filles, ce qui lui donnait une nette supériorité sur les garçons mais en même temps faisait d'elle l'écrivain public du quartier. En écrivant leurs lettres d'amour ou leurs requêtes, en remplissant leurs feuilles d'impôts, elle se sentait de plus en plus éloignée de tous ceux qui formaient son entourage. Elle vivait comme en marge d'eux; ses lectures, les films qu'elle voyait, la maintenaient dans un univers où les siens n'avaient plus de place, de même qu'elle n'avait plus de place dans le leur (SEMBÈNE, 2012, p. 100).

Para N'Dèye Touti, o fato de frequentar a escola dos brancos fazia dela uma menina “evoluída”, uma mulher totalmente diferente das personagens femininas da concessão dos N'Diayène. Mergulhada num mundo de ficção e de sonhos, ela se distanciava da sua comunidade. Como ilustra Flaubert no seu romance descrevendo a personagem de Emma Bovary, podemos atestar também que N'Dèye Touti: “[...] fora marcada profundamente pela leitura de romances sentimentais e adquiriu personalidade sonhadora e romanesca que a fez desejar viver como as heroínas dos livros que lia” (FLAUBERT, 2014, p. 11). Iludida, ela procurava uma vida semelhante àquela que descobriu nos seus livros e nas suas revistas, uma vida à moda ocidental, luxuosa, diferente daquela que a cercava e da qual ela se envergonhava.

N'Dèye Touti vivia frustrada pelo cotidiano da sua comunidade e pela miséria diária, além disso, ela não se conformava com a convivência de personagens “não civilizadas” como o narrador explicita em um monólogo. No seu “bovarismo”⁹¹, ela esperava a chegada de um “amor” capaz de lhe proporcionar um futuro digno de uma mulher instruída e que lhe levaria para longe dos bairros “empestados” e cheios de entulhos, onde se acumulava toda a miséria da sua raça.

À luz desta análise, cabe dizer que a escola criou barreiras entre N'Dèye Touti e a sua comunidade; um afastamento físico e mental entre ela e a sua sociedade provocando, assim, um abismo entre o mundo “idealizado” e a “realidade”. Entretanto, a instrução colonial de N'Dèye Touti fez dela uma figura inteligente, embora a administração colonial não lhe permitisse uma inserção nessa comunidade ocidental. De acordo com Appiah: “[...] a política colonial francesa, em linhas gerais, foi de “assimilation” – transformar os africanos “selvagens” em negros e negras franceses evoluídos” (APPIAH, 1997, p. 20). Isso equivale a afirmar que o intuito do sistema educativo colonial não era instruir as populações subjugadas nem possibilitar sua inserção social, pelo contrário, era extrair, apenas, uma minoria de letrados, úteis para o funcionamento do sistema colonial de espoliação e reduzi-los a um complexo de inferioridade que devia levar-lhes a rejeitar a sua própria cultura.

Nesse sentido, podemos dizer que o narrador enfatiza o impacto negativo da escola sobre a vida de N'Dèye Touti, ao criar uma personagem solitária e marginalizada, que renega seus próprios valores comunitários, observando que as ferramentas de contato que ela possui da cultura ocidental como: livros, revistas e filmes projetados nos cinemas, ilustram apenas imagens desvalorizantes e degradadas do colonizado e sua cultura.

Salientamos, porém, que o narrador não se limita a apresentar as consequências da alienação cultural que levaram a jovem personagem a uma certa aculturação, ou seja, a abandonar seus valores sociais, mas ele cria nela um olhar crítico sobre algumas práticas sociais regressistas tal como a poligamia e, sobretudo, cultiva nela uma postura de resistência contra os preconceitos raciais como, por exemplo, quando ela se refere a sua professora como uma “colonialista atrasada”. Desse modo, a escola é para o

⁹¹ O termo bovarismo foi usado em 1892, pelo filósofo francês Jules de Gaultier, para explicar a insatisfação romanesca com a realidade que se revela na incapacidade de assumir uma posição crítica em relação aos romances lidos. Fazer esse paralelo com a personagem de N'Dèye Touti, ajuda a entender o abismo que se criou entre o mundo real e o imaginário.

romancista uma fonte de rompimento dos mitos, ou seja, um instrumento fundamental na construção de uma nova postura frente às questões de discriminação e de preconceito, mas, sobretudo, um instrumento indispensável que suscita a tomada de consciência das personagens femininas. Como alega o estudioso nigeriano Ade Ojo, a escola torna-se uma força irresistível, um instrumento de libertação, mas também de emancipar as mulheres (ADE OJO, 1980).⁹²

Quanto à jovem Ad'jibid'ji, filha adotiva de Bakayoko, dirigente do movimento grevista e maquinista da linha do Dakar-Níger, essa se identifica mais com o pai do que com a mãe. A jovem personagem passa a maior parte do tempo entre a escola e o sindicato, assistindo às reuniões dos ferroviários com o objetivo de se tornar um dia um “homem” e dirigir a “máquina rolante”, pois de acordo com seu pai, homens e mulheres terão um dia os mesmos direitos e passarão a desempenhar as mesmas funções. De fato, Ad'jibid'ji vai descobrindo um mundo masculino pelo qual ela se sente atraída. Seu desejo de romper as barreiras relacionadas ao gênero pode ser visto como uma interpretação de ruptura das fronteiras raciais, das desigualdades sociais e dos direitos reivindicados pelos trabalhadores negros. Entretanto, nessa empreitada de realizar o seu sonho, a pequena Ad'jibid'ji terá que enfrentar os preconceitos de sexo impostos pela lei da tradição e dos costumes, fortemente preservados pela sua avó, Niakoro.

Apesar dos protestos da Velha Niakoro, Ad'jibid'ji encontra sempre um meio de participar da greve dos operários. Mesmo sabendo dos perigos que corre, ao se engajar nos problemas dos grevistas, ela decide fazer parte do sindicato, dedicando-se ativamente nas reuniões, visando a melhorar as condições de vida dos operários negros na colônia. Ad'jibid'ji se revela o protótipo da mulher em uma sociedade moderna – a mulher emancipada, ciente dos problemas sociais que a cercam. Além da sua tomada de posição, sua instrução tem uma grande importância se considerarmos que o universo das suas leituras é voltado para questões que dizem respeito às revoluções sociais, como, por exemplo, quando o narrador revela a sua dedicação à leitura do romance *La condition humaine* (1933), de André Malraux. Romance em que o escritor francês descreve o percurso de um grupo de sindicalistas comunistas chineses, que se preparam para uma insurreição numa cidade contra a invasão francesa.

Ao contrário de N'Dèye Touti, a repercussão da escola sobre a personagem de Ad'jibid'ji incide sobre a maneira de conceber o mundo que a cerca, observando no seu

⁹² “L'école devient une emprise incoercible un instrument de libération... mais aussi d'émanciper les femmes” (ADE OJO, 1980).

cotidiano o sofrimento da sua comunidade, expressando o desejo de participar da luta. Além disso, o autor demonstra, por meio da personalidade de Ad'jibid'ji, um outro elemento importante que é o conflito ideológico entre ela e a Velha Niakoro. As divergências de opiniões, que culminam em incompreensões e intolerância originando um conflito entre os novos e os velhos, não são notadas apenas nos comportamentos dessas duas personagens, aparecendo também nas propostas do Velho Fa-Keita e de alguns grevistas.

Para a velha, representante da cultura tradicional, o sindicato constitui um espaço reservado aos homens e não às mulheres, e menos ainda para uma filha da sua idade: “Não é um lugar para uma mulher, muito menos para uma menina de sua idade. Por que ficar todo o tempo com os homens?”⁹³ Esse pensamento confirma o olhar preconceituoso que a sociedade tradicional sempre teve sobre a mulher, restringindo-a a um espaço familiar, o que quer dizer que na cultura africana o lugar das meninas é sempre ao lado das mães, com a finalidade de ajudar nos trabalhos domésticos. Mesmo assim, Ad'jibid'ji não se conforma com o que a sociedade lhe apresenta; pelo contrário, ela questiona, busca saber, tem curiosidade e tenta descobrir novos horizontes que até então eram reservados aos homens. Como bem destacada na seguinte fala de Spivak:

É, principalmente à mulher intelectual que [...] caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites dessa, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no lugar de trabalho (SPIVAK, 2014, p.18).

A escritora enfatiza, nesse fragmento, que o combate à subalternidade é de responsabilidade da mulher instruída – incumbindo a ela o papel de trilhar um espaço e de buscar as condições de se expressar, de articular o seu próprio discurso, rejeitando qualquer tipo de mediação paternalista ou qualquer entidade que possa representá-la. Assistimos, assim, ao nascimento de uma nova geração de mulheres instruídas que questionam a sua condição e recusam o lugar que lhe é concedido pela sociedade patriarcal.

Partindo dessa ideia, é interessante ressaltar que, essa busca de liberdade e de espaço próprio da mulher intelectual, encarnada no romance pela personagem de Ad'jibid'ji, cria um antagonismo ideológico entre ela e a Velha Niakoro. Observa-se

⁹³ “Ce n'est pas une place pour une femme, encore moins pour une fillette de ton âge. Qu'as-tu à passer tout ce temps avec les hommes?” (SEMBÈNE 2012, p.18).

que as divergências das duas personagens não se limitam unicamente à questão de gênero, mas interpelam a questão da língua do colonizador, da utilidade do idioma do outro na sociedade – “para que serve o *toubabou*” para o homem colonizado, sobretudo, para uma mulher retomando, assim, a fala da Velha Niakoro:

Para que serve o toubabou para uma mulher? Uma boa mãe não tem o que fazer com isso. Na minha linhagem, que também é a do teu pai, ninguém fala o toubabou e ninguém morreu por causa disso! Desde que nasci – e Deus sabe que faz muito tempo – nunca ouvi falar que um toubabou aprendeu o bambara ou outra língua deste país. Mas vocês, os desenraizados, só pensam nisso: em acreditar que a nossa língua está em decadência!

A quoi sert le toubabou pour une femme? Une bonne mère n'en a que faire. Dans ma lignée qui est aussi celle de ton père, personne ne parle le toubabou et personne n'en est mort! Depuis ma naissance – et Dieu sait qu'il y'a longtemps – je n'ai jamais entendu dire qu'un toubabou ait appris le bambara ou une autre langue de ce pays. Mais vous autres, les déracinés, vous ne pensez qu'à ça. À croire que notre langue est tombée en décadence! (SEMBÈNE, 2012, p. 18).

Aos olhos de Niakoro, falar a língua do colonizador era inconcebível. O contato com o francês constituía para ela uma ameaça real à tradição, assim como relata o narrador, ao afirmar que Niakoro nunca tinha dirigido uma palavra a um branco. O fato de que a neta se põe a falar o *toubabou*⁹⁴, língua do opressor que ela denomina de língua de “salvagem”, é sinônima de perda dos valores com os quais ela e toda a sua “linhagem” foram criadas, uma aberração, uma aculturação causada pela introdução da escola ocidental na sociedade. O que nos leva a dizer que Niakoro partilha as mesmas inquietações com o Pai Benfa, personagem no romance *Sous l'orage* (1957), de Seydou Badian. Ao observar as consequências nefastas da escola sobre os valores das tradições, o Pai Benfa alerta a filha Kany que a levou para escola com intuito de apreender a ler e a escrever, mas não de imitar os brancos. O embate entre a autoridade tradicional e a nova geração objetivando alçar-se à cultura ocidental configurou também uma das maiores preocupações da literatura africana pós-independência. Nesse viés, Mouralis destaca que a escola é muitas vezes apresentada como uma forma de opressão cultural,

⁹⁴ No romance, a palavra *toubabou* tem um duplo sentido. Ela significa a língua do colonizador que nesse caso é o francês e ao mesmo tempo designa o colonizador em questão. No entanto, é interessante destacar que o uso de expressões populares é muito frequente nos romances de Ousmane Sembène. De certo, isso é uma forma de deixar mais fluidos os sentimentos das suas personagens, um aspecto linguístico que testemunha, também, seu engajamento e seu desejo de querer reproduzir, tal qual, os sofrimentos e injustiças vivenciados pelo seu povo.

uma vez que participa da desnaturalização da cultura e da dissolução do sistema hierárquico da sociedade tradicional (MOURALIS, 1962, p.42).

A relação da língua do colonizador e a do colonizado se constrói no romance a partir de dois ângulos. Para a personagem de N'Dèye Touti, apreender a língua do colonizador é um meio de inserção no mundo desse e de acesso a uma nova posição social, diferente da qual ela vive, mas, quanto à Ad'jibid'ji, essa língua representa uma arma no combate à hegemonia do colonizador. Isso posto, interligar a inserção da mulher na escola a sua postura de resistência durante o movimento da greve dos operários negros é uma forma de Sembène retratar o surgimento da resistência feminina e do seu caráter engajado, o que quer dizer que a instrução da mulher possibilitou uma significativa mudança da sua condição social, contribuindo consideravelmente no processo de desmistificação do colonizador resistente a sua dominação.

Um elemento que merece ser destacado, segundo este viés, é o impacto comum da escola sobre a personalidade das duas personagens, proporcionando a elas um certo desejo emancipatório, uma vontade de ficar “livre” e “independente” como sentiu Ad'jibid'ji depois de ofender Niakoro, pronunciando a palavra *Alors* em francês. No entanto, abordar a temática do conflito de gerações, presente no romance, indicia que a ideia do autor não é incentivar o desprezo à cultura tradicional, mas convidar ao abandono de algumas práticas e preconceitos que impedem o progresso das sociedades africanas.

Examinando a ação das mulheres nesse movimento revolucionário, podemos enfatizar que à medida que elas conquistam o seu espaço na greve, elas não mais estão dispostas a assumir uma vida de submissão. Apesar da violência, da fome, da miséria e do massacre repetitivo pela polícia e pela milícia colonial, homens, mulheres e crianças ficaram unidos como nunca para derrubar o aparelho administrativo colonial. Após chorar seus mortos, crescia nelas uma energia nova, transformando a dor numa força incontrolável. Assim, dentro de todos esses acontecimentos virulentos, o heroísmo das mulheres continua crescendo. Elas criam o “Comitê das mulheres”, participam ativamente das reuniões sindicais e desta vez, ao ritmo dos tantãs⁹⁵, elas improvisam canções dedicadas à bravura dos maridos e profetizam a chegada de um futuro melhor.

⁹⁵ Na cultura da África negra, o tantã é um instrumento de música, mas também um instrumento linguístico, que serve de mensageiro entre as aldeias. Atualmente, em algumas etnias senegalesas como Mankanhe, o tantã é utilizado nas cerimônias funerárias como um instrumento de comunicação entre os mortos e os vivos.

Durante meses de confrontos e tentativas de negociações dos operários negros com a Direção da Companhia ferroviária, as mulheres da cidade de Thiès, juntas com seus maridos, resolvem empreender uma marcha de 70 km, (de Thiès a Dakar) para dissolver o impasse das negociações.

2.4.1. A marcha das mulheres

Perante a multidão, o cortejo das mulheres abria a marcha e, com as cangas amarradas nos cintos, os lençóis nas cabeças, a fila das mulheres formava no horizonte um mosaico de cores. Penda, líder do grupo das mulheres, com o seu “cinturão militar” nas ancas, monitorava rigorosamente a marcha. Sob o sol escaldante, misturados aos gritos e ao ritmo dos tantãs, homens e mulheres atravessavam aldeias e a paisagem seca, deixando para trás de si espanto e admiração que, em “memória de homem”, ninguém tinha visto tal determinação.

Assim que os discursos de negociações dos maridos foram barrados, a marcha das mulheres entrava como um gatilho para uma mudança social. Algo impactante devia entrar em jogo e trazer mudança no desenvolvimento do enredo e, sem dúvida, a marcha das mulheres marcou o ponto culminante da narrativa.

Durante três dias de caminho para Dakar, sob forte calor, as caminhanças, em fila única, seguidas do cortejo dos homens, entoavam sob a direção de Maïmouna, a cega, canções de resistência. Sabemos que na África, as canções têm um valor muito simbólico. Ligadas fortemente à cultura, uma canção pode refletir de maneira explícita ou implícita a forma de pensar e de se expressar. A incorporação das canções na marcha das mulheres tem um duplo sentido no romance. Por um lado, ela evidencia a coragem e a força de determinação das caminhanças, e, por outro simboliza o triunfo da liberdade e da emancipação dessa comunidade oprimida.

Assim, evocando a personagem de Maïmouna dentro dessa longa marcha das mulheres, o narrador quer atrair a nossa atenção sobre a força impressa em suas personagens femininas. Além de ser cega e de perder um filho nas manifestações, Maïmouna se juntou à marcha e, assim como todas as outras mulheres, decide enfrentar todos os obstáculos e participar da luta pela dignidade e pela transformação radical da comunidade. É importante destacar que Maïmouna é descendente de uma longa linhagem de *griot* (trovador). Na escala da hierarquia social tradicional senegalesa, especificamente, uolof, o *griot* representava a casta inferior e era símbolo da classe

impura, ao mesmo tempo em que simbolizava a preservação e transmissão da memória cultural do seu povo (HEAM, 2004, p.132). Como contador de história e arquivista da memória do passado, o *griot*, representado em *L'harmattan* de Ousmane Sembène, é o testemunho dos sofrimentos e da miséria da sociedade africana:

Eu me lembro, no entanto, que uma vez nesta África que passa por clássica, o griot não era apenas o elemento dinâmico da sua tribo, clã, aldeia, mas era o testemunho patente de cada evento (SEMBÈNE, 1980)⁹⁶.

No episódio em que a marcha das mulheres liga as duas cidades (Thiès e Dakar) substituindo a trajetória do trem, revela-se, então, todo o potencial escondido das mulheres, a sua força de resistência ao sofrimento e à opressão. Sob esta ótica, podemos atestar que o narrador nos revela um dos objetivos essenciais do romance: que é o de reconstruir uma nova imagem da mulher – a mulher capaz de mudar a visão da sociedade sobre si mesma e de lançar as bases do progresso. A mudança da mentalidade da personagem feminina pode ser exemplificada mediante o monólogo de Maïmouna ao refletir sobre aquilo que ela pretende fazer da sua vida “quando terminar a greve”. Assim, com a representação ficcional da mulher na história da greve dos operários, Ousmane Sembène quer chamar a atenção dos homens tradicionalistas sobre o fato de que nenhum argumento justifica a inferioridade da mulher, ao contrário, foi o homem que marginalizou a mulher para poder dominá-la.

Todavia, não podemos falar do heroísmo das mulheres de Thiès, nesse romance, sem evocar o papel engajado de Penda durante a greve. Conhecida como uma “puta”, uma “mulher da vida”, Penda levava uma vida de boemia: “[Ela] era habituada a este tipo de fuga, e ninguém tentava dissuadí-la. Desde a mais tenra infância, ela tinha dado provas de uma independência que fora crescendo com a idade.”⁹⁷ Chamada de “piting” pelas mulheres, Penda atraía todos os homens pelo fato de ser estéril, sobretudo, pelo fato de se considerar uma mulher livre que sente desejos e os satisfaz com toda liberdade. Com essa característica contrária à moral da sociedade, Penda forjou uma

⁹⁶“Je me souviens pourtant que jadis, dans cette Afrique qui passe pour classique, le griot était non seulement l'élément dynamique de sa tribu, clan, village, mais aussi le témoin patent de chaque événement” (SEMBÈNE, 1980). (Esse excerto foi extraído no prefácio do romance e não é numerado).

⁹⁷ “[elle] était coutumière de ce genre de fugues, et personne n'essayait plus de la retenir. Dès sa plus tendre enfance, elle avait donné des preuves d'une indépendance qui n'avait cessé de croître avec l'âge” (SEMBÈNE, 2012, p. 218).

personalidade para se fazer respeitar como descrito pelo narrador: “a voz de Penda era dura, ela tinha o hábito de tratar as pessoas com frieza.”⁹⁸ Uma postura que lhe permitiu impor-se e realizar tarefas que o sindicato lhe confiava durante a greve. Por outro lado, esse comportamento lhe permitia se posicionar como mediadora e pacificadora das relações entre marido e mulher, como aparece nas cenas de distribuição dos alimentos.

Independentemente do olhar que a sociedade tinha dela, Penda soube se destacar nos momentos cruciais da greve. Com sua gara, ela enfrentou os preconceitos de uma sociedade em que a mulher não casada era vista como prostituta. Para se posicionar nessa luta de interesse coletiva, durante a reunião dos grevistas com a administração colonial, Penda incentivou a marcha das mulheres para Dakar, segundo os seguintes termos:

Eu falo em nome de todas as mulheres, mas eu sou apenas a porta-voz. Para nós esta greve é a possibilidade de uma vida melhor. Ontem ríamos juntos, hoje, nós choramos com as nossas crianças diante das nossas panelas onde nada ferve. Nós devemos manter a cabeça erguida e não ceder. E amanhã nós marcharemos até N'Dakarou.

Je parle au nom de toutes les femmes, mais je ne suis que leur porte-parole. Pour nous cette grève, c'est la possibilité d'une vie meilleure. Hier nous riions ensemble, aujourd'hui nous pleurons avec nos enfants devant nos marmites où rien ne bouillonne. Nous devons de garder la tête haute et de ne pas céder. Et demain nous allons marcher jusqu'à N'Dakarou. (SEMBÈNE, 2012, p. 288)

Ao assumir para si a responsabilidade de falar em nome das mulheres, a atitude de Penda impõe uma imagem significativa para a resistência e para a emancipação da personagem feminina, visto que o autor privilegia na sua narração a visão da mulher. Todavia, podemos atestar que, ao colocar nessa narrativa a imagem da mulher prostituta, infértil e indomável, que não sacrifica seus desejos pessoais em prol das normas sociais, Ousmane Sembène quer exaltar, por meio da liberdade sexual de Penda, a imagem da mulher dona do seu corpo, consciente do poder atrativo dele em relação aos homens e utilizando-o para se autoafirmar. Em outras palavras, podemos enfatizar que o narrador faz uma representação da prostituição na sua forma positiva, na medida em que ele se serve desta imagem para quebrar os prejuízos sociais sofridos pelas personagens femininas. Assim sendo, a representação da prostituição no romance passa a ser uma forma de expressão de liberdade e independência da mulher.

⁹⁸ “la voix de Penda était dure, elle avait l'habitude de rudoyer les hommes” (SEMBÈNE, 2012, p.218).

Nesse contexto, a tomada de consciência de um desejo de independência e de emancipação se revelou decisiva, pois, ajudou as mulheres a se afirmarem e a reivindicarem uma posição digna. Sob este ponto de vista, a colonização contribuiu para a aquisição da emancipação da mulher e para a destruição de alguns valores tradicionais, que retrocedem a imagem da mulher na sociedade senegalesa. Embora o acesso à escola estivesse limitado, ele permitiu à mulher chegar às funções de responsabilidade social importantes, contribuindo na reversão do papel subalterno da mulher, no âmbito familiar e público. Além disso, a aspiração de Sembène é a de transcender as barreiras artificiais que sufocam a sociedade senegalesa para construir um futuro melhor no plano político e socioeconômico.

Depois de um longo período de abnegação, de solidariedade e de resistência, o movimento grevista obteve enfim a satisfação, um triunfo que se revela nessa narrativa como uma abertura para o caminho da liberdade e da independência dos povos colonizados. Assim, de posse desses instrumentos analíticos, podemos concluir que as ações de resistência conduzidas pelas personagens femininas se revelaram como uma expressão de libertação da figura feminina, visto que ela passou a adotar uma atitude de maior confronto contra a opressão, lutando ativamente pelos seus direitos e pelo interesse coletivo, assim como evidenciado por (GADJIGO; NIANG, 2010):

Esses personagens encarnam um novo papel para as mulheres na história. Mediante sua imagem, desenha-se uma releitura das lutas que ritmaram os períodos coloniais e pós-coloniais, a elaboração de uma nova historicidade buscando restaurar o determinismo dos homens bem como o das mulheres (GADJIGO; NIANG, 2010, p. 139)⁹⁹.

Como evidenciado no fragmento acima, as personagens femininas não se limitaram somente a enfrentar o poder colonial, mas desafiaram também uma sociedade devassada pelo olhar tradicional e pela autoridade religiosa que as assujeitavam, limitando-as a um papel restrito ao lar. O confronto progressivo que as mulheres desencadearam em relação ao domínio dos homens, fez com que elas passassem a assumir novas responsabilidades. A participação de ambos na luta facilitou o entendimento mútuo e desenvolveu um respeito à mulher como igual e parceira. Portanto, ao colocar a mulher nesse contexto ficcional da greve dos operários, Ousmane

⁹⁹ “Ces personnages incarnent un nouveau rôle pour les femmes dans l’histoire. À travers leur image se dessine une relecture des luttes ayant rythmé les époques coloniales et postcoloniales, l’élaboration d’une nouvelle historicité cherchant à restituer l’agentivité des hommes aussi bien que celles des femmes” (GADJIGO; NIANG, 2010, p. 139).

Sembène enfatiza uma revolução no âmbito sociocultural e psicológico da mulher senegalesa, que lhe permitiu ter acesso à expressão pública, mesmo sendo ainda dominada pelo poder masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais

Este trabalho de pesquisa procurou de forma coerente e explícita abordar a problemática das relações entre negros e brancos, enquadrando-as em um contexto colonial caracterizado pela brutalidade, violência e discriminação racial. Relações antagônicas de forças evidenciadas no romance *Les bouts de bois de Dieu*, de Ousmane Sembène através do movimento da greve dos operários negros, sendo explorados pela administração francesa na ferrovia do Dakar-Níger.

Partindo da representação ficcional do movimento de revolta de 1947, em que se ostenta o realismo cruel e patético vivenciado pela classe operária negra, o romancista senegalês nos apresenta uma síntese da experiência do sindicalismo na África. Ao delinear o movimento de revolta e a vontade obstinada de resistência dos operários negros decorrentes das suas condições miseráveis de trabalho, Sembène retrata um dos episódios mais marcante da história do movimento operário no Senegal e no Sudão Francês durante o período colonial.

Como alega Coquery-Vidroch (1992), a sublevação dos ferroviários do Senegal desempenhou um papel se não precursor, bastante relevante na formação do sindicalismo africano. Isso posto, podemos concluir que a interpretação de *Les bouts de bois de Dieu* não é apenas uma mera descrição de uma intrigada narrativa, mas uma enciclopédia da história dos movimentos trabalhistas africanos e da luta contra a negação dos direitos do trabalhador negro, durante o período de dominação colonial. Por essa razão, podemos dizer que a literatura negro-africana e a realidade estão estritamente ligadas, sendo aquela a fonte de que o escritor se inspira, configurando-se também em objeto literário.

A representação do movimento de contestação social permitiu observar uma parte da realidade política e social do continente negro, posto que, a ação narrativa desenrola-se na véspera da década de 60, período que podemos chamar de “tempo das independências”, momento em que a maioria dos povos colonizados toma consciência da sua força e decide tomar seu próprio destino em mãos, contribuindo, sem dúvida, para o rompimento da ideologia colonial e nascimento de uma autonomia nacional. Nessa ótica, destaca-se que além de ser uma obra realista, *Les bouts de bois de Dieu* é um romance de reconstrução da história, à medida em que o romancista exprime e reflete as aspirações dos povos negros, no momento em que eles assumem a

responsabilidade de dirigir seu próprio destino e de se posicionar como autores da sua história.

Após anos de colonização, vestindo-se da personalidade do outro, o negro procura reparar os prejuízos repetidos durante séculos no que se refere a sua identidade e seus direitos. Entretanto, a tomada de consciência lúcida das condições desumanizantes dos colonizados nos faz penetrar num universo em transição, em que eles decidem refazer a visão que o outro tem sobre ele, ao subverter o monopólio da representação. Dessa forma, *Les bouts de bois de Dieu* constituiu um elemento ficcional que tem como objetivo demonstrar um mundo em plena mudança, que se efetiva através de uma luta coletiva cujo protagonista é o povo. Trata-se, então, de construir uma África nova numa perspectiva autóctone que tem como intuito ressuscitar e valorizar a imagem dos africanos.

Todavia, observa-se que as sequelas do enfrentamento entre oprimidos e opressores, nessa tentativa de libertação, tal como descrita no romance, revelou-se muito nefasta para a comunidade negra. Através da ação do movimento da greve, o romancista não teve somente como objetivo principal transpor e interpretar as atribulações cotidianas dos povos oprimidos, mas descrever também a determinação do operário negro em romper a violência e a dominação avassaladora do branco.

Cabe sublinhar que a representação da resistência no romance de Sembène expressa-se de diferentes formas e intensidade. Além da resistência contra o poder da administração, os operários negros, em particular as mulheres, tiveram que enfrentar algumas práticas e um sistema de valores tradicionais obsoletos que tendiam a frear as tendências revolucionárias e a dificultar a mudança sócio-política e econômica.

Uma mudança desejada e reclamada pelos colonizados, que se torna visível através do papel decisivo das personagens femininas. Ao colocar a mulher nessa narrativa, o romancista faz questão de nos apresentar os dois tipos de mulheres que figuram nas sociedades africanas do período colonial. As mulheres dóceis, submissas e moldadas pelas normas do patriarcalismo e as mulheres revoltadas, que não aceitam mais com passividade suas condições de vítimas, pois, carregam nelas o espírito de combate. O papel que lhe concede o romancista na narrativa é muito relevante, uma vez que ele se serve delas para sinalizar um momento de ruptura e de questionamento dos valores sociais.

A tomada de posição das personagens femininas, a favor da causa operária e do interesse coletivo, testemunhou uma eficiência simbólica de transformação, à medida

em que mobilizou a consciência dos trabalhadores e transformou os primeiros momentos de desespero desses em confiança e euforia. Essa intervenção inesperada das mulheres na luta ajudou a desencadear uma greve geral que obrigou a administração colonial a abrir novos processos de negociação com os operários negros, atitude simbólica que sem dúvida propiciou o triunfo do movimento de reivindicação e a inserir o negro em cargos administrativos e políticos.

Embora o romance encene uma vitória do colonizado sobre o colonizador que pressupunha o rompimento das barreiras sociais e o fim do sofrimento. Mas, nós sabemos que na realidade esse triunfo ainda está longe de resolver os problemas dos africanos e de desencadear o desenvolvimento do continente. Constatase que anos após as independências, os países africanos ainda que libertos enfrentem grandes obstáculos no processo de construção de nações democráticas, visto que os africanos continuam carregando o legado colonial na sua estrutura política econômica. Dessa forma, podemos afirmar que o delineamento ficcional do passado colonial permite ao leitor entender o presente a fim de depreender os problemas que continuam a enfraquecer e a retardar o progresso do continente.

No nível político, a herança colonial no continente africano deixou aberto o caminho para a perpetração da influência europeia, fazendo com que os governos africanos continuassem a viver sob a dependência de seus ex-colonizadores. De acordo com tal argumento, é evidente que a colonização nunca deixou de existir, pois os novos países livres continuam sendo parte do ideal das potências europeias, promovendo essas últimas uma maior visibilidade e poder no sistema internacional. Uma situação deplorável que continua favorecendo a exploração do continente negro.

REFERÊNCIAS

Referências

- ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ADE OJO, Samuel. André Malraux et Sembène Ousmane: créateurs des romans prolétaires historique. **Peuples Noirs, Peuples Africains**, Rouen, 3^e année, n. 17, p.117-134, 1980.
- ALBUQUERQUE, Caterina. Direitos da criança: as Nações Unidas, a Convenção e o Comité. In: _____. (Org.). **Documentação e direito comparado**. Lisboa, n. 83/84, jul./dez. p. 23-54, 2000.
- ALVES, Augusto Lindgren. **Relações internacionais e temas sociais: a décadas das conferências**. Brasília: IBRI, 2001.
- APPIAH, Kwamé Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BADIAN, Seydou. **Sous l'orage**. Paris: Les Presses Universelles, 1957.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Barnadini. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BALANDIER, Georges. Problématique des classes sociales en Afrique noire. **Les Cahiers de Sociologia**, Paris, v. 38, jan./juin, p.131-142, 1965.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1990.
- _____. **O segundo sexo**. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELINGA, Samuel Martin. **La littérature orale africaine**. Paris: Nathan, 1978.
- BENSALAH, Mohamed. Sembène Ousmane. Une conscience africaine, un destin hors du commun. **Asaru cinema**. Dakar, n° 7, juil. p. 28-30, 2009.
- BERGUI, Khadija. Les personnages féminins de Sembène Ousmane ou la marginalisation au deuxième degré. **Revue de la Faculté des Lettres et des Sciences Humaines**, Dakar, n. 4, p. 57-67, 2006.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra, ou o albergue do longinquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- BERND, Zilá. **O que é a negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BESTMAN, Adiyi Martin. L'esthétique romanesque de Sembène Ousmane. **Études Littéraires**, Quebec, v. 7, n. 3, p. 395-403, 1974.

_____. Les bouts de bois de dieu: une sollicitation révolutionnaire. **Peuples Noirs, Peuples Africains**, Rouen, n. 40, p. 65-80, 1984.

_____. Paulin Vieyra, Sembène Ousmane cinéaste. **Études Littéraires**, Québec, v.7, 3, p. 495-497, 1974.

BIYIDI, Odile et al. La colonisation française en Afrique. In: THIMONIER, Olivier (Org.). **La France coloniale d'hier et d'aujourd'hui**. Paris, out. Survie, p. 7-15, 2006.

BOAHEN, Albert Adu. A África diante do desafio colonial. In: _____. (Org.). **História geral da África: a África sob dominação colonial: 1880-1935**. Tradução de João Alves dos Santos. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1985. v. 7.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOTO, Eza. **Ville cruelle**. Paris: Présence Africaine, 1971.

BRUNSCHWIG, Henri. **A partilha da África negra**. Tradução de Joel J. Da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Coleção Khronos, 6).

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1973.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1964.

CASANOVA, Pascal. **A República mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CÉSAIRE, Aimé. **Discours sur le colonialisme**. Paris: Présence Africaine, 1955.

CHEVRIER, Jacques. **Les littératures africaines dans le champ de la littérature comparatiste: contribution au précis de la littérature comparée de Pierre Brunel et Yves Chevrel**. Paris: PUF, 1989.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CISSÉ, Saloum. Valeurs morales et structures traditionnelles de jeunesse. **Ethiopiennes: revue socialiste de culture négro-africaine**, Dakar, n. 31, p. 00-00, 1982.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. **Les africaines: histoire de femmes d'Afrique noire du XIX^{ième} au XX^{ième} siècle**. Paris: Desjonquères, 1992.

_____. Le temps des colonies. Le pillage de l'Afrique noire. **Collections**, Paris, n. 1, avril, 2001. Disponível em: <<http://www.histoire.presse.fr/collections/le-temps-des-colonies/le-pillage-de-l-afriquenoire-05-04-2001-10208>>. Acesso em: 16/09/2016.

DIAS, Augusto Silva. **Faz sentido punir o ritual do fanado? reflexões sobre a punibilidade da excisão clitoridiana**. Disponível em: <<http://www.fd.ulisboa.pt/wpcontent/uploads/2014/12/Dias-Augusto-Silva-Faz-sentido>

punir-o-ritual-do-fanado-Reflexoes-sobre-a-punibilidade-da-excisao-clitoridiana.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2016.

DILMAS, Antonio. **Espace e romance**. São Paulo: Ática, 1985.

DIOUF, Mamadou. Assimilation coloniale et identités religieuses de la civilité des originaires des Quatre Communes (Sénégal). **Canadian Journal of African Studies= Revue Canadienne des Études Africaines**, Montreal, v. 34, n.º 3, 2000, p. 565-587.

ESSANGUI, François. **Le Magazine Littéraire**, n. 40 de dezembro 2003. Disponível em: <<http://www.magazine-litteraire.com/actualite/breve/nouveau-redacteur-chef-au-magazine-litteraire-32844>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

FALL, Gana. **Les marabouts sénégalais et le pouvoir colonial de 1854 à 1945**. **Revue Liens**, Dakar : Ucad, 2008. Disponível em : <<https://pt.scribd.com/doc/36993483/Les-marabouts-senegalais-et-le-pouvoir-colonial-de-1854-a-1945>>. Acesso em : 23 nov. 2015.

FAUGÈRE, Elsa; MERLE, Isabelle. **La Nouvelle-Calédonie, vers un destin commun?** Lieu: Karthala, 2010.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martim Claret, 2014.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERHAT, Abbas. **Le jeune algérien, la jeune parque**. Paris: Garnier, 1931.

FERRO, Marc. **A história das colonizações: das conquistas às independências, século XIII a XX**. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed . Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Dits et écrits (1976-1988)**. Paris: Gallimard, 2001, v. 2.

GADJIGO, Samba. **Ousmane Sembène: une conscience africaine**. Paris: Présence Africaine, 2007.

GADJIGO, Samba; NIANG, Sada. **Un viatique pour l'éternité: hommage à Ousmane Sembène**. Dakar: Papyrus Afrique, 2010.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GAUCHER, Joseph. **Les débuts de l'enseignement en Afrique francophone: Jean Dard et l'école mutuelle de Saint-Louis du Sénégal**. Paris: Le Livre Africain, 1968.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, estado e revolução**. Tradução de Natália Angyalossy Alfonso. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Temas para a questão meridional**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUEYE, M'Baye; BOAHEN, Albert Adu. Iniciativas e resistência africanas na África Ocidental|: 1880-1914. In: _____. (Org.). **História geral da África: a África sob dominação colonial: 1880-1935**. Tradução de João Alves dos Santos. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1985. v. 7.

HEAM, Adrian. Guardians of culture: the controversial heritage of senegalese Griots. **The Australian Journal of Anthropology, Richmond**, v. 15, n. 2, p. 132, 2004.

HERNANDEZ, Leila Leite. Movimentos de resistência na África. **Revista de História**, São Paulo, n. 141, p. 141-150, 1999.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

KANE, Cheikh Hamidou. **L'aventure ambiguë**. Paris: Julliard, 1961.

KESTELOOT, Lilyan. **Les écrivains noirs de langue française: naissance d'une littérature**. Bruxelles: Institut de Sociologie, 1963.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Tradução de Américo de Carvalho. Paris: Hatier, 1972.

KOUROUMA, Ahmadou, **Monné, outrages et défis**. Paris: Seuil, 1990.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro: depressão e melancolia**. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LEBEL, Roland. **Histoire de la littérature coloniale en France**. Paris : Larousse, 1931.

LEFEVERE, Andre. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. O Romance como Epopeia Burguesa. **Revista Ad Hominem 1**, Tomo 3, Música e Literatura. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, p. 87- 136, 1999.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Tradução de Maria Lucia Cano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução de Marcos Marcionilo, São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MBENGUE, Mamadou Seyni. La grève tragique des cheminots de Thiès. **Ethiopiens**: revue socialiste de culture négro-africaine, Dakar, n. 2, 1975.

MBOW, Penda. L'islam et la femme sénégalaise. **Ethiopiens**: revue négro-africaine de littérature et philosophique, Dakar, n. 66/67, 1/2, 2001.

MENDILOW, Adam Abraham. **O tempo e o romance**. Tradução de Flávio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.

MENESES, Maria Paula. O indígena africano e o colono 'europeu': a construção da diferença por processos legais. Silvia Rodríguez Maeso (Org). **E-Cadernos CES - Identidades, cidadanias e estado**, Coimbra, n. 07, p. 68-93, 2010.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MERLE, Isabelle. Sujets d'empire. **Genèses**: sciences sociales et histoire, Paris, n. 53, p. 2-3, 2003.

MIDIHOHOUAN, Guy Ossito. **L'idéologie dans la littérature négro-africaine d'expression française**. Paris: L'Harmattan, 1986.

MOURA, Jean Marc. **Littératures francophones et théorie postcoloniale**. Paris: Quadrige: PUF, 1999.

MOURALIS, Bernard. **L'illusion de l'altérité**: études de littérature africaine. Paris: Champion, 2007.

_____. L'oppression culturelle: la religion et l'école. In: _____. (Org.). **Individu et collectivité dans le roman négro-africain d'expression française**. Abidjan: Université d'Abidjan, 1969. (Annales de l'Université d'Abidjan, série D, Lettres, tome 2).

NASCIMENTO, Flávia. A ficção e seus outros: história e testemunho em Alá e as crianças-soldados, de Ahmadou Kourouma. In: DIAS, Maria Heloísa Martins; PITERI, Sônia Helena de Oliveira Raymundo (Org.). **A literatura do outro e os outros da literatura**. São Paulo: Editora da Unesp: Cultura Acadêmica, 2010.

NDOUR, Birame. De l'histoire des cheminots du Sénégal (1890-1948). **Pratiques sociales et travail en milieu urbain**, Dakar, les cahiers n° 12, p. 9-18, 1990.

NOVAIS, Fernando. Recôndito do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

NZABATSINDA, Anthère. La figure de l'artiste dans le recit d'Ousmane Sembène. **Études Françaises**, Montreal, v. 31, n. 1, p. 51-60, 1995.

_____. **Normes linguistiques et écritures africaines chez Ousmane Sembène**. Paris: Gref, 1996.

PIAGET, Jean. **A tomada de consciência**. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de teoria da narrativa**. Coimbra: Ática, 1988.

SALA-MOLIN, Louis. **Le code noir ou le calvaire de canaan**. Paris: PUF, 1987.

SCHARFMAN, Ronnie. Fonction romanesque féminine: rencontre de la culture et de la structure dans les bouts de bois de dieu. **Ethiopiennes**: revue socialiste de la culture négro-africaine (nouvelle série), Dakar, v. 1, n. 34/35, 1983.

SEMBÈNE, Ousmane. **Les bouts de bois de Dieu**. Paris: Le Livre Contemporain, 1960/2012.

_____. **Ô pays mon beau peuple!** Paris: Le Livre Contemporain, 1957.

_____. **Le docker noir**. Paris: Présence Africaine, 1956.

_____. **Le mandat précédé de vehi-ciosane**. Paris: Présence Africaine, 1966/2000.

_____. **Niiwam, suivi de taaw**. Paris: Présence Africaine, 1987.

_____. **L'harmattan**. Paris: Présence Africaine, 1980.

_____. **Xala**. Paris: Présence Africaine, 1973.

SENGHOR, Léopold Sédar. **Lusitanidade e negritude**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1975.

SONKO, B. Le conflit en Casamansa: une guerre civile oubliée. **Codesria Bulletin**, n. 3/4, p. 35, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulard Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STAM, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992.

TAOUA, Phyllis. Présentation: le rendez-vous d'Ousmane Sembène avec la modernité africaine. **Études Littéraires Africaines**, Québec, n. 30, p. 6-19, 2010.

VENTURA, Rodrigo. Os paradoxos do conceito de resistência: do mesmo à diferença: **Estudos de Psicanálise**, Aracaju, n. 32, nov. p. 153-162 2009.

VERNIZINI, Rosangela Nascimento. **Erotismo e transgressão**: a representação feminina em A polquinha de Dalton Trevisan. 2006. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/6605/Erotismo;jsessionid=A521D6ED5EA7AAD9678A2E728CD72DB9?sequence=1>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

WA-THIONGO, Ngugi. **Um grão de trigo**. Tradução de Roberto Grey. Rio de Janeiro: Objetiva, 1967.

WOOTEN, Sphen. **The french in West Africa**: early contact to independence. Urbana: Department of Anthropology, University of Illinois, 1993. Disponível em: <http://www.africa.upenn.edu/K-12/French_16178.html>. Acesso em: 9 out. 2016.

ANEXOS

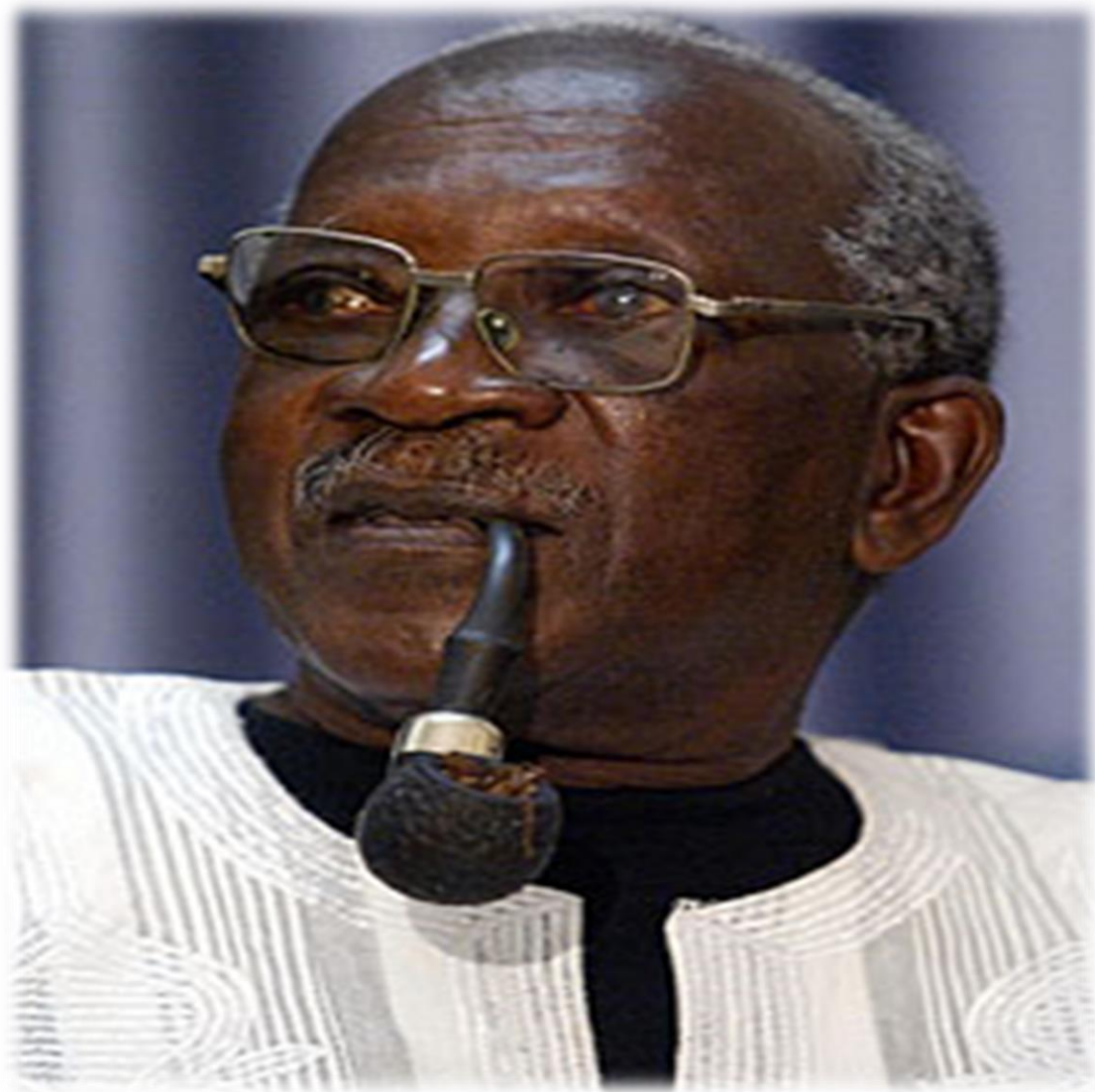
**Mapa histórico das ferrovias Dakar Saint-Louis - Dakar Níger
(1882 a 1923)¹⁰⁰**



Fonte: <<http://www.erudit.org>>. Acessado em: 23/11/2016.

¹⁰⁰ A linha Dakar-Thiès-Saint Louis (1882 a 1885). A linha Kayes-Bamako-Koulikoro (1881 a 1904)
A linha Thiès-Kayes (1907 a 1923), mantendo a ligação de Dakar-Níger.

Retrato de Ousmane Sembène (1923 - 2007)



Fonte: <<http://www.babelio.com>>. Acessado em: 12/08/2016.